



TRADUÇÃO - TEXTO CLÁSSICO

CARL ROGERS EM DIÁLOGO COM B. F. SKINNER (1962) * **

DOI: <https://doi.org/10.62506/v8ngvr68>

CARL R. ROGERS & B. F. SKINNER

Burrhus Frederic Skinner nasceu no dia 20 de março de 1904, em Susquehanna, nordeste da Pensilvânia. Filho de William, advogado, e Grace Burrhus Skinner. Criado em um ambiente descrito como caloroso e estável, Skinner era uma criança dinâmica e questionadora, fascinada por mecânica, estava “sempre construindo algo”.

Ele também desenvolveu um amor pela leitura e pela escrita. Se formou em literatura pelo *Hamilton College*, em Clinton, Nova York. Nos seus dois últimos anos de graduação, participou do workshop Breadloaf para escritores em Middlebury, Vermont, onde Robert Frost encorajou o jovem escritor. Depois de ganhar o *Hawley Greek Prize*¹ e se formar na *Phi Beta Kappa*², passou o ano seguinte escrevendo ficção e “descobriu o infeliz fato de que não tinha nada a dizer”. Embora tenha abandonado a escrita de ficção, manteve seu interesse pelo comportamento humano.

Em 1928, intrigado com os escritos de Bertrand Russell e John B. Watson, decidiu fazer pós-graduação em psicologia na Universidade de Harvard, onde concluiu seu doutorado em 1931. Permaneceu em Harvard conduzindo pesquisas em psicologia experimental por mais cinco anos. Casou-se com Yvonne Blue em 1936. O casal teve duas filhas.

Skinner lecionou na Universidade de Minnesota entre 1936 e 1945, seguido por quase três anos como professor de psicologia e chefe de departamento na Universidade de Indiana em Bloomington. Em 1947, foi convidado a retornar a Harvard para ser *William James Lecturer*³ e, posteriormente foi nomeado professor universitário em 1948. Ele permaneceu em Harvard até sua aposentadoria em 1974 e continuou depois disso como professor emérito.

Skinner, como cientista rigoroso, em seus experimentos, concentrou-se no comportamento espontâneo de um organismo em resposta ao seu ambiente. Ele chamou esse comportamento de “operante”, e quando o comportamento era reforçado – seja positivamente, para encorajar, ou negativamente, para desencorajar – o chamou de “condicionamento operante”. Durante a Segunda Guerra Mundial, Skinner fez experiências com pombos acreditando que o condicionamento operante poderia ser usado para treiná-los para realizar tarefas como guiar mísseis, bombas ou torpedos para interceptar e destruir aeronaves inimigas. Embora o plano tenha se mostrado viável, ele nunca foi implementado.

Foi depois da guerra, em 1945, quando publicou um artigo no *Ladies' Home Journal*⁴, que Skinner foi reconhecido nacionalmente pela primeira vez. Nele, descrevia o “berço aéreo” que havia projetado e construído para sua filha primogênita. Era uma caixa do tamanho de um berço, climatizada, à prova de som e com janela deslizante de vidro de segurança, projetada para proporcionar um ambiente ideal para o bebê. Embora tenha despertado interesse expressivo, vários pediatras e psicólogos infantis proeminentes expressaram hesitação, e nunca foi amplamente fabricado. Skinner defendeu dizendo: “A ideia era proporcionar à criança um ambiente confortável e estimulante”.

Acreditando que poderia haver uma ciência do comportamento independente da neurologia, fisiologia ou psicologia, que abarcariam conceitos como “mente”, “pensamento”, “objetivos” e “sentimento”, Skinner concentrou todo o seu trabalho no comportamento observável e seus reforços. Com décadas de pesquisa, ensino e escrita, ele se tornou a figura principal na escola de psicologia comportamental. Não somente os princípios da psicologia comportamental e do condicionamento operante são ensinados em faculdades e universidades ao redor dos Estados Unidos e grande parte do mundo, como esses princípios exerceram também uma profunda influência em diversos cam-

¹ O “Prêmio Hawley de Grego” refere-se mais comumente aos Prêmios Hawley em Grego e Latim, concedidos pelo *Hamilton College* por excelência em estudos de Grego e Latim. Esses prêmios são concedidos a alunos que demonstram realizações excepcionais nessas disciplinas (Nota dos Revisores).

² Sociedade de honra dos Estados Unidos, fundada em 1776. Skinner foi indicado a compor a sociedade em 1926, quando estudava literatura no *Hamilton College* (N. dos R.).

³ *Lecturer* é um especialista acadêmico contratado para lecionar em período integral ou parcial, que também pode realizar pesquisas. As “William James Lectures” são uma série de conferências e palestras patrocinadas pelos departamentos de Psicologia e Filosofia da *Harvard University*, criadas em homenagem ao iminente pensador William James (1842-1910), que fora docente da instituição. O programa principiou em 1930, com dotação legada por Edgar Pierce, outro ex-docente de Harvard e continua até os dias atuais, envolvendo figuras de renome de várias áreas do conhecimento (N. dos R.).

⁴ Foi importante uma revista feminina estadunidense, que apresentava uma variedade de conteúdo, incluindo ficção, não ficção e artigos sobre causas sociais, além de ilustrações e anúncios (N. dos R.).

* Originalmente publicado em Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers: Dialogues* (pp. 79-152), Houghton Mifflin Company, Boston. Nossos mais sinceros agradecimentos aos editores Howard Kirschenbaum e Valerie Land Henderson, bem como a Natalie Rogers, pela gentileza de autorizar a tradução do presente diálogo. Há dois outros diálogos de Rogers, da publicação supracitada, traduzidas e publicadas em português: com Paul Tillich (Rogers & Tillich, 2008) e com Martin Buber (Rogers & Buber, 2008). As referências completas estão disponíveis ao final desse texto, na seção “Bibliografia” (Nota do Editor).

** Tradução de Julia Kulcheski Paludo (Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2452-2403>) e Julie Fank (Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1393-9678>), com tradução e revisão técnica de Lucia Marques Stenzel (Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2040-1998>). Revisão Técnica de Paulo Coelho Castelo Branco (Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4071-3411>) e Virgílio Soares Luna Coelho (Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7106-9881>).



pos. A instrução programada, a psicoterapia comportamental, a teoria dos sistemas familiares, o biofeedback, a linguística e a educação são apenas algumas das áreas que foram significativamente influenciadas ou mesmo criadas como resultado da escola de pensamento behaviorista.

Entre as principais obras de Skinner estão *Science and Human Behaviour* (1953)⁵, *Verbal Behaviour* (1957)⁶, *Schedules of Reinforcement* (1957)⁷, *The Analysis of Behaviour: A Program for Self-Instruction* (1961)⁸, *The Technology of Teaching* (1968)⁹, *Beyond Freedom and Dignity* (1971)¹⁰, *About Behaviourism* (1974)¹¹, e a primeira parte de sua autobiografia, *Particulars of My Life* (1976). Em seu polêmico livro *Walden Two* (1948)¹², que vendeu mais de um milhão de exemplares, Skinner extrapolou os princípios behavioristas para a organização da sociedade e tentou resolver os principais problemas inerentes ao controle do comportamento humano, com foco em soluções para problemas sociais contemporâneos.

Junto com outras homenagens, Skinner recebeu a *National Medal of Science* (1968) e a *Gold Medal of the American Psychological Association* (1971). Ele foi membro da *Royal Society of Arts*, membro da *National Academy of Sciences*, da *American Philosophical Society*, *the American Academy of Arts and Sciences*, *the American Psychological Association* e de sociedades profissionais no exterior.

Com o desenvolvimento simultâneo dos movimentos behaviorista e humanista na psicologia, era inevitável que os líderes de ambas as escolas de pensamento acabassem por conhecer o trabalho um do outro. Especialmente porque Skinner e Rogers tendiam a generalizar e ampliar as descobertas dos seus próprios laboratórios para uma variedade de contextos mais amplos. Se tivessem permanecido concentrados nos problemas científicos específicos apresentados pelo seu trabalho individual, talvez nunca tivessem entrado em conflito publicamente. No entanto, à medida que começaram a escrever com convicção sobre a criação dos filhos, a educação e a sociedade, tornou-se cada vez mais evidente o contraste entre os seus pontos de vista. Assim, quando finalmente falaram diretamente um com o outro sobre as questões em que discordavam, o “debate Rogers-Skinner” logo se tornou uma discussão amplamente popularizada sobre as diferenças entre a psicologia behaviorista e a psicologia humanista.

O primeiro simpósio Rogers-Skinner, em 1956, levantou reflexões acerca de “Algumas Questões Relativas ao Controle do Comportamento Humano”, e foi impresso e reimpresso em inúmeras revistas e antologias. Embora o evento tenha sido importante, este intercâmbio, por ter sido relativamente curto, dificilmente pode ser chamado de diálogo. Ambos leram os artigos uns dos outros antes da conferência. Skinner deu início ao simpósio lendo seu próprio artigo, em seguida, Rogers fez o mesmo, incluindo suas reações às observações de Skinner. Por fim, Skinner fez uma réplica breve e preparada. Um segundo encontro entre os dois, ainda mais curto, ocorreu numa pequena reunião de psicólogos proeminentes organizada pela *American Academy of Arts and Sciences*, em dezembro de 1960. Mais uma vez, foram entregues documentos preparados para o evento, mas os Anais nunca foram publicados.

Reconhecendo que o intercâmbio Rogers-Skinner de 1956 era apenas o começo, Gerald Gladstein¹³ e seus colegas da Universidade de Minnesota, em Duluth, conseguiram reunir os dois para uma reunião prolongada entre 11 e 12 de junho de 1962. Diante de uma audiência de mais de quinhentas pessoas, Rogers e Skinner, pela primeira vez, puderam dialogar verdadeiramente entre si sobre questões relativas à “Educação e o Controle do Comportamento Humano”. Embora tenham recorrido algumas vezes a observações preparadas ou exposições conhecidas de seus pensamentos, em outros momentos eles de fato conversaram e ouviram um ao outro e, como disse o moderador de outro diálogo de Rogers, disseram coisas que nunca haviam dito antes. Foi uma ocasião histórica.

Surpreendentemente, a transcrição deste “Diálogo sobre Educação e o Controle do Comportamento Humano” nunca foi publicada, embora Gladstein e a Jeffrey Norton Publishers tenham produzido um álbum com seis fitas cassete contendo o registro do evento (veja a referência na *Introdução*). No entanto, como a versão gravada teve circulação muito restrita, o encontro de 1962 permaneceu praticamente desconhecido. Temos o prazer de apresentar este importante encontro aqui, pela primeira vez, em formato publicado.

⁵ Traduzido para o português como: *Ciência e Comportamento Humano*, Editora Martins Fontes (2019) (N. dos R.).

⁶ Traduzido para o português como: *O Comportamento Verbal*, Editora Cultrix (1978) (N. dos R.).

⁷ Traduzido para o português como: *Contingências de Reforço*, Editora Abril Cultura (1975) (N. dos R.).

⁸ Traduzido para o português como: *A Análise do Comportamento: Um Programa para Autoinstrução*, Editora LTC (1992) (N. dos R.).

⁹ Traduzido para o português como: *A Tecnologia de Ensino*, Editora EPU (2006) (N. dos R.).

¹⁰ Traduzido para o português como: *Para além da Liberdade e Dignidade*, Editora Edições 70 (2000) (N. dos R.).

¹¹ Traduzido para o português como: *Sobre o Behaviorismo*, Editora Cultrix (2001) (N. dos R.).

¹² Traduzido para o português como: *Walden Two: Uma Sociedade do Futuro*, Editora EPU (1987) (N. dos R.).

¹³ Gerald A. Gladstein foi Professor *Emeritus* do “Warner Graduate School of Education and Human Development”, *University of Rochester*. Gladstein destacou-se por investigar a empatia como um processo observável e mensurável dentro da relação terapêutica, por exemplo (Gladstein, 1983). Ele desenvolveu instrumentos e métodos de avaliação que influenciaram programas de treinamento de conselheiros e terapeutas clínicos. Sua abordagem buscava unir rigor científico e compreensão humanista, enfatizando o papel da empatia na eficácia da psicoterapia e na promoção do crescimento pessoal do cliente (N. dos R.).



ROGERS: É bom estar aqui, ver Fred Skinner novamente e ter a oportunidade de aprofundar alguns dos nossos interesses e diferenças. Também olho para esse público, que esperava ser pequeno, e fico tentado a dizer: “Quem são vocês?”; mas confio que compreenderemos isso à medida que começarmos a receber perguntas e contribuições de vocês. Gostaria de resumir brevemente o que me parecem ser alguns dos elementos importantes subjacentes ao nosso diálogo.

Penso que há uma nova corrente na nossa cultura, uma brisa fresca soprando pelo mundo, que se mostra de várias maneiras e fala por meio de diversas vozes. Expressa-se num interesse crescente pelo existencialismo e pelo ponto de vista existencialista. E que é evidenciada em formas que podem parecer estranhas a alguns, como o interesse no Zen Budismo. Isso se evidencia na preocupação com o *self* em psicologia e no interesse por uma abordagem fenomenológica dos problemas psicológicos. Mesmo na cena política, isso pode ser visto na emergência contínua de novos países, erguendo-se para fora de um passado colonial. Mostra-se naquilo que Maslow chamou de “terceira força” na psicologia norte-americana¹⁴: o desenvolvimento de teorias do *self*, a preocupação com a pessoa na sua dimensão existencial, a discussão do ser e do tornar-se em oposição às duas forças mais antigas, particularmente o ponto de vista do behaviorismo positivista e o ponto de vista freudiano. À medida que me esforço para compreender esta nova e vigorosa tendência cultural, parece-me que é a voz do ser humano subjetivo falando alto por si mesmo. Faz tempo que o humano se sente como uma marionete na vida, moldado pelas forças mundiais e pelas forças econômicas. Ele foi escravizado por pessoas, por instituições e, mais recentemente, por aspectos da ciência moderna. Mas ele está estabelecendo firmemente uma nova declaração de independência. O ser humano está descartando os alibis da “falta de liberdade”. Está escolhendo a si mesmo, esforçando-se para se tornar ele mesmo: não um fantoche, não um escravo, não uma cópia de algum modelo, mas seu próprio eu individual e único. Ele está dizendo, sem muitos rodeios: “Eu sou. Eu existo. Eu escolho a mim mesmo na vida. Eu escolho o significado da morte”.

Sinto-me solidário com essa tendência porque está profundamente alinhada com a experiência que tive trabalhando com os clientes em terapia. Um terapeuta disse, certa vez, que a essência da terapia é o movimento do cliente de sentir-se sem liberdade e controlado por outros em direção à assustadora, mas recompensadora, sensação de liberdade para traçar e escolher sua nova personalidade. Descrevi o desenvolvimento terapêutico como “um processo de aprender a ser livre iniciado pelo próprio eu”. Este aprendizado é composto tanto por um movimento de afastamento, quanto por um movimento de aproximação. Os clientes afastam-se de serem impulsionados por forças internas que não compreendem, afastam-se do medo e da desconfiança desses sentimentos profundos e de si mesmos, e afastam-se de viver de acordo com valores que adotaram de outros. Eles movem-se em direção à aceitação e à fruição de seus próprios sentimentos, em direção à valorização e confiança nas camadas mais profundas de sua natureza, encontrando força em suas próprias singularidades e em direção à vida baseada em valores advindos de suas próprias experiências. Essa aprendizagem, esse movimento, permite-lhes viver como pessoas individualizadas, criativas, receptivas e responsáveis. Os clientes, na maioria das vezes, têm plena consciência de tais direções em si mesmos, mesmo quando se movem com apreensão em direção a serem livremente eles mesmos.

Mas como posso falar de liberdade quando, como cientista comportamental, realizo pesquisas sob o pressuposto de que as sequências de causa e efeito operam tanto no mundo psicológico quanto no mundo físico? Que definição possível de liberdade pode haver no mundo moderno?

Deixe-me tentar dizer o que isso significa para mim:

Em primeiro lugar, a liberdade que os meus clientes experienciam¹⁵ é essencialmente algo interior, algo que existe na pessoa viva um tanto quanto independentemente de qualquer escolha externa de alternativas, que tantas vezes pensamos constituir a liberdade. Refiro-me ao tipo de liberdade que Viktor Frankl descreve vividamente na sua experiência no campo de concentração, quando tudo – posses, identidade, escolha de alternativas – foi tirado dos prisioneiros. Meses e até anos em tal ambiente mostraram apenas que “Tudo pode ser tirado de um homem¹⁶, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas, de escolher a própria atitude em qualquer conjunto de circunstâncias, de escolher o próprio caminho”. É essa liberdade interior, subjetiva e existencial que tenho observado. É a compreensão dos meus clientes de que “posso viver o aqui e o agora por minha própria escolha”. É a qualidade de coragem que permite a uma pessoa dar um passo na incerteza do

¹⁴ No original: “(...) in American psychology”. A expressão, tradicionalmente, referia-se ao cenário envolvendo os três países da chamada “América do Norte”, com Canadá e México, em que pese o destaque aos Estados Unidos em termos de protagonismo. A despeito disto, e dado o fato da expressão não distinguir especificidades, até muito recentemente, e ao fato que – à época – era comum o trânsito de informações e pesquisas entre os diversos países (temos grandes nomes da Psicologia moderna que são de origem canadense, como Albert Bandura, p. ex; e ao fato do México ter sido palco de pesquisas relevantes, como a de Erich Fromm, p. ex.), optamos por manter uma tradução mais tradicional (ao contrário de traduzir por “estadunidense”) (Nota do Editor).

¹⁵ No original, temos o termo “experience”, que pode ser traduzido de múltiplas formas para o português, mas que tem um sentido de “experiência”, o que pode indicar tanto “experimentar” quanto “experienciar”. No contexto da perspectiva clínica de Rogers, optou-se por “experienciar”, como uma experiência singular, “interna”, como o próprio autor indica na sequência. Convém ressaltar, contudo, que Rogers não faz uma distinção muito detalhada entre os conceitos, tal qual temos na Fenomenologia tradicional, a partir dos termos *Erfahrung* ou *Erlebnis*, ambos podendo ser traduzidos por “experiência” (N. do E.).

¹⁶ Optou-se por manter o termo “homem” nesta tradução em respeito à formulação original utilizada por Viktor Frankl e ao contexto histórico-filosófico da obra. Embora reconheçamos os debates contemporâneos acerca da linguagem inclusiva, compreende-se que, no pensamento existencial-humanista de Frankl, o termo é empregado em uma referência à condição humana de modo universal. A manutenção da expressão busca preservar a fidelidade conceitual, estilística e histórica do texto original. Eventualmente será usado “ser humano”, na mesma direção, como sinônimo (N. dos R.).



desconhecido ao escolher a si mesma. É a descoberta do significado a partir de dentro, que vem da escuta sensível e aberta das complexidades do que se está vivenciando. É o fardo de ser responsável por quem você escolhe ser. É o reconhecimento de que a pessoa é um processo emergente e não um produto final estático. O indivíduo que então está profunda e corajosamente pensando seus próprios pensamentos tornando-se a sua própria singularidade, escolhendo-se responsabilmente, podendo ter a sorte de ter centenas de alternativas objetivas entre as quais escolher, ou ele pode ter a infelicidade de não ter nenhuma, mas sua liberdade existe, apesar disso. Portanto, estamos falando antes de tudo de algo que existe *dentro* do indivíduo, de algo fenomenológico e não objetivo¹⁷, mas que ainda assim deve ser valorizado.

Um segundo ponto na definição desta experiência de liberdade é que ela existe não como uma contradição à imagem do universo psicológico como uma sequência de causa e efeito, mas como um complemento de tal universo. A liberdade, corretamente compreendida, é a realização, por parte da pessoa, da sequência ordenada da sua vida. Como diz Martin Buber: “O homem livre acredita no destino e considera que este precisa dele”¹⁸. Ele se move de forma voluntária, livre e responsável, para desempenhar o seu papel significativo num mundo cujos acontecimentos determinados se movem através dele e através da sua escolha e vontade espontâneas.

Esta é a experiência do cliente à medida que ele avança na terapia em direção à aceitação das realidades do mundo exterior e interior de si mesmo, no sentido em que avança para se tornar um agente responsável neste mundo real. Como indiquei, esta significativa liberdade humana existe paralelamente ao completo determinismo da ciência moderna como um paradoxo. Ela existe na nossa experiência humana com tanta realidade como os fatos da ciência, e não podemos ignorá-la sabiamente. Uma das grandes contribuições do nosso século é o fato de começarmos a perceber que os estados de espírito, as atitudes, as ações humanas, as suas adaptações e desadaptações, podem ser entendidas nos mesmos termos de lei que os acontecimentos do mundo físico. Visto desta perspectiva objetiva, parece provável que seremos cada vez mais capazes de compreender as ações humanas em termos de leis semelhantes às descobertas nas ciências naturais. É isso que leva à possibilidade de controlar o comportamento humano. É isso que leva ao tema desta discussão.

Não parece haver dúvidas de que as ciências comportamentais se moverão firmemente na direção de tornar o ser humano um objeto para si mesmo, uma sequência complexa de eventos não diferentes em espécie da complexa cadeia de equações pelas quais várias substâncias químicas interagem para formar novas substâncias ou liberar energia. Mas não importa quão completamente o ser humano¹⁹ chegue a compreender-se como um fenômeno determinado, o produto de elementos e forças passadas, e a causa determinada de acontecimentos e comportamentos futuros, ele nunca poderá viver como um objeto. Ele só pode viver subjetivamente. Alguns dos indivíduos mais patéticos que conheço são aqueles que tentam continuamente entender e prever seu comportamento de forma objetiva. Cada ação só tem significado para eles como efeito predeterminado de causas precedentes, e toda a sua vida se torna uma infeliz caricatura da centopeia que observa conscientemente seus próprios pés. Na minha experiência, alguns dos fracassos da terapia psicanalítica exibem essa objetividade excessivamente intelectualizada.

A pessoa que está desenvolvendo seu pleno potencial, no entanto, é capaz de aceitar o aspecto subjetivo de si mesmo e de viver subjetivamente. Quando ela está com raiva, ela está com raiva, e não apenas exibindo os efeitos da adrenalina. Quando ela ama, está realmente amando e não apenas investindo energia psíquica ao objeto de amor²⁰. Ela se move em direções autosselcionadas. Move-se em direções auto-selecionadas. Escolhe com responsabilidade. Ela é uma pessoa que pensa, sente e experiencia. Ela não é meramente um objeto no qual esses eventos ocorrem. Não podemos, sem grande perigo, negar este elemento subjetivo em nós mesmos. Isto precede nossas atividades científicas. É mais abrangente que o conhecimento científico. É uma parte essencial do ser humano, de ser uma pessoa. Nenhum desenvolvimento presente ou futuro das ciências comportamentais poderá jamais contradizer este fato básico.

No entanto, estou bem ciente de que a corrente de pensamento experimentalista-positivista-comportamentalista em psicologia e o Dr. Skinner, como um proponente mais hábil dessa tendência, mantêm vi-

¹⁷ Neste contexto, o termo “fenomenológico” refere-se ao campo da experiência subjetiva tal como é vivida e significada pelo próprio indivíduo, isto é, ao seu mundo interno de percepções, sentimentos e sentidos pessoais. Em contraste, o “objetivo” diz respeito ao que pode ser observado, descrito e verificado externamente. Rogers argumenta que, embora a experiência fenomenológica não seja diretamente observável, ela possui relevância fundamental para a compreensão psicológica e não pode ser reduzida apenas a critérios externos de observação (Rogers, 1963b) (N. dos R.).

¹⁸ Convém destacar que Rogers e Buber fizeram um diálogo, em Ann Harbor, em 18 de abril de 1957, numa conferência na Universidade de Michigan, moderado pelo tradutor e comentador de Buber, Maurice Friedman. O texto do diálogo compõe a mesma publicação organizada por Kirschenbaum & Henderson (1989) e está traduzido para o português (Rogers & Buber, 2008). (N. do E.)

¹⁹ Ver Nota 16 (N. dos R.).

²⁰ No original: “When he loves, he is loving and not merely cathected toward a love object”, fazendo clara alusão a noções predominantes na clínica da época. Neste trecho, Rogers contrapõe a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa às leituras fisiológicas, comportamentais e psicanalíticas predominantes em sua época. Sua crítica dirige-se às concepções que reduzem a experiência humana a mecanismos biológicos, respostas observáveis ou investimentos pulsionais, defendendo, em contraste, a legitimidade da experiência subjetiva como dimensão real e constitutiva da existência humana. Assim, sentimentos como amor, raiva ou escolha não são compreendidos apenas como efeitos de processos subjacentes, mas como experiências efetivamente vividas pela pessoa em seu processo de tornar-se (N. dos R.).



sões muito diferentes. Por exemplo, aqui estão algumas das palavras e conceitos que usei e que são quase totalmente sem significado no quadro de referência behaviorista: liberdade é um termo sem significado; escolha, no sentido em que a utilizei, não tem sentido; a subjetividade é, creio eu, considerada de pouca importância; propósito, autodireção, valor ou escolha de valor – nenhum destes tem qualquer significado; a responsabilidade pessoal como conceito não tem significado. A filosofia democrática da natureza humana, salientou o Dr. Skinner, tem sido um recurso útil dos revolucionários no passado, mas agora está muito provavelmente “fora de moda”. Portanto, fica claro que alguns dos conceitos mais básicos desta nova terceira força na psicologia não têm qualquer significado para o grupo behaviorista. Confio que este diálogo possa nos ajudar a esclarecer quaisquer mal-entendidos sobre tais diferenças, e também a esclarecer as nossas diferenças reais, onde quer que elas existam.

Em resumo: na medida em que uma perspectiva behaviorista em psicologia nos leva a desconsiderar a pessoa, a tratá-la principalmente como objetos manipuláveis, a controlar a pessoa moldando seu comportamento sem a sua escolha como participante, ou a minimizar a importância do subjetivo – questiono-a profundamente. A minha experiência leva-me a dizer que tal ponto de vista vai contra uma das tendências mais fortes da vida moderna e levá-los por um caminho com consequências destrutivas.

SKINNER: Eu sempre cometo o mesmo erro. Ao debater com Carl Rogers presumo que ele não fará nenhum esforço para influenciar o público. Então, depois tenho que segui-lo e falar, como faço agora, para um grupo de pessoas que de pessoas que estão longe de serem livres para aceitar meus pontos de vista. Na verdade, acabei de me lembrar de uma história que ouvi uma vez sobre Carl Rogers e que vou contar agora, na esperança de que ele a confirme ou a negue. Suponho que seja apócrifa. Pelo menos tenho certeza de que cresceu nesta dimensão. A história que ouvi é a seguinte: Carl Rogers nunca foi muito dado à caça de patos, mas foi convencido, em certa ocasião, a ir caçar patos. Ele e alguns amigos foram até um esconderijo e ficaram ali sentados durante uma madrugada fria e sombria. Nenhum pato apareceu até o momento em que foi possível atirar. Finalmente, um único pato apareceu e os amigos de Rogers permitiram que ele atirasse, e ele atirou. Ao mesmo tempo, ao longo da costa, a algumas centenas de metros de distância, outro homem atirou no mesmo pato. O pato caiu. *Plop!* Rogers saiu do esconderijo e foi em direção ao pato. O outro homem saiu de seu esconderijo e foi em direção ao mesmo pato. Eles chegaram simultaneamente. Rogers virou-se para o homem e disse: “Você sente que este pato é seu”. Lembrei-me dessa história porque o desfecho é que Rogers trouxe o pato para casa. Farei o meu melhor para evitar um resultado semelhante (*Skinner ri*).

Nós concordamos em muitas coisas, e eu gosto de sentir que talvez tenha tido alguma influência sobre Carl Rogers, porque de tempos em tempos ele cedeu a certos assuntos. Ele concordou que o comportamento humano tem sido controlado e provavelmente passará a ser controlado com sucesso cada vez maior à medida que a ciência do comportamento evolui. A controlabilidade do comportamento é uma história antiga, é claro. Os historiadores sempre ficaram encantados quando podiam comprovar a influência de algum tipo de acontecimento biográfico sobre um herói. Os biógrafos seguem a mesma linha. As ciências sociais certamente trouxeram mais evidências de natureza estatística, e uma análise experimental do comportamento de um organismo individual essencialmente assegurou a questão. Não acredito que se possa provar que todo o comportamento de um organismo humano seja controlado, mas creio que a suposição é cada vez mais plausível, pelo menos como uma suposição de trabalho para a ciência e também para os assuntos humanos em geral.

Ora, Carl Rogers, ao admitir isto, tem tendido a restringir a noção de controle. Ele cita como exemplos de avanços recentes no controle do comportamento a evidência de que, sob certas condições sociais, um homem pode ser levado a fazer julgamentos que são contrários à evidência dos seus sentidos. Em outros experimentos foi demonstrado que uma pessoa pode mudar a sua opinião sem estar consciente do que a influenciou a fazê-lo. Ele citou a estimulação elétrica satisfatória como um tipo de gratificação como um tipo de gratificação irresistível que poderia muito bem ser usada para controlar o comportamento e, é claro, os efeitos das drogas na produção de alucinações, de mudanças de disposição ou de personalidade, também seriam citados por ele.

Mas controle, para mim, significa muito mais que isso. Estes exemplos específicos são exemplos de um controle sub-reptício, controle esse em que o controlado não tem consciência de que está sendo controlado. Eles são exemplos específicos de formas intensas de controle²¹. O que estou falando, quando digo “o controle do comportamento humano”, é qualquer contribuição que seja feita para determinar a ação de um indivíduo. Não precisa ser sub-reptício. Isso não significa que o indivíduo não esteja plenamente consciente do que está sendo feito com ele. E não significa que seria cem por cento bem-sucedido. Estou falando do controle que é alcançado na economia por meio dos diversos sistemas salariais, sejam os comuns, um tanto ineficazes, ou os salários de incentivos especiais, e assim por diante. E basta examinar outras nações, outras culturas, para avaliar até que ponto, nos Estados Unidos, o nosso sistema econômico energiza as pessoas – torna-as produtivas e empreendedoras na realização de novas atividades. Refiro-me por “controle” às várias forças policiais e militares que os governos usam para manter as pessoas trabalhando dentro de certas estruturas legais. Refiro-me por “controle” às várias técnicas que são usadas na educação para promover o que podemos chamar de aquisição de conhecimento ou traços de caráter, e assim por diante.

²¹ No original: “They are specific examples of powerful control”. Neste trecho, Skinner amplia a noção de controle para além de formas explícitas de coerção ou imposição direta. A ideia de “powerful control” refere a formas altamente eficazes de influência sobre o comportamento, frequentemente operando de maneira sutil ou pouco perceptível ao próprio indivíduo. Na perspectiva behaviorista radical, o comportamento humano é compreendido como resultado das contingências ambientais e históricas que contribuem para determinar a ação do indivíduo, mesmo quando ele não tem consciência desses processos de controle (N. dos R.).



Agora, o fato de que ocasionalmente um funcionário não vai trabalhar durante o dia, ou um homem se torna um andarilho e para de trabalhar completamente, ou um estudante falta à aula, ou alguém infringe uma lei ou foge da prisão, isso não significa que as influências não sejam poderosas e controladoras. As exceções são esperadas, porque em nenhum desses casos as variáveis que são manipuladas são as *únicas* variáveis e, portanto, o controle não é de cem por cento. Portanto, quando estivermos falando aqui sobre “controle”, espero que falemos de forma mais geral, e não limitemos a discussão ao controle oculto, embora eu concorde que existam problemas específicos envolvidos nisso. Espero também lidar não apenas com um controle que é cem por cento eficaz. Eu gostaria de declarar isso nestas observações iniciais. Acho que isso voltará a aparecer nas discussões.

Outra questão tem a ver com as implicações da noção de que o comportamento humano é controlado. Vamos, por um momento, falar apenas sobre controle total. Outro dos meus oponentes de valor nesta linha de pensamento é Joseph Wood Krutch, cujo livro *The Measure Of Man*²² é em grande parte um ataque a *Walden Two*²³, meu romance utópico, e a outras obras de minha autoria. Ele voltou recentemente ao ataque num artigo na *Saturday Review Of Literature*²⁴, no qual, de repente, me encontro classificado com os existencialistas, sendo citado por Krutch como simbolizando o que ele chama de beco sem saída da tendência representada por Darwin e Marx. Ele me cita negando, categórica e absolutamente, que o indivíduo tenha qualquer controle sobre seu destino, ou que tenha qualquer poder de escolha ou determinação. Ele prossegue documentando isso dizendo que escrevo em meu livro *Science and Human Behaviour*: “O homem interior que é considerado responsável pelo comportamento do organismo biológico externo é apenas um substituto pré-científico para os tipos de causas que são descobertas no curso de uma análise científica, e todas essas causas estão fora do indivíduo”.

Agora, suponhamos por um momento, que o homem seja completamente controlado pela sua história genética e ambiental. Isto não significa de forma alguma que ele não possa controlar o seu próprio destino. Ele tem feito isso tanto no campo da genética quanto no campo do meio ambiente. Desde o início da civilização, da cultura ou do homem como o conhecemos, o homem tem trabalhado sobre as forças genéticas e ambientais que são responsáveis pela sua existência. Os geneticistas hoje falam abertamente sobre a possibilidade de melhorias no homem por meio de intervenção genética. Existe uma visão atual que favorece os bancos de esperma ou a paternidade de doadores especiais. Isso poderá significar que, no mundo do futuro, um pai terá orgulho não de que o filho seja do seu próprio sangue, mas de que o filho tenha o melhor sangue que o dinheiro pode comprar. O controle ambiental já está aqui e existe há milhares de anos. O homem é amplamente responsável pelo ambiente em que os homens vivem. Vivemos cada vez mais num mundo feito pelo homem, e é um mundo que o homem construiu em grande parte devido aos seu efeito sobre o seu comportamento. Reduziu-se a necessidade de escapar de temperaturas extremas e assim por diante. Tendemos a estar razoavelmente confortáveis e bem alimentados, e podemos nos dedicar a coisas que são de maior importância. Esta é uma contribuição da tecnologia física.

Mas a tecnologia social, a tecnologia cultural, que acompanhou isso é ainda mais importante. O homem criou um mundo no qual ele é governado, no qual ele é empregado ou pode contratar e no qual pode obter riquezas por meio de empréstimos ou roubos. Nesse sentido, ele controlou a si mesmo. Se o comportamento humano é cem por cento produto da história genética e ambiental, o homem, no entanto, criou e pode modificar essa história genética e ambiental e, nesse sentido, pode controlar a si mesmo. Não estou fazendo um jogo de palavras. Muitas vezes, o homem que constrói o ambiente – seja no mundo físico ou cultural –, não é aquele que é controlado por ele, por mais que esta seja a maioria dos casos. As técnicas de autocontrole, que podem ser extraídas de obras religiosas, éticas e morais do passado, podem ser analisadas em termos de manipulação do ambiente. O homem que assim manipulou o ambiente se comportará de uma forma que lhe causará menos problemas ou lhe trará mais conquistas. Portanto, mesmo em um mundo no qual o comportamento humano é totalmente controlado, *nós* controlamos a nós mesmos, porque modificamos esse comportamento. Isso pode parecer logicamente impossível, mas a questão é que fazemos isso não porque saímos de qualquer fluxo causal ou do fluxo da história, mas porque é da natureza do homem agir dessa maneira.

Isso me leva a um terceiro tema com o qual certamente lidaremos repetidamente neste debate: a chamada escolha de valores. Por que nós, ao controlar o homem, o controlamos em uma direção e não em outra? Como decidimos antecipadamente como queremos controlar? Isso surge no caso da educação. Suponha que você tenha uma técnica educacional poderosa. O que você ensinará? Sua psicologia pode lhe indicar as técnicas. Ela pode lhe dizer o que deve ser ensinado? Esse é o campo do julgamento de valor, mas não está necessariamente fora do domínio da ciência. Para mim, existe apenas ciência. Existe apenas uma maneira de saber. Pode estar nas mãos de cientistas ou de outras pessoas, mas o resultado é o mesmo. Não conheço nenhuma forma especial de sabedoria que permita decidir em que momento

²² Joseph Wood Krutch (1893-1970) foi um ensaísta e crítico humanista norte-americano conhecido por suas críticas ao cientificismo e às concepções mecanicistas da natureza humana. Em obras como *The Measure of Man* (1954), defendeu a subjetividade, a liberdade e a dimensão ética da experiência humana, tornando-se uma referência importante para correntes humanistas e ecológicas do século XX (Rowley, 1995) (N. dos R.).

²³ *Walden Two* é um romance filosófico escrito por B. F. Skinner e publicado em 1948. O livro descreve uma comunidade utópica organizada a partir dos princípios do behaviorismo. Skinner imagina uma sociedade em que o comportamento humano é planejado cientificamente por meio do controle ambiental e do reforçamento positivo, com o objetivo de produzir indivíduos mais cooperativos, felizes e socialmente ajustados. O título faz referência direta a *Walden* – uma autobiografia escrita por Henry David Thoreau, como um manifesto poético contra uma sociedade industrial, e publicada em 1854 –, mas enquanto Thoreau defendia uma vida simples baseada na autonomia individual e na relação contemplativa com a natureza, Skinner propunha uma reorganização social planejada cientificamente (N. dos R.).

²⁴ A *Saturday Review of Literature* foi uma influente revista cultural e literária norte-americana fundada em 1924, dedicada à crítica literária e ao debate intelectual no contexto cultural dos Estados Unidos do século XX (N. dos R.).



a ciência deveria parar e deixar a escolha de valores para outros. A questão dos valores diz respeito a algumas características do comportamento humano que levaram a várias explorações no *design* da cultura²⁵.

Algumas atividades do homem, como no caso da tecnologia física, podem ser explicadas apelando para os resultados imediatos. Os povos primitivos caçavam e pescavam porque, na caça e na pesca, você é reforçado imediatamente com algo comestível. Culturas posteriores desenvolveram métodos de armazenamento de alimentos: secagem, preservação, congelamento. Foram desenvolvidos métodos de agricultura em que algo era feito no início da primavera para ser consumido no final do verão. Lentamente, uma cultura desenvolve a capacidade de fazer coisas com consequências que são cada vez mais remotas. Isso também é verdade no caso da tecnologia cultural. Um homem que é capaz de chicotear qualquer outra pessoa em uma batalha pode roubar, tirar dos outros e forçá-los a trabalhar para ele. Esse é um tipo primitivo de estrutura governamental. Pode ser explicado em termos do reforço imediato do mais forte. Mais adiante, o governo que se tornar mais sensível em sua compreensão das consequências de longo prazo desenvolverá formas de controle que não recorram à força bruta e terá maior sobrevivência no longo prazo, porque esse governo faz melhor uso das pessoas governadas. Assim como ocorre na tecnologia física, a importância crescente de consequências cada vez mais remotas também pode ser vista na tecnologia cultural, e isso, acredito, nos leva à questão crucial.

Agora, o Dr. Rogers sugeriu que há três maneiras de ver o comportamento humano: a freudiana; a behaviorista positivista; ou aquela que enfatiza o senso de si do indivíduo, um interesse no “eu”²⁶ como fonte de sabedoria e força na alteração da conduta. Meu colega David McClellan escreveu um livro sobre psicanálise e religião que adotou o mesmo tema. McClellan observou que a Reforma Protestante, o movimento místico hassídico judaico e Freud em sua psicanálise, exemplificaram um tipo de revolta contra o controle externo. Esse é um exemplo do conflito entre a psicanálise e as operações governamentais. É o voltar-se geral para o indivíduo para encontrar a salvação. Esse é o tema da Reforma Protestante: que cada um pode buscar seu Deus dentro de si mesmo. Freud leva isso adiante na esperança de encontrar dentro do indivíduo a fonte de um padrão de vida que não seja imposto de fora.

Eu não acredito que essa seja uma maneira correta de expor o caso. Acho que pode ser modificada de uma forma que se ajuste muito bem aos meus propósitos. A mudança não é do controle externo do indivíduo para o controle interno. É uma mudança do controle coercitivo e punitivo para outras técnicas de controle, que estão relacionadas, em última análise, ao reforço positivo. Existem maneiras de controlar as pessoas que influenciam o que elas querem fazer. E existem maneiras de controlá-las que as forçam a fazer o que não querem fazer. Uma mudança de um sistema coercitivo legalista para a liberdade individual, toda a teoria da democracia, parece tirar o bom comportamento do cidadão das mãos da polícia e entregá-lo ao próprio indivíduo. Eu sugiro que o controle interno que é então descoberto nada mais é do que o produto de outro tipo de controle externo que se preocupou em fazer com que os indivíduos queiram se comportar de determinadas maneiras, em vez de coagi-los a se comportar dessas maneiras por causa de uma ameaça externa.²⁷

Vejo a evolução da cultura se afastando das formas punitivas imediatas de controlar as pessoas e se movendo para técnicas mais remotas, baseadas no conhecimento do comportamento humano, que exigem uma compreensão sensível dessas técnicas que, a longo prazo, exercem um controle poderoso. Eu acredito que esse tipo de controle tem maior probabilidade de construir um grupo mais forte porque, e aqui eu concordaria com o Dr. Rogers, ele libera recursos do indivíduo que são completamente perdidos sob o controle aversivo.

Esses são os três aspectos que eu gostaria de mencionar. Concordamos que o comportamento é controlado, mas quero interpretar isso de forma ampla. Concordamos, espero, que mesmo sob a suposição de um determinismo completo, o homem é e tem sido livre para determinar seu destino de acordo com o planejamento do mundo que o determina. E a lenta evolução das práticas culturais poderia muito bem estar trabalhando para liberar as potencialidades do indivíduo sem necessariamente deixar que ele determine seu próprio comportamento.

ROGERS: Eu acho que gostaria de esclarecer a história do pato. Há muita verdade nela, exceto pelo desfecho da piada. Em vez de eu dizer: “Você sente que atirou no pato”, recorremos a um procedimento bastante conceituado nos círculos científicos: jogamos uma moeda ao ar e isso provou que eu havia atirado no pato.²⁸

²⁵ Neste trecho, Skinner parece sustentar que a questão dos valores não se encontra fora do campo científico, mas pode ser compreendida a partir da análise do comportamento humano e dos processos culturais. Assim, a discussão sobre valores aparece articulada à noção de “cultural planning”, conceito importante em sua proposta de uma ciência do comportamento que coaduna com a ideia de uma organização deliberada da cultura.

²⁶ No original, “the self”. A ideia de um *self* é compartilhada por várias psicologias e filosofias, e trata de um conceito ou noção polimórfica, sendo traduzida como “eu” ou “eu mesmo”, e identificada com uma interioridade. Por se tratar de uma palavra usual no inglês, mas nem sempre identificada com algum conceito em particular, faremos a opção de traduzir por “eu”, entre aspas, com vistas a designar um conceito a ser refletido em seu próprio contexto de apresentação (N. do E.).

²⁷ Esta passagem ilustra um aspecto central do behaviorismo radical de Skinner: a crítica à noção de “homem autônomo”, isto é, à ideia de que o comportamento humano teria origem em uma causalidade interna independente das contingências ambientais. Para o autor, mesmo aquilo que é vivido como autocontrole ou escolha pessoal permanece relacionado à história de reforçamento do indivíduo. Assim, em vez de uma passagem do controle externo para a liberdade interior, Skinner sugere uma transformação das formas de controle: em sistemas coercitivos, as pessoas obedeceriam por medo da punição; já em sociedades democráticas, o comportamento pareceria partir do próprio indivíduo, embora continue sendo compreendido como produto de formas socialmente internalizadas de controle (N. dos R.).

²⁸ Rogers utiliza aqui uma ironia em relação à pretensão de objetividade de certos procedimentos científicos. Ao afirmar que “jogamos uma moeda” para decidir quem havia “atirado no pato”, o autor satiriza a ideia de que um procedimento formalmente reconhecido como científico garantiria, por si só, maior acesso à verdade. A piada funciona também como uma crítica à redução da experiência subjetiva a critérios exclusivamente externos de validação, aspecto central das divergências entre Rogers e Skinner. Enquanto Rogers defendia a legitimidade da



Enquanto ouvia, senti o mesmo que costumo sentir quando leio seus materiais: há muito em que estamos realmente de acordo. É intrigante saber por que quinhentas pessoas compareceram para ver quais são as diferenças. No entanto, levo a sério o fato de que, embora pareçamos estar alinhados em vários pontos, ainda assim existem algumas diferenças reais. Há algo mais em jogo aqui do que a semântica. Não tenho certeza se posso definir essas diferenças. Um sentimento que tive, enquanto ele falava, é que a visão científica é o mundo inteiro para Skinner. Não se trata de uma maneira útil de perceber o mundo: é o mundo inteiro. Percebi que ele não comentou o paradoxo que, para mim, tem um significado considerável. Espero que ele comente sobre isso.

Há mais de um ano que eu queria fazer uma pergunta ao Dr. Skinner. Estávamos ambos em uma conferência em Boston. Ele havia apresentado seu artigo sobre o *design*²⁹ de culturas e depois fez comentários sobre ele. Depois de ouvir seus comentários, dirigi essas observações a ele. Eu disse: “Pelo que entendi do que o Dr. Skinner disse, ele entende que, embora possa ter pensado que escolheu vir a este seminário, ou possa ter pensado que tinha um propósito ao fazer este discurso, tais pensamentos são, na realidade, ilusórios. Na verdade, ele fez certas marcas no papel e emitiu certos sons aqui simplesmente porque sua constituição genética e seu ambiente passado condicionaram operantemente seu comportamento de tal forma que era recompensador emitir esses sons, e que ele, como pessoa, não entra nisso. Na verdade, se eu entendi corretamente o pensamento dele, do ponto de vista estritamente científico, ele, como pessoa, talvez não exista”. Eu pensei em provocá-lo sobre o lado subjetivo do motivo pelo qual ele estava lá, mas, para minha surpresa, ele disse que não entraria na questão de ter ou não alguma escolha no assunto e acrescentou: “Eu aceito sua caracterização da minha própria presença aqui”. Desde então, tenho me questionado sobre isso. Eu gostaria que você comentasse mais sobre, porque acho que isso chega próximo do cerne de algumas das diferenças entre nós.

SKINNER: Acredito que sim. Acho que está muito próximo. Existe esse estranho sentimento de que, se você nega a liberdade individual ou nega uma interpretação do indivíduo baseada na liberdade e na responsabilidade pessoal, de alguma forma o indivíduo desaparece. Esta não é, de forma alguma, a conclusão a que se poderia chegar. Acho que se pode partir da suposição que cada pessoa está completamente determinada a fazer o que está fazendo agora e o que vai fazer devido à sua própria história genética e ambiental. Digo isso à minha turma no final do semestre. Ministro um curso sobre comportamento humano com um número razoavelmente grande de alunos, e muitos deles ficam muito ansiosos com isso. De fato, só este ano fiquei sabendo de duas coisas estranhas sobre meu curso em Harvard: uma, que ele envia mais alunos para cursos na escola de teologia do que qualquer outro curso de graduação; e também que envia mais para o serviço de saúde. Há uma síndrome reconhecível que aparece.

Agora, tento tranquilizar meus alunos ressaltando que cada um deles é um *locus* absolutamente único pelo qual passam certas linhas de força. Cada um de vocês representa uma combinação genética de fatores absolutamente única na evolução da raça humana. Cada um de vocês representa uma combinação absolutamente única de forças ambientais: sua família, sua infância, a escola pela qual passou, os livros que leu, as várias forças governamentais e econômicas sob as quais viveu, e assim por diante. Agora, posso visualizar o crescimento de um ser humano cada vez mais bem-sucedido como um organismo biológico, e de uma cultura ou sociedade cada vez mais bem-sucedida como uma organização cultural, ou um organismo emergindo dos princípios comuns de evolução e seleção como uma versão mais poderosa quando a diversidade aparece. Isso me dá um sentido razoável de minha própria individualidade e um bom motivo para dizer a qualquer outra pessoa que ela é um indivíduo e que pode ter contribuições muito importantes a fazer. Não faço isso para exortar³⁰ meus alunos. Isso seria bastante inconsistente de minha parte, exceto na medida em que eu possa provar que minha própria história sugere que eu os exortasse para produzir determinados efeitos. Não acredito em exortação. Eu não acredito na noção de responsabilidade pessoal num sentido jurídico. Acho que ela desaparece quando se recorre a técnicas não aversivas de controle. Quando as pessoas são responsabilizadas pelos seus atos – cujas consequências elas previram –, então a noção de responsabilidade faz sentido, no sentido de que elas podem ser punidas justamente. Mas quando as pessoas são induzidas a se comportar de determinadas maneiras, sem que consequências aversivas entrem em cena, não há significado para a concepção de responsabilidade pessoal. No entanto, nunca se há qualquer dúvida sobre a singularidade do indivíduo ou sua possível importância na evolução de uma cultura futura. Nada do que temos agora é, de forma alguma, a última palavra.³¹

ROGERS: Eu gostaria de voltar à primeira parte disso. Uma das coisas em que pensei é que significado isso

experiência subjetiva e da compreensão fenomenológica, Skinner questionava explicações baseadas em introspecção e causalidade interna, privilegiando a análise das contingências ambientais do comportamento (N. dos R.).

²⁹ O termo *design of cultures* refere-se, em Skinner, à organização deliberada de contingências sociais e ambientais capazes de modelar práticas culturais e comportamentos coletivos. No campo da psicologia e das ciências do comportamento, a expressão “engenharia cultural” é frequentemente utilizada como aproximação conceitual dessa proposta, embora não corresponda literalmente ao termo empregado pelo autor (N. dos R.).

³⁰ “Exortar” significa “dar estímulo”, “animar”, “estimular”; podendo também ser entendido como “persuadir” ou “induzir”. Exortação seria, pois, encorajamento, estímulo, incitação (ou ainda, conselho, advertência) (Houaiss, 2001) (N. do E.).

³¹ Nesta passagem, Skinner distingue a singularidade do indivíduo da noção tradicional de livre-arbítrio ou responsabilidade moral autônoma. Para o autor, cada pessoa é única em razão de sua história particular de contingências e reforçamentos, o que não implica a existência de uma causalidade interna independente do ambiente. Assim, o behaviorismo radical não elimina a importância do indivíduo, mas questiona concepções jurídicas e morais de responsabilidade pessoal fundamentadas na ideia de um agente autônomo (N. dos R.).



teria para um *Freedom Rider*³²; por exemplo, dizer-lhe que ele é o *locus* de uma série de forças únicas que o pré-determinaram a se deslocar para o sul e a se sentar em certos lugares ilegais; que ele foi operantemente condicionado a se comportar de maneiras que o colocam em conflito com a lei; que ele considera recompensador emitir certos sons quando é espancado, etc. Eu reconheço a descrição do comportamento que você apresenta como compatível, em linhas gerais, com o nosso conhecimento atual das pessoas quando observadas de fora. No entanto, percebo que você evita cuidadosamente olhar para a pessoa a partir de dentro. E quando penso em tentar explicar a um *Freedom Rider* suas ações nesses termos, não apenas acredito que ele não aceitaria isso, mas também que tal abordagem esvaziaria de sentido algo que possui significado social. Isso faz algum sentido para você?

SKINNER: Tenho dois pontos aqui. Suponha que eu pudesse convencer esse *Freedom Rider* de que eu estava certo. Ele deixaria de ser um *Freedom Rider*? Você está querendo chegar a isso, não está? Que ele tem uma concepção de si mesmo como alguém que pode fazer algo para promover uma mudança importante, pela qual ele será capaz de receber um crédito modesto, e que as pessoas, pelo menos algumas, o admirarão por ter feito isso. Agora, eu acho que ele faz isso por causa de uma herança que lhe veio de sua própria cultura, assumindo uma espécie de martírio e submetendo-se a um tratamento punitivo a fim de promover algum outro tipo de situação. Se ele foi formado em uma cultura que valoriza isso, ele fará dessa maneira. Há culturas que jamais produziram *Freedom Riders*.

Além de saber se ele pararia, há outra questão: se é correto dizer que ele está fazendo isso por motivos que são importantes para ele além de seu treinamento³³. O inverso disso é o caso do delinquente ou do alcoólatra, quando se apropria dessa justificativa e diz: “Bem, desculpe-me, sei que sou um velho bêbado, mas na verdade estou doente. Vocês não deveriam reclamar. Não deveriam me criticar. Preciso de tratamento”. Ora, até certo ponto, a sociedade controlou a embriaguez envergonhando o bêbado da cidade, ensinando as crianças a rir ou a culpar essas pessoas, apontando como suas famílias sofrem. Esse é um esforço para controlar por meio de punição.

Nossa visão moderna é que isso simplesmente não funciona, e a melhor maneira é tentar encontrar outras formas de tratar um alcoólatra. O alcoólatra, então, pode valer-se disso para escapar da censura e da culpa. Bem, ele tem mais ou menos o direito de fazer isso, no sentido de que você se deixou aberto a isso.³⁴ Quando você muda de uma técnica de controle, de punição, para outra – que pode ser médica ou podem ser medidas educacionais positivas –, há um período de transição em que as pessoas parecem estar sem rumo³⁵. Elas estão perdidas: o sistema antigo não está funcionando, o novo sistema não assumiu o controle. Em ambos os casos, você tem uma forma de controle, mas, a longo prazo, terá uma forma melhor se desenvolver um tratamento educacional positivo para o alcoolismo. Isso envolve uma grande dose de engenharia cultural³⁶ e é muito difícil. Acho que qualquer governo que se preze deveria proibir a publicidade que torne o consumo de bebidas alcoólicas atraente, honroso ou distinto. Não estou dizendo que as pessoas devam ser impedidas de comprar bebidas alcoólicas. Isso não funcionou. Mas acho que os anunciantes não devem ter permissão para fazer com que o consumo de bebidas alcoólicas pareça bonito ou glamoroso. Esse é um tipo de falha de projeto da cultura e, se pudéssemos eliminar tudo isso com um programa educacional positivo, poderíamos tratar o alcoólatra sem que ele tivesse de ser envergonhado, jogado na cadeia, punido, ameaçado de condenação ou qualquer outro controle aversivo. E eu preferiria uma cultura que funcionasse dessa forma. Não apenas por causa de minha preferência por técnicas não aversivas, mas porque, a longo prazo, essa cultura seria mais eficaz. Em uma cultura assim, não haveria luta moral, não haveria necessidade de exercer a responsabilidade pessoal.

ROGERS: Enquanto ouço, a mensagem que recebo, e ficaria feliz em ser corrigido, é que você está dizendo: “Falarei o quanto quiser sobre como alguém influencia ou controla o comportamento de fora, mas não quero entrar em discussões sobre se a visão subjetiva que o homem tem de si mesmo possui alguma importância”.

E o que eu tentei indicar, quando falei sobre o *Freedom Rider*, é que se adotarmos apenas a perspectiva objetiva e externa do homem – e se esse for uma espécie de calvinismo moderno, em que o relógio recebeu corda originalmente e agora corre inevitavelmente para sua conclusão –, e se dissermos: “Esse é o quadro total do homem”, então não há mais a dizer sobre esse *Freedom Rider* ou qualquer outra pessoa, exceto que ele está inevitavelmente fazendo exatamente o que foi condicionado a fazer e que, como pessoa, não tem parte nisso.

³² Os *Freedom Riders* eram grupos de ativistas dos Direitos Civis, compostos por afro-americanos e brancos que participaram dos “passeios de liberdade”, viagens de ônibus pelo sul dos Estados Unidos em 1961 para protestar contra a segregação racial (N. dos R.).

³³ Skinner utiliza aqui o termo “treinamento” em vez de “condicionamento”, sugerindo uma compreensão mais ampla da formação do comportamento humano em contexto cultural e social. No behaviorismo radical, embora o comportamento continue sendo entendido como produto de contingências ambientais, conceitos como treinamento, práticas culturais e história de reforçamento podem assumir nuances distintas dependendo do nível de análise adotado pelo autor. Neste contexto, Skinner parece enfatizar menos o condicionamento operante em sentido estrito e mais os processos culturais e sociais de formação de repertórios comportamentais, valores e disposições para a ação (N. dos R.).

³⁴ A posição apresentada por Skinner nesta passagem aproxima-se das teses desenvolvidas em *Beyond Freedom and Dignity* (1971), obra na qual o autor critica concepções tradicionais de livre-arbítrio, culpa e responsabilidade moral. Em lugar de categorias morais e jurídicas centradas no indivíduo autônomo, Skinner propõe uma análise funcional do comportamento humano, enfatizando o papel das contingências ambientais, sociais e culturais na produção e manutenção das ações humanas. Ver Skinner (1973) (N. dos R.).

³⁵ Nesse contexto, a expressão “sem rumo” busca transmitir a ideia de desorientação temporária que pode emergir quando antigas referências de controle deixam de operar antes que novas contingências culturais estejam consolidadas (N. dos R.).

³⁶ A expressão original utilizada por Skinner, *cultural engineering*, refere-se à ideia de planejamento deliberado de contingências sociais e culturais capazes de modificar práticas coletivas e comportamentos humanos, conceito central em sua proposta de análise e transformação cultural (N. dos R.).



Se isso é apresentado como nossa visão completa de homem, para mim é insuficiente, inadequado, e dá uma imagem de homem sem sentido. Creio que nos fornece também uma imagem do universo como algo sem sentido.

A razão pela qual tenho uma opinião tão firme sobre isso é que essa visão não condiz em nada com o que aprendi com as pessoas a partir do lado de dentro. Em outras palavras, concordo noventa por cento com tudo o que você diz sobre as pessoas quando as analisa de fora, mas percebo que você não está disposto a compreendê-las a partir de dentro.

O motivo de eu ter sentimentos fortes sobre isso é que não corresponde em nada com o que eu aprendi. Em outras palavras, concordo em noventa por cento do que você diz sobre as pessoas quando está falando sobre elas do lado de fora, mas percebo que você não está disposto a abordá-las interiormente (pelo lado de dentro)³⁷.

SKINNER: Este pode ser um ponto em que simplesmente continuaremos discordando. Não questiono a realidade das evidências que você está apontando, e surpreendo muitas pessoas ao falar sobre meus próprios sentimentos. Sinto que faço isso.

ROGERS: Isso realmente me deixa aliviado.

SKINNER: Quem sabe o que *you* vai revelar. No entanto, recorrendo também à minha experiência como cientista, sempre retorno à descoberta de que, quando desisto de tentar explicar algo por meio de algum tipo de entidade interna e tento – de forma muito desajeitada no início, a princípio –, lidar com entidades externas que possam ser responsáveis por isso, a longo prazo, a questão se resolve. Durante muito tempo, usei o conceito de *drive* (impulso)³⁸, por exemplo, para falar sobre comportamento. Acho que foi a última das ficções de que me despojei em minha história como teórico. E era estranhíssimo, em vez de dizer que um rato tem um “intenso impulso de fome”, dizer: “este rato está com oitenta por cento de seu peso corporal” ou “ele foi privado de comida por vinte e quatro ou quarenta e oito horas”, ou algo assim. Parece tão simples. Existe algo chamado fome e é isso mesmo. Na verdade, na prática, é extremamente valioso insistir nas condições que geram esse impulso. Isso é positivismo, é claro, mas acho que é uma prática valiosa. Se eu pudesse lhe dar outro exemplo sobre isso. Acho que ambos estamos tentando entender um ao outro.

ROGERS: Sim.

SKINNER: No momento, estou escrevendo um livro sobre a tecnologia do ensino, no qual não haverá uma longa exposição sobre máquinas de ensinar³⁹, mas uma análise dos processos de instrução sob esse ponto de vista. Há certos capítulos que considero particularmente interessantes porque representam uma busca pelos correlatos externos dos tipos de traços de caráter que sempre atribuímos ao homem interior. Podemos nos desfazer, creio eu, do conhecimento e das habilidades. Esses são ficções. O conhecimento de algo só é evidente quando você pode falar inteligentemente sobre. Prefiro falar do comportamento de falar sobre as coisas ao invés de falar sobre o conhecimento. Considere, por exemplo, coisas como o prazer pela literatura, o interesse pelo que se está fazendo, a dedicação, o empenho, a perseverança diante da fadiga provocada pelo excesso de trabalho ou a coragem de fazer algo apesar de consequências aversivas. Essas características são facilmente atribuídas a traços de personalidade que parecem vir “com o bebê”. Pessoas que os possuem conseguem fazer essas coisas; pessoas que não os possuem, não conseguem. O cientista dedicado que permanece quinze horas por dia em seu laboratório parece possuir algo: zelo, uma dedicação que muitas pessoas não têm. Supomos que grande parte das pessoas jamais conseguiria se absorver em um assunto a esse ponto⁴⁰.

³⁷ Embora Rogers utilize neste trecho uma formulação mais coloquial ao afirmar que Skinner fala das pessoas “do lado de fora”, sua crítica não se dirige simplesmente à objetividade científica em si, mas à redução da psicologia à observação externa do comportamento e à equiparação dessa perspectiva externa como única forma legítima de conhecimento científico. No texto “Toward a Science of the Person” (Rogers, 1963b), contemporâneo a este diálogo, Rogers desenvolve essa posição de maneira mais sistemática, argumentando que a experiência subjetiva e fenomenológica da pessoa constitui uma dimensão legítima da ciência psicológica. Nesse contexto, Rogers propõe uma ampliação epistemológica da psicologia, capaz de integrar modos subjetivos de conhecimento (primeira pessoa), objetivos (terceira pessoa) e interpessoais (segunda pessoa, denominados por ele como fenomenológicos), em vez de excluir a experiência vivida do campo científico (N. dos R.).

³⁸ O termo “drive”, traduzido aqui como “impulso”, foi amplamente utilizado na psicologia do século XX para designar estados motivacionais internos hipoteticamente responsáveis pela energização do comportamento, como fome, sede ou sexualidade. Nesta passagem, Skinner critica o conceito como uma “ficção explicativa”, isto é, uma entidade interna inferida que, em sua perspectiva, pouco acrescentaria à explicação funcional do comportamento. Em vez de recorrer a causas internas hipotéticas, Skinner propõe descrever diretamente as condições ambientais e fisiológicas observáveis relacionadas ao comportamento, como privação alimentar, peso corporal ou história de reforçamento (N. dos R.).

³⁹ A expressão “máquinas de ensinar” refere-se aos dispositivos mecânicos e aos sistemas de ensino programado desenvolvidos por Skinner nas décadas de 1950 e 1960, considerados por ele parte de uma tecnologia do ensino baseada nos princípios do condicionamento operante. Embora a expressão possa soar datada ao leitor contemporâneo, ela possui relevância histórica no contexto do desenvolvimento das tecnologias educacionais behavioristas (N. dos R.).

⁴⁰ Nesta passagem, Skinner questiona explicações psicológicas baseadas em traços internos de personalidade, disposições ou entidades mentais hipotéticas, como “dedicação”, “coragem”, “interesse” ou “vontade”. No contexto do behaviorismo radical, tais conceitos são frequentemente compreendidos como descrições de padrões comportamentais e não como causas internas do comportamento. Assim, em vez de atribuir determinadas ações a características internas do indivíduo, Skinner procura explicá-las a partir da história de reforçamento e das contingências



Há uma certeza razoável, com base nas evidências atualmente disponíveis, de que até que ponto uma pessoa aprecia música, arte ou literatura, ou até que ponto uma pessoa continua a trabalhar com elevado interesse em um determinado campo, pode ser atribuído a histórias afortunadas de reforçamento⁴¹. Por exemplo, considere o gosto pelos livros. Uma escola quer se gabar do nível de seus alunos e, por isso, faz com que leiam livros antes do momento adequado. Ninguém fez um esforço razoável para programar uma sequência de livros de modo que, depois de obter um resultado bem-sucedido com a leitura de uma página e depois de outra página e assim sucessivamente, o leitor continue lendo e obtenha satisfações periódicas que mantenham esse comportamento. Se isso fosse feito corretamente, estou certo de que poderíamos desenvolver em qualquer indivíduo uma capacidade extraordinária de apreciar livros, e o mesmo se aplica à música, e assim por diante.

No caso do zelo científico, ensinar alguém a querer tornar-se cientista é algo bastante diferente de ensiná-lo a usar os aparelhos em um laboratório. Você quer programar a descoberta de modo que ele tenha a experiência de fazer uma descoberta no primeiro dia, em sua primeira tentativa. Dois ou três dias depois, ele deve fazer outra e, dez dias depois, outra, e sabemos como estender esse cronograma. Eventualmente, teremos ou um pombo pressionando uma alavanca dez mil vezes por dia durante vários anos, ou um cientista batendo a cabeça contra as paredes de seu laboratório dezesseis horas por dia, durante anos.

Se você já viu uma sala cheia de mulheres jogando bingo (*Rogers ri*), não sei por que as mulheres jogam bingo, mas elas demonstram uma dedicação extraordinária, do tipo que a indústria estadunidense adoraria conseguir por meio dos sistemas salariais habituais. O esquema de razão variável presente no jogo de bingo é suficiente para produzir isso. Elas ficam sentadas por horas com quatro ou cinco cartelas, ouvindo os números e observando atentamente. Isso é algo com que nasceram? Não, é algo que está nelas em razão de sua história de reforçamento, e eu usaria palavras como “prazer” ou “coragem” como exemplos daquilo que você encontraria no indivíduo que estou tentando localizar fora dele.

ROGERS: Essa é uma boa formulação. Também penso nas possibilidades e potencialidades do controle humano que todos nós teremos de enfrentar, assim como nas suas consequências. Tenho dois comentários sobre o que você acabou de dizer. Ao falar das causas externas do comportamento, você falou como se, para cada causa externa que conseguimos encontrar, pudéssemos descartar alguma causa interna equivocada anteriormente postulada. Quero deixar claro que não é exatamente disso que estou falando. Acho que isso certamente faz parte do avanço da ciência. Comportamentos que antes eram tratados como se fossem causados por pequenos homúnculos dentro do indivíduo, ou por diferentes causas internas, passam agora a ser vistos como tendo outros tipos de causa. No entanto, o sujeito possui uma vida subjetiva, além de ser uma cadeia de causa e efeito. Parece-me que isso possui uma importância que você não reconhece.

Quando você disse que frequentemente falava sobre seus sentimentos, eu me perguntei: “Por quê?”. Talvez você ainda não tenha descoberto suas causas. Mas me parece que existem outras razões para falarmos sobre nossos sentimentos. A vida subjetiva do indivíduo possui significado como uma perspectiva sobre a vida que permanece separada e, paradoxalmente, relacionada à nossa visão dele como uma molécula na vasta cadeia de causas e efeitos. Alguém poderia dizer: “Bem, mas essa é apenas uma maneira diferente de olhar para as coisas. Na realidade, isso não faz diferença”. Não, isso não é verdade de forma alguma. Quando a vida subjetiva parece ter importância, adotamos cursos de ação diferentes daqueles que adotamos quando a consideramos destituída de qualquer importância.⁴²

Agora, gostaria de voltar às suas observações sobre as “máquinas de ensinar”. Acho que talvez elas deveriam ser chamadas de “máquinas de aprender”, não acha?

SKINNER: Se me permite interromper, o pessoal da informática fala de uma máquina que aprende...

ROGERS: Hmmm, estou entendendo. Então isto seria uma “máquina de aprender”.

SKINNER: ... uma máquina que se modifica em função de sua própria experiência, e acho que eles têm o direito de chamá-la de máquina de aprender.

ROGERS: Está bem.

SKINNER: Em francês, pode-se usar a mesma palavra tanto para aprender quanto para ensinar, mas isso não é possível no inglês.

ambientais relacionadas ao comportamento observado (N. dos R.).

⁴¹ O termo “afortunadas” preserva a ideia presente no original de que tais histórias dependem, em grande medida, de encontros contingentes, históricos e não planejados entre o indivíduo e ambientes que reforçam certos interesses, práticas ou formas de engajamento (N. dos R.).

⁴² A posição expressa por Rogers nesta passagem aproxima-se diretamente da discussão desenvolvida em *Toward a Science of the Person* (Rogers, 1963b). Nesse texto, Rogers argumenta que reconhecer relações causais no comportamento humano não implica reduzir a experiência da pessoa a uma simples cadeia objetiva de causas e efeitos. Ao criticar perspectivas centradas exclusivamente na observação externa do comportamento, o autor afirma que “limitar-se à consideração de comportamentos externamente observáveis e excluir todo o universo de significados internos (...) parece significar fechar os olhos para vastas áreas que se apresentam quando olhamos para o mundo humano” (p. 80). Assim, a vida subjetiva aparece, para Rogers, como uma dimensão legítima e irreduzível da compreensão psicológica e científica da pessoa (N. dos R.).



ROGERS: Está bem, então vamos chamá-las de “máquinas de ensinar”. Parece-me que, dependendo da importância que atribuímos à subjetividade, podemos utilizar o aprendizado programado de maneiras diferentes. A matemática de um aluno está inadequada. Se, naquele momento, ele pudesse recorrer a um programa de matemática para aprender aquilo que precisa saber, isso seria excelente. Se ele precisar saber sobre ótica e houver programas nessa área, poderá recorrer a outro programa e aprender o assunto. Tudo isso justamente em um momento em que seu interesse e necessidade são máximos. A aprendizagem será rápida e eficiente. Essa situação pode conduzir ao que considero o melhor do ensino e da aprendizagem centrados no aluno. Agora vamos escolher alguns exemplos um pouco mais discutíveis. Suponha que o aluno deseje aprimorar sua apreciação da arte. Ele poderia facilmente seguir um programa de apreciação de arte que o levaria a entender os princípios da arte representativa. Ele também poderia fazer um curso que o levasse a entender e apreciar algumas das coisas que os pintores abstratos estão tentando alcançar. Isso seria excelente porque ele se depararia com seus próprios valores, suas próprias decisões, sua própria apreciação pessoal e sua própria posição. Mesmo no campo político, não consigo pensar em nada mais educativo do que haver uma boa sequência de aprendizado programado sobre os princípios e benefícios do modo de vida comunista e um bom programa sobre os princípios e benefícios de uma abordagem mais democrática. Se um estudante tivesse que passar por ambas disciplinas, ele se confrontaria com uma preocupação subjetiva interna, um conflito, uma diferença, que ele teria que resolver dentro de si mesmo. É a isto que me refiro quando digo que dar importância ao subjetivo leva a uma abordagem diferente daquela que consiste simplesmente em moldar o comportamento de uma pessoa.

SKINNER: Talvez eu deva dedicar algum tempo para dizer como vejo a experiência e a vida interior do ponto de vista de uma ciência do comportamento. Não nego, nem por um momento, que cada pessoa tem dentro de sua própria pele uma pequena parte do universo com a qual possui conexões especialmente boas. Você pode ter sua dor de dente, mas eu não posso tê-la, e isso vale para outras condições fisiológicas. Ora, apesar de uma difamação frequentemente lançada contra mim, não creio que o organismo esteja vazio (*Rogers ri*). Tenho certeza de que todo o tipo de atividade acontece lá dentro, mas preocupo-me em não precisar esperar até que os fisiologistas tenham esclarecido tudo para seguir adiante, e acredito que o senhor seguiria na mesma linha.

Mas qual é a natureza da auto-observação nesse caso? Se há coisas acontecendo dentro de você com as quais você possui uma conexão especial, pode-se dizer que essas são aspectos sobre você que ninguém mais poderia conhecer da mesma maneira. Mas será que você as conhecerá? Eu analisei esse problema. Posso ensinar cores a uma criança, caso ela tenha visão cromática, fazendo com que diga “vermelho”, “azul”, “verde” e assim por diante nos momentos apropriados, enquanto estou mostrando o vermelho, o azul e o verde, supondo que eu também tenha visão cromática ou que essas cores estejam identificadas, ou ainda que eu possa analisá-las com um espectrógrafo ou algo do gênero. De qualquer forma, sei algo sobre o estímulo e posso dizer a ele “certo” ou “errado”, à medida que se aprende os nomes das cores. Mas não posso ensinar da mesma forma os nomes de suas próprias emoções. Não posso dizer: “Veja bem, isso é desconfiança, e isso é constrangimento”. Posso acertar corretamente que ele está se sentindo constrangido e usar a palavra constrangido, e ele pode usá-la, mas será que ele a usa da mesma forma que eu? É muito difícil estabelecer um vocabulário comum para a descrição de eventos internos, e isso inclui não apenas eventos emocionais, mas também sensoriais, eventos experienciais, a observação de suas próprias tendências comportamentais, a probabilidade de você se comportar de determinada maneira hoje ou amanhã e o que você fez no passado, bem como o relato de seu comportamento⁴³.

Portanto, embora as pessoas *realmente* observem coisas acontecendo dentro delas enquanto estão sendo estimuladas e enquanto estão agindo de várias maneiras, isso sempre ocorre *após* a ação ou a estimulação. É sempre algo *ex post facto*⁴⁴. E eu diria que os eventos internos que nos parecem tão importantes não são essenciais para a ação e provavelmente não precedem a ação em nenhum caso importante. Quando falo sobre essas coisas internas como ficções, você usou a palavra “errôneo”. Eu não as chamaria de erros: Acho que são ferramentas verbais dispensáveis das quais podemos nos livrar, e lucrar com isso.

Mas quando falo sobre o assunto, as pessoas dizem: “Sim, mas eu consigo sentir minha fome, minha ansiedade, minha timidez”, e assim por diante. Bem, conseguem? Acho que Freud fez uma importante contribuição com a noção de inconsciente. E essa noção de inconsciente não me incomoda. Para mim, os comportamentos consciente e inconsciente são a mesma coisa, com a única diferença de que, no caso do comportamento consciente, você sabe o que está fazendo ou por que está fazendo. No caso do inconsciente, você não sabe. Em outras palavras, essa coisa *ex post facto* pode acontecer no caso de atos conscientes, mas não acontece no caso dos inconscientes. Acho que Freud mostrou claramente que os tipos de variáveis que influenciam o comportamento consciente também podem ser demonstrados como responsáveis pelo comportamento inconsciente. Ele liberou a natureza causal da experiência da necessidade de observação. Ou seja, o que acontece com você afetará seu comportamento, quer você saiba

⁴³ Nesta passagem, Skinner aborda um problema central do behaviorismo radical: a dificuldade de estabelecer um vocabulário público e compartilhado para a descrição de eventos privados, como emoções, sensações e experiências subjetivas. Sua crítica dirige-se especialmente à introspecção clássica, entendida como a ideia de que os indivíduos poderiam observar diretamente seus próprios estados internos e descrevê-los de maneira objetiva e cientificamente confiável. Para Skinner, embora os eventos privados existam, a linguagem utilizada para descrevê-los é aprendida socialmente e depende de critérios públicos de uso. Assim, termos referentes à experiência subjetiva não seriam acessados de maneira puramente privada ou imediata (N. dos R.).

⁴⁴ Expressão latina que significa “de algo feito após o fato” (Nota das Tradutoras).



disso ou não. Quando você sabe, dizemos que é consciente. Quando não sabe, dizemos que é não consciente. A evidência de Freud não é conclusiva para todos, mas aceitamos o princípio geral de que há coisas que fazemos que não sabemos que estamos fazendo, ou que não sabemos que fizemos, ou que não sabemos que vamos fazer. Há razões para agir que não temos conhecimento. Há outras que conhecemos. Se esse for o caso, então a experiência será sempre algo que se segue à ação, ou pelo menos à disposição para agir, e não terá nenhum status causal. E eu olharia, além da experiência, para aquilo que dá origem à experiência.

Suas referências à educação seguem a linha, é claro, que Rousseau retratou pela primeira vez de forma tão bela naquele maravilhoso livro *Émile*, que John Dewey, William James e outros defendiam no final do século passado, de que é preciso que o aluno esteja interessado. Se você conseguir interessá-lo, ele aprenderá. O senhor sugere que, se alguém quiser construir um telescópio, recorrerá ao programa adequado para aprender sobre ótica. O que me preocupa é o fato de ele querer construir o telescópio. Se para você isso significa que há algo dentro dele que o leva a construir um telescópio, então a máquina de ensino se aplicaria apenas para mostrar a ele como fazer isso. Mas eu quero rastrear o desejo de construir um telescópio até eventos anteriores fora dele, nos quais ele entrou em contato com telescópios, ou fotos de telescópios, ou livros sobre, e assim por diante. Quanto ao aluno que deseja aprender mais sobre arte, você diz que não há problema em utilizar a instrução programada para ensinar ao aluno aquilo que ele deseja saber. Mas eu quero ensiná-lo a querer saber mais sobre arte, e acredito que isso pode ser feito, não é algo que surge espontaneamente dentro dele; isso vem de sua própria história passada.

ROGERS: Tenho várias ideias sobre o que você está dizendo, mas me parece que talvez eu possa me comunicar melhor por meio de uma história que considero relevante para essa discussão. Há pouco tempo, um dos meus clientes estava tentando me contar como ele sempre conseguiu lidar com a autoridade e com todos os tipos de situações difíceis, jogando-se para o nada. Foi uma descoberta nova para ele perceber que simplesmente se retraía e travava sempre que alguém fazia muitas exigências a ele. Enquanto eu escutava tudo o que ele dizia (era mais confuso do que o modo como estou contando), eu disse a ele: “A maneira como eu ouço o que você está me contando é que você tinha uma espécie de piada interna contra o mundo. Ninguém poderia derrotá-lo. Você podia simplesmente se recolher para dentro de si mesmo e essa era sua pequena piada”. Ele ouviu e pensou por um momento e depois começou a rir. Depois, começou a rir de forma incontrolável e ficou envergonhado, pois queria parar. Nós dois percebemos que, pela primeira vez, ele estava desfrutando abertamente de uma brincadeira que vinha fazendo com o mundo há anos⁴⁵.

Agora, onde isso se encaixa? Bem, para mim, encaixa-se de várias maneiras. Sem dúvida, quando falo com ele sobre aquele incidente, estou falando de um comportamento que tem suas raízes no passado – não há dúvida quanto a isso. Estou falando também da sua afirmação de que não poderíamos ensinar a uma pessoa o que nomear de sentimento. De certa forma, a psicoterapia é parcialmente isso, e esse é um exemplo bastante vívido disso. Ele certamente nunca pensou em si mesmo como alguém que estivesse fazendo uma brincadeira com a vida ou com as pessoas que tentavam controlá-lo. No entanto, quando isso foi colocado nesses termos, de repente todos os tipos de alarmes internos foram disparados e ele percebeu: “É isso mesmo”, e começou a rir da brincadeira que vinha fazendo com a vida há anos.

Talvez, ao contar um pequeno incidente desse tipo, eu também possa comunicar que uma explicação puramente externa não constitui um retrato completo da aprendizagem interna que ocorreu. Tenho certeza de que ambos somos influenciados por nossas próprias experiências passadas, pois provavelmente você não teve a oportunidade de saber o que se passa dentro do pombo e do rato da mesma forma que eu tive a chance de saber o que se passa dentro do ser humano. Acho que, por causa dessa diferença em nossas experiências passadas, você tende a focalizar apenas uma dimensão da situação, enquanto, para mim, ambas as dimensões são significativas⁴⁶.

SKINNER: Bem, deixe-me relatar minhas reações a essa história. O fenômeno de fugir dos possíveis controladores é, obviamente, característico. O estudante mata aula. A educação tem sua própria palavra para isso – “eva-

⁴⁵ O episódio clínico descrito por Rogers sugere uma compreensão da experiência humana que não se reduz a uma interioridade puramente individual ou subjetivista. O reconhecimento experiencial do cliente emerge no contexto relacional da escuta terapêutica, por meio de um processo interpessoal de ressonância e cocompreensão. Em “Toward a Science of the Person”, Rogers (1963b) desenvolve essa dimensão interpessoal da experiência ao discutir formas fenomenológicas de conhecimento humano. Rogers responde a Skinner com uma situação clínica na qual a compreensão de uma experiência emerge precisamente através da interação interpessoal. Ou seja, a nomeação não surge nem de uma observação privada isolada nem de uma mera rotulação externa, mas de um processo relacional de reconhecimento. Trata-se de um contraexemplo direto à tese do Skinner apresentada algumas páginas antes. Skinner havia argumentado que é extremamente difícil ensinar alguém a nomear eventos internos porque não existe um critério público equivalente ao que existe para as cores. Em diálogo com essas formulações, perspectivas fenomenológicas contemporâneas sobre intersubjetividade, como as desenvolvidas por Dan Zahavi em “Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais” (2014), descrevem a experiência subjetiva não como produto de uma mente isolada, mas como constituída em processos de coparticipação interpessoal e reconhecimento mútuo (N. dos R.).

⁴⁶ Ao afirmar que “ambas as dimensões são significativas”, Rogers parece referir-se simultaneamente à observação externa do comportamento e à experiência subjetiva vivida pela pessoa. Essa posição é desenvolvida de forma mais sistemática em “Toward a Science of the Person” (1963b), texto contemporâneo a este diálogo, no qual Rogers argumenta que uma compreensão adequada do ser humano exige a articulação de diferentes perspectivas de conhecimento. É interessante notar que, no exemplo clínico apresentado anteriormente, o reconhecimento da experiência não emerge apenas da observação externa (terceira pessoa) nem exclusivamente da auto-observação do cliente (primeira pessoa), mas de um processo interpessoal de comunicação e construção compartilhada de significado entre terapeuta e cliente, sugerindo também a importância de uma dimensão relacional ou dialógica da experiência. Essa leitura permite compreender a posição rogeriana não como uma oposição entre subjetividade e objetividade, mas como uma tentativa de integrar diferentes perspectivas de acesso à experiência humana (N. dos R.).



são”⁴⁷ – que, aliás, deriva de uma antiga palavra que significa algo como “vagabundo” ou “miserável”⁴⁸. A religião tem sua apostasia. O governo tem seus desertores (sua própria versão de apostasia). A economia tem as greves, nas quais as pessoas se recusam a trabalhar, embora sejam pagas, ou os boicotes de consumidores, nos quais se recusam a comprar produtos considerados caros, e assim por diante. Essas são reações a tentativas de controle, exercidas não apenas por controladores organizados, mas também pelo controle ético mais amplo, no sentido de controle exercido pelo grupo ao qual a pessoa pertence. O eremita é um fugitivo da vida social. Um *beatnik*⁴⁹ é um tipo diferente de fugitivo. O tipo de pessoa interior, fechada e retraída também é assim.

Agora, evidentemente você está trabalhando com uma pessoa que recorreu a esse tipo de reação ao controle. Se ele próprio usou as expressões “fechou-se” e “se sentiu inexpressivo”⁵⁰ sem nenhuma orientação, isso me indicaria que ele estava caracterizando seu comportamento de uma forma um tanto quanto metafórica. Talvez você não queira que seja uma metáfora, mas eu quero. Penso comigo: “Puxando-se para dentro?”⁵¹ Não sei o que isso significa para você. Você tem o mesmo tamanho que tinha antes. Mas você pode estar se tornando histericamente cego para o ambiente, ou simplesmente não notando as coisas. Você certamente está se fechando em seu mundo, pois está cortando as reações a ele (ao ambiente). Agora, evidentemente, você está trabalhando com uma pessoa que recorreu a esse tipo de reação ao controle. Se ele próprio usou as palavras “puxar-se para dentro e ficar inexpressivo”, sem qualquer orientação, isso me indicaria que estava caracterizando o comportamento de forma bastante metafórica. Talvez você não queira que isso seja uma metáfora, mas eu quero. Penso comigo: “Puxar-se para dentro? Não sei o que isso significa. Você continua do mesmo tamanho que tinha antes. Mas pode estar se tornando histericamente cego ao ambiente, ou simplesmente deixando de perceber o que existe ao seu redor. Você certamente está se recolhendo ao seu próprio mundo, pois está interrompendo suas reações a ele”⁵². Então, o primeiro passo na história dessa pessoa é que ela reagiu dessa forma e, presumivelmente, isso a colocou em dificuldade. Foi por isso que ele veio falar com você. Então, talvez pela primeira vez, você lhe mostrou, ou ao conversar com você ela indicou a si mesmo, que estava usando esse recurso para evitar ser controlada. Talvez ela nunca tenha percebido isso por conta própria. O eremita pode não perceber que a razão pela qual ele gosta da vida de eremita é que ninguém o critica, ou alguma outra razão do tipo. Mas agora ele passa a ter um *insight*⁵³, se preferir, do reforço negativo que o está levando a comportar-se dessa maneira. Esse seria o segundo passo. Primeiro, a fuga efetiva do controle. Segundo, o reconhecimento de que se trata de uma fuga. Ele pode muito bem escapar sem saber que está fazendo isso. Agora ele vê que está fazendo isso.

Não consigo explicar o riso dele. Talvez tenha sido pela súbita percepção do que estava acontecendo, mas, de qualquer modo, eu não sei explicar o riso, então isso não me incomoda. Nesse caso, o riso ocorreu, mas não suponha que ocorreria inevitavelmente com alguém que subitamente percebesse que estava se afastando da sociedade e escapando de suas influências. Algumas dessas coisas talvez já lhe fossem conhecidas antes de procurar você. Tenho certeza de que, ao conversar com você, ele percebeu mais claramente o que estava fazendo e as razões pelas quais o fazia. Para mim, essa é a substância humana do processo de autocompreensão em um caso como esse.

ROGERS: Bem, não sei se isso nos leva a algum lugar na discussão intelectual. Sua recusa em compreender qualquer experiência humana que não seja em termos altamente estruturados e intelectualistas, realmente me fascina; e fiquei particularmente intrigado com sua reação à frase “puxar-se para dentro”. Você comenta que, na verdade, ele continuava tão grande depois de se recolher quanto era antes. Isso certamente é verdade, mas é diferente do tipo de coisa que tem sido significativa em minha própria experiência. Quando um cliente começa a falar em termos de analogias e fantasias, percebo que ele está começando a chegar a algum lugar. A pessoa que é capaz de falar em

⁴⁷ Skinner utiliza aqui um termo associado à tradição educacional norte-americana que remete ao ato de faltar deliberadamente às aulas ou esquivar-se da frequência escolar obrigatória (*truancy*). Optamos pela tradução “evasão” por aproximá-la do campo educacional, embora o termo não corresponda exatamente ao sentido contemporâneo de evasão escolar em português, que costuma designar o abandono definitivo dos estudos. No contexto da argumentação de Skinner, o exemplo é utilizado para ilustrar formas de resistência ou fuga diante de tentativas de controle social, isto é, comportamentos pelos quais indivíduos resistem, evitam ou escapam de tentativas de controle exercidas por outras pessoas ou instituições. (N. dos R.)

⁴⁸ Etimologicamente, é algo como “conduta do faltoso”, “negligência” do dever (N. do E.)

⁴⁹ A palavra *Beatnik* refere ao participante do movimento *beat*, movimento de contracultura nos anos 1950 nos Estados Unidos. Associado a artistas, escritores músicos, e poetas, apontava para uma vida antimaterialista. A expressão “geração beat” foi introduzida por Jack Kerouac, em 1948 (N. dos R.).

⁵⁰ No original: “If he, himself, used the words “pulled in and became blank” without any direction”. Outra possibilidade de tradução seria “puxar-se para dentro e se tornar inexpressivo”, ou “puxar-se para dentro e se tornar inerte”. Como destacado pelas primeiras tradutoras, “became blank” dá uma ideia de que alguém fica apático, paralisado, ausente emocionalmente, inerte, dormente, congelado, esvaziado ou externo ao campo sensorial imediato (N. do E.).

⁵¹ Ou “fechou-se”? (N. do E.).

⁵² A argumentação de Skinner ilustra uma diferença importante entre as perspectivas dos dois autores: enquanto Rogers toma expressões como “puxar-se para dentro” ou “fechar-se” como descrições significativas da experiência vivida, Skinner procura reinterpretá-las como formas metafóricas de descrever alterações observáveis na relação do indivíduo com o ambiente (N. dos R.).

⁵³ No original: “But now he gets an insight...”. A palavra *insight* está consideravelmente presente da literatura, e costuma ser traduzida por “visão”, “iluminação” ou “compreensão”, no sentido de uma apreensão de algo. Dada sua circulação na linguagem e na literatura, preferimos manter a palavra no original sem tradução em particular (N. do E.).



termos de fantasia ou metáfora, termos não relacionados à estrutura estrita da vida cotidiana, está pensando e sentindo significativamente sobre os significados mais profundos de sua própria vida. Tenho certeza de que tanto o “fechar-se” quanto o “ficar inexpressivo” que ele descreveu poderiam ser considerados termos sem sentido comportamental, mas, como termos descritivos de sua própria orientação subjetiva diante da vida, são extremamente significativos.

De alguma forma, em suas últimas observações, percebi com mais clareza do que antes qual pode ser a diferença entre nós. Parece-me que você está dizendo que toda a vida, ou qualquer incidente específico, pode ser cuidadosamente organizado ou analisado em termos estritamente intelectuais, que nada têm a ver com significado e que constituem meras descrições diretas de acontecimentos externos. Isso é ótimo, se for possível fazê-lo, mas eu não acredito nisso. Um ponto de vista tão restrito corre o mesmo risco de alguns alunos que costumávamos encontrar em Chicago, que haviam se comprometido toda a sua vida com a crença de que “não preciso sentir; não preciso escolher; tudo pode ser resolvido de forma racional; minha vida será vivida sobre uma base completamente”. Isso é muito bom, exceto pelo fato de que simplesmente não funciona.

SKINNER: Achei que havia concordado com a existência dessas experiências. O que eu contesto é a suposição de eficácia causal. Eu sei que você não deve ser responsabilizado pela psicologia freudiana...

ROGERS: Não, realmente não deveria.

SKINNER: ... mas eu gostaria de dar um exemplo. O que quero destacar é que, com Freud, devido à metáfora elaborada que ele usou para lidar com a relação entre os eventos mentais internos e a autoridade externa que ele alegou alcançar (e conversei com bons psicanalistas que concordam com isso), não há evidências disponíveis para estabelecer a sequência temporal entre a cura e a lembrança de uma experiência traumática. Pode ser que, como os freudianos gostariam que fosse, com base na analogia da excisão de um tumor, o fato de trazer a experiência traumática para fora do inconsciente provoque a cura. Mas também pode ser que a cura permita que o paciente reconheça e se lembre de uma experiência traumática. Portanto, não é possível ter certeza de que você extirpou a causa do problema e produziu o efeito terapêutico em si

Agora, como eu disse, não estou atribuindo isso a você, mas penso que você tende a ordenar os eventos de tal forma que a compreensão da experiência interior preceda as consequências evidentes dela. Você disse que quando um cliente começa a falar em termos de analogias ou a relatar fantasias, ele começa a chegar a algum lugar. Presumo que esse “chegar a algum lugar” signifique que ele agora começa a compreender a si mesmo, talvez até mesmo a encontrar melhores maneiras de lidar com o mundo. Se você me permite supor que esse “chegar a algum lugar” é passível de uma descrição racional, acho que a questão entre nós é se a compreensão racional de uma pessoa sobre sua posição no mundo decorre ou não de vislumbres irracionais ou fantasiosos de sua própria experiência, ou se as experiências vêm depois de alguma compreensão do fato racional. Meu exemplo do “fechar-se” seguiu essa linha. Sugerir que a primeira coisa que aconteceu com esse cliente foi entender que, ao se recolher em si mesmo, como ele disse, estava de fato fugindo de aspectos desagradáveis do mundo ao seu redor. Ele poderia ter realizado esse afastamento e percebido que o fazia sem saber que a principal consequência era libertar-se de estimulação aversiva. Então, eu teria dito que qualquer metáfora que ele pudesse usar, talvez associada a uma piada (que, nesse caso, lhe foi sugerida), viria depois, e não antes da compreensão efetiva dos acontecimentos externos. Por acontecimentos externos, refiro-me ao comportamento em relação às variáveis de controle. Ele percebeu que estava se afastando de coisas importantes no ambiente porque, ao fazê-lo, reduzia a estimulação aversiva em sua vida.

Teremos que concordar em discordar sobre esse ponto ou tentar esclarecê-lo melhor. Estou levantando a questão da importância relativa dessas experiências, não de sua existência.

ROGERS: Muito bem. Eu não acredito que tenhamos qualquer divergência fundamental quanto à abordagem que se deve adotar na tentativa de resolver uma questão científica. Por exemplo, estou muito interessado no que realmente produz mudanças na psicoterapia. Já considerei todos os tipos de hipóteses, inclusive a possibilidade de a psicoterapia ser um condicionamento operante. Ambos acreditamos, creio eu, que poderiam ser realizados estudos que gradualmente lançariam luz sobre as causas da mudança. Não penso que discordemos quanto ao tipo de abordagem necessária para obter uma resposta científica para um determinado problema. Mas minha própria hipótese é que a experiência precede o *insight*, e entendi que você estava afirmando o contrário. Penso que, quando essa pessoa soltou uma gargalhada incontrolável, ela estava apreciando e experimentando a satisfação de enganar seus controladores, para usar sua terminologia, e que, posteriormente, como consequência dessa experiência, seria capaz de colocar esse tipo de *insight* em palavras. Novamente, isso é uma questão empírica, e a evidência pode revelar exatamente o oposto.⁵⁴

⁵⁴ A hipótese formulada por Rogers neste trecho, segundo a qual a experiência precede a tomada de consciência, encontra ressonância em “Toward a Science of the Person” (1963b). Nesse texto, Rogers argumenta que a experiência humana não se reduz ao que já foi conceitualmente organizado ou verbalizado pela pessoa. Ao contrário, a experiência imediata constitui um campo mais amplo de vivências, significados e sentidos ainda não plenamente simbolizados, dos quais a consciência reflexiva representa apenas uma parcela. Nessa perspectiva, a compreensão explícita e a formulação verbal não são o ponto de partida da mudança, mas podem emergir posteriormente como tentativas de simbolizar e dar sentido a algo que já estava sendo vivido experiencialmente. Assim, a posição defendida por Rogers neste diálogo sugere que certos aspectos da experiência podem ser sentidos e vividos antes de serem reconhecidos, compreendidos ou colocados em palavras. Nesse sentido, a divergência entre Rogers e Skinner neste trecho parece dizer respeito não à existência da experiência subjetiva, mas à sequência pela qual ela se torna



Outro comentário que gostaria de fazer é que me parece que você ainda acredita que, quando falo de experiências subjetivas, experiências internas e assim por diante, estou tratando-as como causas de algo externo. Em outras palavras, como se eu estivesse introduzindo alguma força externa para produzir determinados efeitos. Não é esse o significado que lhes atribuo. A experiência subjetiva do ser humano, em minha opinião, é uma dimensão anterior; uma dimensão que precede nossos interesses científicos, nossas atividades científicas e nosso comportamento científico. É um fato mais primitivo do que nosso comportamento científico. Não a considero um pequeno dispositivo destinado a produzir explicações causais. Penso nela como uma dimensão significativa da vida: mais primitiva, mais básica, um aspecto da existência ao qual recorreremos para avaliar se consideramos uma abordagem científica melhor do que outra. Como parte de nossa vida e experiência subjetivas, desenvolvemos gradualmente um conjunto maravilhosamente complexo de regras para evitar o autoengano, e chamamos isso de ciência. Tenho grande respeito por isso e penso que avançamos significativamente por meio da ciência, mas seria lamentável se essa perspectiva mais restrita da ciência nos cegasse para o fato de que somos também, e fundamentalmente, seres subjetivos⁵⁵.

SKINNER: Bem, acho que isso continuará sendo uma diferença.

ROGERS: Suspeito que sim.

SKINNER: Você tem algumas autoridades poderosas e importantes do seu lado. Houve um considerável ressurgimento do interesse nos aspectos pessoais da ciência. O professor Bridgman⁵⁶, antes de morrer, costumava defender essa posição. Passei horas tentando explicar a ele como lidar com a questão de saber se o verde que ele vê não é o vermelho que eu vejo, e assim por diante, e ele foi para o túmulo sem saber a resposta e muito preocupado com isso. Acho que essa é a perspectiva errada. Não considero que a ciência seja a experiência dos cientistas. Ela é um conjunto de procedimentos e práticas. Eu detestaria pensar que a física é, de alguma forma, aquilo que se passa na mente de um físico. Ela é aquilo que os físicos fizeram e aquilo que podem fazer. É uma série de marcas pertencentes a linguagens convencionais que permitem que outras pessoas façam coisas, inclusive falar sobre elas mesmas quantitativamente.

Se a experiência parece imediata, valiosa e importante, acho que é outra consequência do fato de que cada um de nós tem uma pequena parte do universo dentro de sua própria pele e está em contato com ele. Se eu quiser ensinar a uma criança o significado da expressão “dor de dente”, preciso saber quando ela está com dor de dente. Se eu for um dentista e estiver examinando a criança e ela der um pulso, digo: “ai está, isso é uma dor de dente”. Ou, se a criança chega e sua mandíbula está inchada, digo: “você está com dor de dente”. A evidência para o dentista é a visão de um dente cariado e de um instrumento metálico tocando-o. A visão de uma mandíbula inchada ou de uma mão apoiada sobre a mandíbula constitui outro tipo de evidência. Esses são os estímulos mediadores que me permitem ensinar à criança o significado da expressão “dor de dente”. Mas a criança está recebendo uma estimulação muito poderosa do próprio dente e, daí em diante, é isso que ela quer dizer quando usa a expressão “dor de dente”. Isso é muito mais importante para ela do que os critérios externos que a comunidade utilizou para lhe ensinar esse termo.

Quando há estímulos poderosos desse tipo, eles naturalmente assumem o controle da palavra, e aquilo a que a palavra se refere para a criança é o estímulo doloroso real, não uma mão na mandíbula. No caso do comportamento humano e de outras situações em que lidamos com uma variedade de estímulos externos sem fortes contrapartidas internas, os termos continuam a referir-se àquilo que é evidente para a comunidade. Isso geralmente se aplica à linguagem que descreve nosso próprio comportamento. Aprendemos essa linguagem quando o comportamento é suficientemente evidente e amplo para que possamos dizer: “Sim, agora você está levantando a mão. Agora está dizendo a palavra ‘Now’ (agora), e assim por diante”. Mais tarde, porém, você pode levantar a mão sem mover um músculo e pode dizer uma palavra para si mesmo, movendo pequenos músculos ou até mesmo nenhum. Você diz: “Sim, há pouco falei algo para mim mesmo”. Fecho os olhos e consigo ver esta sala razoavelmente bem, e sou perfeitamente franco ao dizer que estou fazendo isso. Está acontecendo algo semelhante ao que aconteceria quando meus olhos estavam abertos, e posso relatar isso.⁵⁷

compreensível. Enquanto Skinner enfatiza a compreensão das contingências comportamentais como condição para o reconhecimento da experiência, Rogers sugere que a experiência vivida pode anteceder sua simbolização e posterior elaboração consciente (N. dos R.).

⁵⁵ Neste trecho, Rogers procura esclarecer uma possível interpretação equivocada de sua posição. Ao defender a importância da experiência subjetiva, ele não a apresenta como uma hipótese explicativa, uma entidade teórica ou uma causa interna do comportamento. Pelo contrário, argumenta que a experiência constitui uma dimensão mais primitiva e fundamental da existência humana, anterior às próprias atividades científicas pelas quais buscamos explicar o comportamento. Essa posição é desenvolvida de forma mais sistemática em “Toward a Science of the Person”, onde Rogers (1963b) sustenta que a experiência imediata não é um objeto a ser explicado pela ciência, mas o campo originário a partir do qual toda investigação científica se torna possível. Nesse sentido, a experiência subjetiva não é tratada como uma variável causal concorrente às explicações científicas, mas como uma condição de possibilidade para qualquer forma de conhecimento, inclusive o conhecimento científico. Essa formulação aproxima-se de perspectivas fenomenológicas segundo as quais toda atividade reflexiva e científica emerge de uma experiência pré-reflexiva do mundo (N. dos R.).

⁵⁶ Percy W. Bridgman (1882-1961) foi um físico norte-americano, vencedor do Prêmio Nobel de Física em 1946, conhecido por sua formulação do operacionalismo. Bridgman interessou-se por questões relativas à relação entre experiência subjetiva e conhecimento científico, incluindo o problema filosófico de saber se diferentes pessoas vivenciam qualidades perceptivas, como as cores, da mesma maneira. Skinner menciona esse debate como exemplo de uma questão que considerava secundária para a prática científica (N. dos R.).

⁵⁷ Este trecho ilustra uma das formulações centrais do behaviorismo radical de Skinner acerca dos chamados eventos privados. Diferentemente



Em geral, enquanto aqueles que lidam com a experiência tendem a dar grande importância à estimulação interna, aqueles que lidam com o comportamento tendem a falar mais sobre os elementos comuns disponíveis tanto para a comunidade verbal quanto para o indivíduo. Naturalmente, eu gostaria de minimizar a importância da dor de dente e lidar com uma definição operacional de “dor de dente”. (Rogers *ri*). Isso pode parecer terrivelmente tolo, porque sabemos o que são dores de dente e o quão importantes e poderosas elas são. Mas as definições operacionais que descrevem o próprio comportamento e os estados de humor são bastante diferentes e, em geral, prefiro permanecer no nível do comportamento, sem negar de forma alguma que, quando estou com raiva de alguém, algo está acontecendo comigo ao qual posso reagir como reajo a uma dor de dente, embora eu ainda defina a raiva em termos do dano causado aos outros. Quero uma definição comportamental da raiva, embora, em muitos casos, tenha sido possível obter uma razoável consistência pedindo às pessoas que descrevessem sensações como pressões vívidas e opacas no peito, como se fazia antigamente ⁵⁸.

ROGERS: Mas esse desejo por uma descrição comportamental da raiva dificilmente se aplicaria quando você está com raiva.

SKINNER: Não teria se aplicado quando eu era jovem. Agora, como cientista, aplica-se muito. Quando eu era criança, não saberia descrever o comportamento e teria escolhido a palavra “raiva” associado-a aos estímulos marcantes, embora nem sempre consistentes, produzidos pelo sistema nervoso autônomo, entre outras coisas. Agora, quero definir a raiva de uma forma que descreva meus atos de raiva. Se eu tivesse dito algo hoje com a intenção de magoá-lo e não tivesse percebido isso, eu estaria demonstrando falta de discernimento científico, não desconhecimento dos meus sentimentos. Confesso que não senti raiva de você em nenhum momento hoje, mas se alguém pudesse me provar que eu usei um exemplo ou uma figura de linguagem como uma provocação, essa seria uma definição comportamental objetiva de raiva, e eu confiaria mais na evidência de outra pessoa de que eu senti raiva de você do que na evidência dos meus próprios sentimentos.

ROGERS: Bem, isso é extremamente interessante. Não tenho certeza se quando você sente raiva, você diz a si mesmo: “Estou tendo algumas reações autonômicas dirigidas a fulano de tal”. É realmente tão intelectual assim?

SKINNER: Não. Em geral, certos tipos de padrões de comportamento são acompanhados por descargas autonômicas. Nem sempre se trata de emoção. Exercício físico intenso também produz esse tipo de reação.

ROGERS: Claro.

SKINNER: Essa coisa que chamamos de raiva, que eu gostaria de definir em termos comportamentais como uma predisposição para prejudicar ou causar dano – essa é uma definição comportamental – é muitas vezes acompanhada por estímulos que são relativamente consistentes, de modo que, sem me mover e sem perceber⁵⁹ qualquer impulso real para agir de determinada forma, posso relatar que sinto raiva. Uma das coisas que Freud fez foi nos levar a examinar nossos atos. Não para descobrir nossos sentimentos, porque estes eram inconscientes, mas para descobrir as consequências que participavam da determinação de nosso comportamento. Considero isso uma análise comportamental de uma emoção. Todo comportamento inconsciente, por definição, tem de ser compreendido nesses termos.

ROGERS: Terei que refletir a respeito disso. Estou tentando descobrir se você tem ou não consciência de viver subjetivamente. Em alguns momentos, você parece se expressar a partir das duas perspectivas, e por isso já não tenho tanta certeza a esse respeito. Pelo seu bem, espero que sim, mas...

SKINNER: Bem, espero que sim. Se você quer dizer que aprendi a observar certos estados do meu próprio corpo e a discuti-los de maneira consistente em conexão com os meus comportamentos, posso relatar a você que

de interpretações que atribuem ao behaviorismo uma negação da experiência subjetiva, Skinner reconhece a existência de sensações, pensamentos, imagens mentais e outras experiências acessíveis apenas ao próprio indivíduo. Seu interesse, entretanto, concentra-se em explicar como aprendemos a descrevê-las. Segundo sua proposta, a comunidade verbal ensina inicialmente o uso das palavras com base em situações públicas e observáveis. Posteriormente, essas mesmas palavras passam a ser utilizadas para descrever eventos privados, como dor, pensamento ou imaginação. Assim, a questão central para Skinner não é a existência da experiência subjetiva, mas os processos pelos quais ela se torna passível de descrição e comunicação (N. dos R.).

⁵⁸ A referência às descrições de “pressões vívidas e opacas no peito” parece remeter aos métodos introspeccionistas desenvolvidos por psicólogos estruturalistas no final do século XIX e início do século XX, particularmente associados a Edward Titchener. Nessa tradição, os participantes eram treinados a descrever suas experiências conscientes em termos de qualidades sensoriais elementares. Skinner menciona esse procedimento para contrastá-lo com sua própria proposta de definição psicológica. Embora não negue a existência das sensações associadas às emoções, ele argumenta que fenômenos como a raiva devem ser definidos principalmente por sua função comportamental e pelas relações que estabelecem com o ambiente, e não pelas sensações subjetivas que os acompanham. Skinner está discutindo o critério de definição científica da emoção, não a existência da emoção em si (N. dos R.).

⁵⁹ No original: “...without being aware of any real impulse to act in a certain way”, sendo o “perceber” correlato a “being aware”, como “estar ciente” (N. dos R.).



gosto de ouvir Wagner e o que estou fazendo quando o escuto, e assim por diante. Suponho que vivo uma vida emocional, nesse sentido. Mas não é isso que me interessa nas minhas emoções. Espero continuar aproveitando a vida dessa maneira. O que me interessa é a minha emoção no sentido da minha disposição de agir desta ou daquela forma em relação a uma variedade de situações. Muitas vezes voltei a algo que escrevi e fiquei chocado ao descobrir palavras carregadas emocionalmente. Eu não tinha consciência disso naquela época e não consigo acreditar agora que me sentisse assim em relação a alguém; e, ao dizer isso, tudo o que quero dizer é que eu estava inclinado a prejudicar essa pessoa de alguma forma. Esta é uma descoberta independente de qualquer estímulo aqui (*gestos em direção ao seu corpo*) ou onde quer que ele esteja. Acho que, para mim, é algo trivial descobrir que estou com raiva. Acho importante descobrir se meu comportamento em relação às pessoas em geral é ou não um comportamento raivoso, e isso parece estar praticamente desconectado do que está acontecendo dentro de mim. Posso gostar de estar com raiva de alguém, e posso desfrutar de outras emoções melhores do que a raiva. Espero continuar fazendo isso. Nesse sentido, é claro que eu vivo uma vida de experiência.

ROGERS: Eu compartilho isso com você, porque também vivo uma vida de sentimentos. Às vezes me arrependo deles e, em outros momentos, desfruto deles, e assim por diante. Parte do que tenho tentado dizer é que o sentimento subjetivo da própria vida é uma parte extremamente importante de ser humano. Não vejo razão para me sentir constrangido em relação a isso. Isso confere dimensão e perspectiva às nossas visões objetivas.

Antes de nos aprofundarmos nesse assunto, gostaria de voltar a alguns de seus comentários sobre ciência que me interessaram bastante. Se eu entendi corretamente, você realmente vê o conhecimento científico como um *corpus* de fatos externos que existe independentemente de você, de mim, do físico ou de qualquer outra pessoa, como algo que está aí, em um espaço semântico. Acho que um dos esforços da ciência é alcançar tal corpo de verdade, separado de qualquer indivíduo. Ainda assim, a prática efetiva da ciência é algo altamente pessoal, governada por decisões subjetivas nas quais escolhas subjetivas determinam muitas coisas: o que estudaremos; os métodos que utilizaremos; o tipo de significado que extrairemos disso. Quando pessoas suficientes extraem significados semelhantes de experiências similares, dizemos: “Isso parece ser um fato científico bem verificado”. Mas ainda assim se baseia em uma base subjetiva.

Acho que nunca tentei colocar o que vou dizer em palavras, e não tenho certeza de como vai soar, mas ao observar clientes que caminham em direção a um melhor ajustamento, à medida que elaboram suas questões na terapia, tenho a impressão de que aprendem, de certa forma, a viver uma ciência subjetiva. Talvez isso pareça uma contradição em termos, mas, à medida que a pessoa se torna mais aberta ao que está acontecendo dentro de si, ela dispõe de melhores dados sobre os quais agir. É mais provável que suas hipóteses sejam confirmadas por sua experiência. O sujeito está, de uma maneira curiosa, vivendo o melhor da ciência em uma base subjetiva interna, no que diz respeito aos eventos que ocorrem dentro de si, às hipóteses que ele formula a partir desses eventos e aos comportamentos consequentes sobre os quais ele age. Isso sempre me intrigou.

SKINNER: Bom, estávamos nos dando bem por um ou dois minutos. Eu estava admitindo que apreciava minhas experiências e você estava apreciando as suas. Tudo ia bem até que você começou a atribuir a elas a responsabilidade por escolhas e decisões, e aí você passa a tratá-las como fazendo algo, mas elas não fazem nada. Elas são o resultado de se fazer algo. Quando uma pessoa está tomando uma decisão, sem dúvida está trabalhando sobre si mesma, mas por meio do ambiente, ou por meio de uma internalização da ação que foi inicialmente aprendida no ambiente. Posteriormente, ela poderá sentir a convicção de uma escolha ou decisão, mas isso é algo que vem depois.

Se eu fosse ensinar alguém a tomar decisões, não tentaria ensiná-lo a partir de sua vida interior. Eu lhe ensinaria os procedimentos externos, matemáticos e estatísticos que permitem chegar à decisão mais provável em um determinado conjunto de circunstâncias. Agora, o que acontece quando se toma uma decisão relâmpago? Não acho que você ou eu saibamos. Nenhum de nós dispõe de dados internos ou externos. A coisa acontece rápido demais para ser acompanhada. Eu insisto na distinção de eficácia casual. Não quero dizer que uma pessoa que chegou a uma decisão sobre sua própria vida não sinta essa decisão. Ela sente que a decisão é correta. Sente aquilo que agora vai fazer, e assim por diante. Mas eu iria o mais longe possível ao questionar se os ingredientes essenciais aqui não seriam o ambiente e suas manipulações autogeridas e autocontroladas [do ambiente].

ROGERS: Eu sinto muitas coisas sobre isso, mas você teve a gentileza de me conceder a primeira fala nesta tarde, e vejo pelo relógio que nosso tempo realmente se esgotou, então vou lhe dar a última palavra em nossa discussão hoje⁶⁰.

[Fim do debate do primeiro dia]

SKINNER: Dr. Rogers gentilmente se ofereceu para me deixar começar primeiro desta vez, já que eu o deixei fazer isso ontem. Espero que isso seja simbólico de um esforço contínuo para tratarmos um ao outro de maneira justa ao longo deste extenso diálogo. Quero retomar dois pontos em minhas observações iniciais desta manhã. Pri-

⁶⁰ A fala de Rogers encerra o primeiro dia de discussão. Na página seguinte, Skinner inicia sua intervenção mencionando explicitamente que Rogers havia aberto o debate “ontem”, indicando a retomada da conversa no segundo dia. De acordo com Martin (2017), este encontro foi o mais intenso, extenso e interativo dos debates públicos entre Rogers e Skinner. (N. dos R.)



meio, quero responder à sugestão do moderador de que deveríamos começar a falar sobre educação mais adiante. Também quero tentar avançar na construção de um entendimento com o Dr. Rogers acerca das técnicas que empregamos para alcançar o que tenho certeza de que são objetivos muito semelhantes. A principal questão que foi desenvolvida ontem dizia respeito à questão da experiência interior e ao seu lugar no comportamento humano. Vou tentar expor minha posição da forma mais clara possível e espero que possamos verificar se existe um desacordo fundamental entre nós ou se, em certo sentido, estamos falando sobre a mesma coisa.

Quero examinar três casos, tomados da área da educação que envolvem supostos eventos internos considerados relevantes para aquilo que é necessariamente um processo externo de instrução. Não responsabilizo o Dr. Rogers por nenhuma dessas posições, mas preciso considerá-lo como um companheiro de viagem, no sentido de que os argumentos que apresentarei me parecem exemplificar uma tentativa de explicar o comportamento atribuindo o evento originário a algo relacionado à experiência interior. Quero abordar três problemas educacionais: o ensino do conhecimento (conhecimento verbal ou habilidades verbais), o ensino do pensamento e o ensino de alguns traços de personalidade que mencionei brevemente ontem.

O primeiro desses problemas diz respeito ao significado de comportamento verbal. Escrevi um livro bastante longo e, segundo me dizem, muito difícil, no qual tento explicar o comportamento verbal por parte do falante e as respostas a estímulos verbais por parte do ouvinte, sem recorrer: primeiro, à noção de significado; segundo, à noção mais antiga de ideia ou proposição; ou, terceiro, à noção mais recente de informação. Esses três termos cometem um erro fundamental ao supor que existe algum tipo de atividade cognitiva que não seja, em si mesma, verbal; que ocorre antes do comportamento verbal, e que o comportamento verbal seja apenas o sintoma ou símbolo dessa atividade. As palavras, na verdade, significam atividade interior⁶¹.

Agora, tomando primeiro um exemplo não verbal, havia aquela velha piada da diferença entre um homem correndo para pegar um trem e um outro homem treinando para uma corrida. Fisiologicamente, ambos estão fazendo a mesma coisa. Em que diferem um do outro? Se você acredita que o significado é algo que caracteriza o comportamento, então teria de supor que seus comportamentos não são idênticos. Eles podem ser fisiologicamente iguais, mas um deles carrega o sentido de pegar um trem, enquanto o outro possui o significado de melhorar a si mesmo para uma corrida futura⁶². Eu procuro essa diferença – não no comportamento, que eu penso ser, ou pode ser, o mesmo em ambos os casos –, mas nas variáveis responsáveis pelo comportamento. Em cada caso, há uma história diferente, e o que poderia ser chamado de um propósito diferente. Ora, propósito é outra dessas coisas internas que o Dr. Rogers mencionou como algo sem significado para uma análise comportamental⁶³. Eu penso que isso tem grande significado e tentei sugerir que o reforçamento nada mais é do que outra maneira de falar sobre propósito. A única diferença é que o reforçamento identifica o momento característico em que um evento é importante.

Na evolução do comportamento, se você disser que uma aranha constrói uma teia para capturar moscas, de modo que a aranha sobreviva e perpetue sua espécie, parecerá que a futura captura das moscas na teia teve algo a ver com a construção da teia. Na verdade, penso que um biólogo concordaria que essa é ordem incorreta dos acontecimentos e que o propósito da teia está no passado. Ou seja, aranhas que, no passado, construíram teias eficazes encontraram uma fonte de alimento. Isso significou que sobreviveram com seu comportamento, e acredito que esse seja um padrão de comportamento herdado responsável pela obtenção de alimento. Assim, no esquema biológico-evolutivo das coisas, aquilo que parece ser o propósito futuro de um evento é, na verdade, uma referência de ocorrências passadas.

Isso também é verdade no caso de comportamento operante, porque aquilo que estou fazendo agora para produzir um efeito em você dificilmente pode ser determinado por um efeito que ainda não produzi. É determinado pelos efeitos que produzi no passado, os quais moldaram meu comportamento verbal de várias maneiras, e você, é claro, vai moldar meu comportamento nos próximos cinco ou dez minutos. Aceito de bom grado a piada do rato que diz ter me treinado muito bem. Qualquer ciência acaba sendo moldada, enquanto atividade humana, por seu próprio objeto de estudo. O homem que projeta um ciclotron o projeta precisamente para que certos eventos ocorram nele de uma determinada maneira. Se ele não fizer isso, seu ciclotron será descartado e o de outra pessoa sobre-

⁶¹ Nesse trecho, Skinner rejeita explicitamente a ideia de que a linguagem funcione como mera expressão de conteúdos mentais internos previamente constituídos. Sua crítica dirige-se a noções como “significado”, “ideia”, “proposição” e “informação”, entendidas como entidades cognitivas internas das quais o comportamento verbal seria apenas um sintoma ou representação externa. Tal posição contrasta fortemente com formulações que se consolidariam posteriormente no âmbito da chamada “revolução cognitiva”, especialmente os modelos de processamento de informação centrados em representações mentais internas. O trecho é particularmente relevante por evidenciar que parte importante do projeto behaviorista skinneriano consistia justamente em evitar explicações mentalistas ou representacionais do comportamento verbal. Para um aprofundamento histórico e epistemológico sobre a chamada “revolução cognitiva” e o paradigma do processamento de informação, ver Lopes et al. (2018) (N. dos R.).

⁶² Nesse trecho, Skinner procura preservar a noção de propósito sem recorrer a explicações mentalistas ou à ideia de intenções internas como causas do comportamento. Em vez disso, tenta reinterpretar funcionalmente a direção da ação em termos de histórias de reforçamento e contingências ambientais. O trecho é particularmente interessante porque sugere que, embora Skinner rejeite uma concepção fenomenológica da experiência, sua análise continua reconhecendo que o comportamento humano aparece orientado em relação a contextos, finalidades e situações específicas. O que distingue radicalmente as duas perspectivas não é necessariamente o reconhecimento de que a ação humana é orientada, contextual e dirigida ao mundo, mas o estatuto epistemológico e ontológico atribuído a essa orientação. Enquanto a fenomenologia compreende a intencionalidade como condição constitutiva da experiência, Skinner busca explicá-la sem recorrer à experiência como instância causal ou fundante (N. dos R.).

⁶³ No original, “behavioristic analysis” (N. do E.).



viverá. Portanto, os sentimentos que você tem de que o significado daquilo que está fazendo – o propósito do que você está fazendo – é muito importante que sejam genuínos o suficiente. Se eu pergunto a alguém: “Por que você está correndo?” e ele responde: “Estou correndo para pegar um trem”, isso não significa que ele esteja consciente de seu propósito, exceto no sentido de que está consciente das condições sob as quais está correndo e da condição que fará essa corrida chegar ao fim. Ele observa isso como um propósito em seu passado.

Ao analisar o ensino do conhecimento verbal, penso que é importante compreender que ele está sempre relacionado ao ensino do comportamento, e não exatamente das ideias expressas no comportamento. Logicamente, não existe algo como uma proposição separada de todas as maneiras pelas quais essa proposição pode ser expressa. Essa é uma afirmação bastante lógica, mas que não faz muito sentido. O que se faz para ensinar uma determinada ideia em profundidade é ensiná-la por meio de muitas formas de expressão. Isso é o mais próximo que se pode chegar de uma ideia separada do comportamento verbal; algum conjunto de condições responsáveis por um conjunto de respostas verbais. A diferença entre aprendizagem mecânica e ensino com compreensão frequentemente é apenas esta: ensina-se algo não como uma única resposta verbal memorizada, mas como um conjunto de respostas relacionadas às mesmas variáveis.

Agora, o segundo exemplo diz respeito à busca de algo dentro do estudante para explicar seu comportamento. Para mim, isso representa uma interpretação equivocada do objetivo da educação. Há um exemplo disso. Existe uma passagem em Platão na qual Sócrates pretende ensinar ao jovem escravo o Teorema de Pitágoras. Ora, Platão era um devoto da vida interior e acreditava que a alma conhece a verdade e que aprender é apenas lembrar ou relembrar. Talvez relembrar no sentido de recompor algo, sugerindo que o processo educacional consiste apenas em trazer à tona algo que está latente no estudante. Essa ainda é uma atitude predominante na educação atual.

Vamos examinar esse caso. Sócrates quer provar que qualquer organismo humano conhece uma proposição muito difícil: a duplicação de um quadrado. Ele chama o jovem escravo e passa por um procedimento ritualístico bastante socrático em essência. Primeiro constrói um quadrado e depois diz ao rapaz: “Isto é um quadrado, não é?”. O rapaz responde: “Sim”. Então ele diz: “Se eu fizer isto, ele se divide em duas partes, não é?”. O rapaz responde: “Sim”, e ele prossegue desta maneira. Esse exemplo ainda é citado hoje como prova de uma maneira de ensinar a compreensão intuitiva de um teorema matemático, segundo o padrão geral de extrair a solução de um estudante. Certa vez me dei ao trabalho de reunir as respostas do rapaz nessa passagem e, quando colocadas juntas, elas duram exatamente um minuto. O conjunto de respostas do rapaz é algo como: “Sim”. “Certamente, Sócrates”. “Muito bem, Sócrates”. “Não, é claro que não, Sócrates”. “Sim, sem dúvida você está correto, Sócrates”, e assim por diante. Quando ele termina, nenhum esforço é feito para mostrar se o rapaz conseguiria passar por isso novamente. Tenho certeza de que não poderia. Ele não tinha feito nada além de concordar com Sócrates. Esta é uma das grandes fraudes da literatura educacional, e ainda hoje é citada como um exemplo de como se pode extrair a verdade da experiência interior do estudante.

Esta é a teoria por trás de diversos programas curriculares atuais de matemática: que você deve deixar o estudante animado; que você deve fazer com que ele descubra por si mesmo. A implicação é que você não sabe realmente algo até descobri-lo por conta própria, e que aquilo que descobre dessa maneira será melhor lembrado. Não tenho dúvidas de que, nas mãos de um bom professor, esse tipo de técnica socrática pode estimular o interesse, a curiosidade e talvez até a dedicação por parte do estudante. Mas quando você analisa o que está acontecendo, isso retorna à manipulação comportamental. Nunca houve nenhuma demonstração de que todos nós possuímos Euclides internamente em alguma forma latente, e que podemos ser levados a descobri-lo por nós mesmos. Os homens descobriram a geometria. Euclides, suponho, reuniu uma longa história de descobertas e a colocou em um livro. Foi algo difícil, e, imaginar que precisamos refazer tudo isso antes de aprender geometria me parece uma maneira ineficiente de abordar a educação. Vi um professor de sétima série tentando ensinar gramática dessa maneira. Ora, os gregos descobriram a gramática assim como a geometria. Foi uma grande descoberta que deve ter levado um longo tempo. Por que razão uma turma de sétima série deve passar por tudo isso novamente por conta própria, eu não sei. Esse professor tinha uma frase escrita no quadro e tentava levar os estudantes a dizer: “Essa é uma palavra de ‘coisa’ e essa é uma palavra de ‘ação’”. Os estudantes que respondiam “substantivo” e “verbo” eram interrompidos e orientados a não usar essas palavras — “Vamos descobrir isso por nós mesmos”. Então, durante um longo período de aula, os estudantes se esforçaram para reconhecer duas categorias de palavras que, eventualmente, acabariam sendo chamadas de “substantivos” e “verbos”. Bem, isso pode ter algum efeito motivador, mas consigo pensar em maneiras muito melhores de motivar as crianças.

Meu terceiro exemplo diz respeito a alguns dos traços de caráter dos quais falei ontem como exemplos de comportamento que gostamos de atribuir a algo dentro do organismo. Mencionei a apreciação da arte, da música, da literatura, o interesse da pessoa por aquilo que faz. Alguém levantou a questão do condicionamento emocional, e darei um exemplo. Há crianças que conseguem suportar punições sem chorar. Elas parecem ser particularmente corajosas e conseguem enfrentar experiências novas sem entrar em pânico. Ora, como isso é produzido? Haverá algo chamado coragem que nasce em alguns de nós e em outros não, ou será que estes traços de caráter podem ser dados a qualquer pessoa? No livro *Emile*, um notável tratado sobre o comportamento humano que, embora provavelmente fundamentalmente equivocado, foi ainda assim um livro extremamente engenhoso para sua época, Rousseau sugere maneiras pelas quais as crianças podem ser ensinadas a suportar estímulos fortemente aversivos sem reação emocional. Ele começa com a ideia da água fria do banho, que faria um bebê chorar. Sugere que se comece, no primeiro dia, com água na temperatura do corpo e depois a temperatura seja reduzida diariamente. Recomenda



o uso de um termômetro para tornar o procedimento científico. A temperatura é reduzida um grau a cada dia. Eventualmente, você estará colocando o bebê em água gelada, e o bebê lidará perfeitamente bem com isso, sem ficar perturbado de modo algum. Ora, você pode não chamar isso de emoção, mas trata-se da capacidade de suportar algo que uma criança comum - uma criança que não passou por esse percurso histórico - não conseguiria suportar e que poderia permanecer tímida ou covarde por toda a vida⁶⁴.

Rousseau também tomou o caso de um exemplo mais emocional. Ele conta a história de Heitor, Andrômaca e o bebê que se assustou com o elmo de guerra do pai quando este se despedia dele. Ele levanta a questão do motivo de crianças pequenas se assustarem com máscaras ou rostos feios. Sugere que se construa uma série de máscaras, percorrendo gradualmente desde um rosto muito agradável até um rosto aterrorizante, em passos muito pequenos. Trabalhe com o bebê um dia com o rosto agradável e, em seguida, passe gradualmente para a máscara assustadora. O resultado é que a criança nunca mais será perturbada diante desse espetáculo assustador. Acreditado que tenhamos negligenciado seriamente o treinamento emocional em nossos sistemas educacionais. As pessoas reagem violentamente à cena em *Walden Two* em que as crianças devem usar pirulitos no pescoço, mas não devem tocá-los com a língua durante o dia. Mas eu gostaria de ver um pouco mais de autocontrole moral e ético ensinado. Creio que isso pode ser feito de modo que todos se tornem homens ou mulheres corajosos, capazes de suportar estímulos dolorosos necessários sem vacilar e de não se perturbarem diante de circunstâncias que, de outra forma, seriam terrivelmente emocionais. Isso poderia incluir períodos de fracasso ou frustração.

Tomei esses três exemplos: o significado de uma proposição verbal, o raciocínio envolvido na resolução de um problema matemático e um traço de caráter. Todas essas são áreas nas quais existe uma tendência cultural de supor que o indivíduo marcado por essas características possui algo muito importante dentro de si. A pessoa que sabe algo o tem aqui dentro de si. Ele pode falar sobre isso, mas, mesmo quando não está falando, isso continua aqui dentro. Bem, tenho certeza de que isso também está aqui dentro, em alguma condição fisiológica. Também estou certo de que, muito frequentemente, a pessoa sabe se isso está aí ou não. Mas isso está aí porque foi colocado aí. O conhecimento foi implantado, não extraído. Muitas pessoas compreendem mal o significado da palavra "educar". *Educare*: extrair algo de dentro do estudante. O conhecimento é implantado, e nosso trabalho como educadores é implantar ou moldar o comportamento - construí-lo e fortalecê-lo, em vez de encontrá-lo já no estudante e extraí-lo. Não nego por um instante a existência de coisas que alguém pode perceber quando olha para si mesmo e relata o que encontra - se está com medo ou não, se está compreendendo este problema ou não, se percebe o sentido da explicação de um teorema, e assim por diante. Tenho certeza de que isso acontece. A questão entre nós não é a existência dos eventos internos, mas seu *status* como causas explicativas e eficazes do comportamento manifesto que é tarefa da educação estabelecer.

Mais um ponto rápido. Quando você coloca um estudante numa situação difícil - uma situação que poderia assustá-lo, mas não assusta, porque ele é capaz de se controlar; uma situação que poderia deixá-lo confuso, mas não deixa, porque ele resolve o problema; uma situação que poderia revelar sua ignorância, mas não revela, porque ele consegue apresentar a resposta - quando você utiliza essa técnica do "afunde ou nade", criando uma situação em que a criança ou o estudante precisa ser conhecedor, perspicaz e corajoso, você deixa para o próprio indivíduo a tarefa de resolver seus problemas instrucionais, e essa tem sido a tendência da educação. Por outro lado, quando ele consegue resolvê-los, nos raros casos em que isso acontece, você o admira. Você admira Abraham Lincoln por ter conseguido uma educação, embora ninguém o tenha ensinado. Você não admira Franklin Roosevelt por ter estudado em Harvard porque Harvard o ensinou. (*Rogers ri*). Não há nada a admirar se o sistema educacional for poderoso o suficiente para produzir esses resultados em todos. O único motivo para admirar alguém é compensar as deficiências da sua educação. Eu preferiria um mundo em que todos obtivessem uma educação sem precisar se esforçar. Se não temos esse mundo, compartilharei de sua admiração por uma pessoa que consegue uma pessoa que consegue uma educação em condições muito desfavoráveis. A diferença é que, em um mundo eficaz, as razões para admiração desaparecerão. Sentiremos falta disso, mas é algo com que teremos de aprender a viver sem.

ROGERS: O Dr. Skinner me disse que se levantou cedo esta manhã - eu não sabia que ele se acordava *tão* cedo. Quanto a tudo o que ele vem dizendo, sinto que não tenho muita certeza de com quem ele está falando, mas, de algum modo, ele não está falando comigo. Digo isso muito seriamente. Como acontece com frequência quando as diferenças são reais e bastante profundas, é difícil impedir que a comunicação deslize para fora do eixo. Eu não tenho nenhuma resposta específica para o que ele acabou de dizer, porque não sinto que ele esteja falando do tipo de questões que vivencio. Em vez disso, sinto-me compelido a fazer um discurso próprio. A verdadeira reconciliação, a transformação disso em um verdadeiro diálogo, talvez venha mais tarde, ou talvez só possa ocorrer com vocês [a plateia], não tenho certeza. Teremos de ver.

Quando pensei sobre a sessão de ontem, senti que, como o tópico era controle do comportamento, minhas observações tenderam a ser críticas e "anti-". Isso não é do meu feitio. Sou uma pessoa que afirma mais do que critica, e por isso me senti um pouco desconfortável com isso. Talvez para compensar, eu gostaria de fazer algumas observações sobre o planejamento de uma cultura, para usar a boa expressão do Dr. Skinner. Também abordarei a

⁶⁴ A referência ao *Emile*, de Rousseau, é utilizada por Skinner para defender que características como coragem, timidez ou tolerância emocional não deveriam ser compreendidas como essências internas ou traços inatos do indivíduo, mas como repertórios comportamentais moldados historicamente pelas condições ambientais. O trecho exemplifica o esforço behaviorista de deslocar explicações psicológicas centradas em disposições internas para análises baseadas em aprendizagem, condicionamento e história de reforçamento (N. dos R.).



questão da educação, mas gostaria de fazer isso dentro desse contexto. Parte do meu objetivo ao fazer isso é indicar que, ao projetar uma cultura, tomam-se direções diferentes quando se valorizam os aspectos subjetivos da experiência. O que me levou a pensar especificamente sobre isso foi o desafio que Wendel Johnson⁶⁵ nos fez ontem à noite, de que deveríamos apontar as diferenças entre pombos e pessoas. Isso teve um significado real para mim.

As pessoas têm *de fato* a capacidade de “tomada de consciência”⁶⁶. Temos uma rica capacidade de simbolização, que acredito ser sinônimo de consciência. Temos a capacidade de uma rica vivência subjetiva. Temos a capacidade de um processo de avaliação organísmica. Isto é, somos capazes de testar objetos e acontecimentos em termos de nossa própria experiência e avaliar os valores que eles possuem para nos promover ou para serem destrutivos em nossa experiência. Essas são algumas das capacidades que as pessoas possuem. A maioria daqueles pombos têm relativamente pouca capacidade para qualquer coisa, exceto talvez para esta última, e nisso é possível que possamos aprender com eles. Gostaria de falar sobre o planejamento de uma cultura que maximizasse as qualidades verdadeiramente humanas, para construir uma cultura para pessoas, não para pombos.

Começarei fundamentando minhas observações em algumas pesquisas sobre psicoterapia, porque sou, em certa medida, um cientista, embora tenha achado engraçado, ontem à noite, pensar em mim mesmo apenas como um profissional sobrecarregado. No entanto, também tive alguma experiência com o lado científico. Alguns dos estudos realizados em psicoterapia indicam o tipo de clima psicológico⁶⁷ que promoveria e maximizaria as qualidades mais verdadeiramente humanas e começaram a especificar alguns dos elementos desse clima psicológico. Sabemos que, quando uma pessoa é estimada como pessoa, valorizada como pessoa, isso é benéfico. Sabemos que, quando os significados pessoais que uma pessoa encontra em sua própria experiência são profundamente compreendidos por outra pessoa, de modo que encontram confirmação para ela, isso também constitui uma qualidade desse clima psicológico capaz de liberar qualidades humanas construtivas. Sabemos ainda que, quando uma pessoa entra em um encontro subjetivo genuíno com outras pessoas reais, isso também é um elemento libertador.

No tipo de cultura que eu defenderia projetar, pais, professores e outras pessoas poderiam ser ajudados a estabelecer essas condições nas situações de vida das pessoas com quem se relacionam. Eu esperaria, e também esperaria descobrir, outros elementos que possuísem essa mesma qualidade libertadora. Nosso objetivo, em estudos e pesquisas dessa natureza, seria identificar as condições que aumentassem a capacidade de escolha pessoal, de autodireção, de espontaneidade e criatividade, de independência e de flexibilidade. Tais condições fortaleceriam a tendência, tão bem descrita na mesa-redonda de ontem à noite, em direção a um *locus* científico pessoal; isto é, viver de acordo com princípios científicos na própria vida pessoal e subjetiva. Em suma, ao estabelecer essas condições, tenderíamos a criar a probabilidade de que os indivíduos não pudessem ser moldados por controladores.

Agora, algumas palavras sobre a aplicação dessas ideias à situação educacional. Em diversas ocasiões, procurei estabelecer essas condições como um clima de aprendizagem para os estudantes. Nem sempre fui bem-sucedido. Ainda há muito que não sabemos sobre os tipos de condições que realmente liberam a liberdade nas pessoas. E, no entanto, quando se consegue estabelecer o clima psicológico que permite aos indivíduos tornarem-se mais livres para escolher, mais autodirigidos em direção a seus objetivos, de modo que passem a confiar mais em sua própria iniciativa, os resultados são suficientemente convincentes para que não se possa deixar de procurar desenvolver ainda mais esse campo. Estou falando aqui de algo que pode ser empiricamente mensurado e estudado. É o tipo de clima educacional que eu esperaria encontrar em uma cultura que pudessemos planejar para pessoas. Creio que esse clima favoreceria e promoveria a aprendizagem autodirigida. Isso não significa voltar e percorrer, passo a passo, toda a trajetória do que os gregos aprenderam séculos atrás. Significa, antes, dar continuidade aos focos atuais de interesse da própria pessoa, utilizando todos os recursos modernos disponíveis e fazendo isso sobre uma base escolhida por ela mesma, autodirigida e autoiniciada. Uma educação desse tipo não alcançaria objetivos estáticos que

⁶⁵ Wendel Johnson (1906-1965) foi um psicólogo e pesquisador da linguagem, conhecido principalmente por seus trabalhos sobre comunicação, semântica e gagueira. Segundo Stewart (1992), Johnson interessava-se particularmente pelos efeitos da linguagem na experiência humana e nos processos interpessoais. Sua provocação acerca das diferenças entre “pombos e pessoas” parece tocar diretamente uma tensão central deste diálogo: até que ponto princípios derivados do estudo experimental do comportamento animal poderiam explicar adequadamente dimensões subjetivas e simbólicas da experiência humana (N. dos R.).

⁶⁶ No original, temos a palavra *awareness*. No inglês, há duas palavras para significar “consciência”: *consciousness* e *awareness*. No dicionário Merriam-Webster (<https://www.merriam-webster.com/>), temos a definição de *consciousness* como “estar ciente” das coisas, seja ao seu redor, seja algo em si mesmo; enquanto *awareness* corresponderia a ter conhecimento ou compreensão de que algo está acontecendo. Neste sentido, *consciousness* corresponde a estar desperto, por exemplo, e falar de *consciousness* é falar de estado físico e mental, estar acordado (no caso de se estar dormindo, não se estaria *conscious*, por exemplo). Já *awareness* tem sido apropriado – principalmente pelas ditas psicologias humanistas ou “fenomenológicas” – como um “tomar consciência” ou “ter consciência de”, na direção de uma consciência da própria consciência, ou seja, um “dar-se conta” (N. do E.). A opção por traduzir *awareness* por “tomada de consciência”, procura referir à capacidade de uma pessoa permanecer aberta à própria experiência organísmica, permitindo que sentimentos, percepções, impulsos corporais e significados experienciais tornem-se simbolicamente disponíveis à consciência sem distorção defensiva. Trata-se menos de uma autoconsciência puramente reflexiva ou intelectual e mais de um contato experiencial vivo com aquilo que está sendo sentido no presente. Rogers descreve esse processo como uma ampliação da “abertura à experiência”, na qual o indivíduo passa a confiar progressivamente na própria experiência organísmica como fonte legítima de orientação existencial (N. dos R.).

⁶⁷ A expressão *psychological climate* empregada por Rogers remete diretamente ao conjunto de condições relacionais descritas em seu artigo clássico *The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change* (Rogers, 1957). Nesse trabalho, Rogers propõe que a mudança terapêutica depende da presença de determinadas condições na relação; entre elas a congruência do terapeuta, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática. No presente diálogo, a noção de “clima psicológico” parece funcionar como uma síntese dessas condições, enfatizando menos técnicas específicas e mais a qualidade da relação interpessoal como elemento promotor do desenvolvimento humano (N. dos R.).



pudessem ser definidos antecipadamente. Ela promoveria o desenvolvimento de pessoas em constante mudança, pessoas com maior confiança em sua própria capacidade de dirigir a si mesmas.

É exatamente disso que o mundo moderno necessita com urgência. A meu ver, toda a filosofia da democracia e sua ênfase na autodeterminação fizeram, até agora, muito pouco progresso no mundo. Ela se estabeleceu, em certa medida, no âmbito político e começou a se difundir, ainda que discretamente, em outras áreas. Mas estou falando de estender a filosofia da democracia à vida individual, à aprendizagem individual e à vida em grupo e em família. Não apenas o valor do indivíduo, mas também sua capacidade e seu direito à autodeterminação e à escolha seriam aspectos fundamentais. Evidentemente, o tipo de sociedade que estou descrevendo não produziria uma sociedade fechada. Ninguém poderia planejá-la antecipadamente como um sistema fechado. Ela produziria uma sociedade aberta e em constante transformação. A mudança e o processo de mudança estariam incorporados a essa sociedade. Creio que isso tem grande valor. Ao desenvolvermos uma sociedade na qual pais, professores e todos aqueles que ocupam posições de liderança, sejam governamentais ou de outra natureza, fossem capacitados para proporcionar as condições que favorecem o crescimento pessoal, teríamos uma sociedade em que a variabilidade e a autorrealização individual estariam presentes. Teríamos indivíduos desenvolvendo-se de maneira singular, com um senso de liberdade pessoal, buscando livremente soluções para os problemas que eram reais para elas e, ao mesmo tempo, procurando soluções para os problemas da sociedade. Nesse tipo de cultura, cada cidadão seria um planejador responsável. Teríamos iniciado um processo contínuo e autodirigido de mudança, e não uma comunidade orientada por objetivos estáticos estabelecidos por uma única pessoa ou por uma elite. A probabilidade de a sociedade tornar-se um fluxo vivo e em permanente transformação, constituído por um encontro inteligente com os problemas enfrentados no mundo, seria enormemente ampliada.

Para mim, a tarefa mais importante das ciências do comportamento é descobrir e procurar estabelecer as condições que liberam a variabilidade, liberam o comportamento criativo e a autodireção, tornando assim o indivíduo menos previsível e menos suscetível ao controle. Esse é um objetivo tão viável para as ciências do comportamento quanto o de estabelecer um controle planejado. Bem, fim do discurso.⁶⁸

(Seguiu-se um pequeno intervalo enquanto a fita estava sendo trocada).

ROGERS: Ouvi uma história – não sei se é verdadeira; se não for, deveria ou poderia ser – de que um dos primeiros pesquisadores a investigar o condicionamento operante do comportamento verbal fez uma apresentação muito convincente a seus estudantes sobre pesquisas que demonstravam ser possível condicionar o comportamento verbal das pessoas. Alguns de seus estudantes acharam que seria divertido condicioná-lo por meio do condicionamento operante. Ele tinha um determinado gesto que costumava fazer e todos combinaram de acenar com a cabeça, sorrir ou demonstrar atenção especial sempre que ele utilizasse esse gesto – isto é, “recompensá-lo” por esse comportamento e condicionar seu comportamento para aumentar a frequência desse gesto. Foi o que fizeram, e funcionou. Aos poucos, ele passou a utilizar cada vez mais o gesto que eles reforçavam. Quando consideraram que ele já estava suficientemente condicionado, contaram-lhe sobre o experimento e todos deram boas risadas juntos.

Agora, o ponto que considero crucial é que, uma vez que o professor percebeu que estava sendo manipulado pelas recompensas, elas deixaram de funcionar como recompensas. É evidente que, embora todos os comportamentos externos permanecessem exatamente os mesmos – os estudantes poderiam continuar condicionando operantemente aquele gesto –, as recompensas deixariam de ser eficazes. Por quê? Porque houve uma mudança na percepção subjetiva do professor acerca do que constitui uma recompensa. Os acenos de cabeça e os sorrisos deixaram de ser percebidos como recompensas. É esse tipo de fenômeno que penso que precisamos incluir em nosso universo científico.

SKINNER: Primeiro, deixe-me esclarecer essa anedota. Na verdade, há duas histórias misturadas aqui. Em uma delas, modelei o comportamento de um psiquiatra que participava de uma mesa-redonda e que, na minha opinião, estava falando um pouco demais para que houvesse uma boa comunicação. Passei um bilhete a um amigo meu ao longo da mesa, dizendo: “Observe a mão esquerda do Dr. X. Vou modelar aquele gesto de corte com a mão”. Aconteceu que o Dr. X estava sentado do outro lado da mesa e olhava principalmente para mim. Além disso, costumava gesticular bastante. Então, eu simplesmente desviava o olhar para um lado e, pelo canto do olho, conseguia observar razoavelmente bem sua postura geral. Sempre que seu braço esquerdo estava levantado, eu olhava para ele com expressão impassível. E, sempre que sua mão esquerda baixava, eu fazia um gesto afirmativo com a cabeça. Em menos de cinco minutos, ele já estava segurando o próprio relógio de pulso. O bilhete voltou: “Agora quero ver você extinguir esse comportamento”. E devo confessar que não consegui.

A outra história, que acho que faz parte dessa história apócrifa que vocês acabaram de ouvir, é a seguinte. Há algum tempo dei uma série de palestras em uma faculdade do Meio-Oeste dos Estados Unidos, e um professor da instituição ficou furioso por eu ter sido convidado para falar. Na primeira aula da semana em que estive lá, disse à

⁶⁸ Este trecho sintetiza uma das diferenças centrais entre Rogers e Skinner. Ambos atribuem às ciências do comportamento a tarefa de identificar empiricamente as condições que influenciam o comportamento humano. A divergência reside na finalidade desse conhecimento. Enquanto Skinner enfatiza a construção de contingências que permitam um planejamento cultural eficaz, Rogers propõe que a investigação científica busque as condições que ampliem a autodireção, a criatividade e a variabilidade do comportamento humano, tornando os indivíduos progressivamente menos suscetíveis ao controle externo. A oposição, portanto, não se estabelece entre ciência e humanismo, mas entre diferentes concepções sobre o propósito da própria ciência psicológica (N. dos R.).



sua turma que eu era uma ameaça e que, enquanto permanecesse em minha torre de marfim, tudo estaria bem; mas que, se algum dia eu desse sinais de produzir algum efeito prático, ele seria favorável a convocar um pelotão de fuzilamento. (*Rogers ri.*) Os estudantes dessa turma ficaram um pouco ressentidos com aquilo e resolveram pregar-lhe essa peça. Combinaram que primeiro o reforçariam por caminhar até o canto direito da plataforma e, quando conseguissem isso, passariam a reforçá-lo por voltar e ficar de frente para o quadro-negro. Faziam isso permanecendo completamente impassíveis até que ele se movesse naquela direção; então começavam a sorrir e a concordar com ele. Em pouco tempo, ele já estava equilibrando-se na beirada da plataforma. Então veio o sinal de que aquilo já bastava. Ele continuou por algum tempo equilibrando-se ali, mas todos permaneceram completamente impassíveis. Quando voltou a ficar de frente para o quadro-negro e depois se virou para olhar a turma, todos voltaram a acenar afirmativamente com a cabeça. Eu não estava lá, mas me disseram que ele terminou a aula voltado para o quadro-negro, falando por cima do ombro.

Em nenhum desses casos, até onde sei, a pessoa condicionada chegou a descobrir o que havia acontecido, e eu não gostaria de imaginar quais seriam as consequências se isso ocorresse. Porque é certamente verdade que, quando você descobre que esses reforçadores sociais característicos foram utilizados com uma finalidade específica, você desenvolve resistência a eles. Aquele sujeito que segue a cartilha de Dale Carnegie⁶⁹, que vive distribuindo tapinhas nas costas porque quer conquistar sua amizade e influenciá-lo, não vai muito longe se você também tiver lido Dale Carnegie. Isso não significa, entretanto, que os reforçadores deixem de funcionar. Não conheço ninguém que, até certo ponto, não tenha sido reforçado pela bajulação, mesmo sabendo dos propósitos ocultos do bajulador. O jogador patológico pode muito bem saber por que joga, se estudou livros sobre esquemas de reforçamento. Ele é vítima de um esquema de razão variável e, por isso, não consegue parar. O reforço social da aprovação – um sorriso, por exemplo – pode perder sua eficácia se você descobrir que a pessoa que o utiliza pretende controlá-lo, porque isso desvaloriza o reforçador. Mas, quando o reforçador possui estabilidade, como acontece com o dinheiro, você pode saber perfeitamente que ele está sendo utilizado para controlá-lo e, ainda assim, continuar sob seu controle.

ROGERS: Posso fazer um comentário sobre isso? É extremamente interessante refletir sobre essa questão. Uma teoria do comportamento humano que só é eficaz quando seu modo de operar pode ser ocultado daqueles sobre quem ela atua parece-me uma teoria relativamente insatisfatória do comportamento humano. Se, por exemplo, as pessoas de *Walden Two* se tornassem conscientes do planejamento que lhe deu origem e se, nessa medida, isso destruísse a eficácia de muitos dos reforçadores, então essa não seria uma teoria completa nem uma teoria eficaz do comportamento. Essa é uma das questões que têm me deixado perplexo, e me interessa o fato de o Dr. Skinner concordar com isso.

Da mesma forma, há algumas teorias da psicoterapia que só funcionam de maneira eficaz se o cliente permanecer bastante alheio à teoria segundo a qual o terapeuta atua e aos princípios que procura promover. Na abordagem terapêutica que faz sentido para mim, quanto mais o indivíduo compreender o clima que procuro criar e os princípios que considero atuantes, mais inteligentemente poderá participar da experiência da terapia. Parece-me que o mesmo seria verdadeiro em relação à cultura que eu estava procurando descrever. Quanto mais o indivíduo compreendesse os princípios fundamentais que buscamos promover, ou quanto mais compreendesse a teoria do que está acontecendo, mais inteligente e, provavelmente, mais entusiástica seria sua participação nessa cultura. Para mim, essa é uma das razões para considerar essa uma teoria mais potente e de aplicação mais ampla: ela não é destruída pelo fato de as pessoas se tornarem conscientes do que está acontecendo.

SKINNER: Receio não ter conseguido deixar claro o meu ponto. O motivo pelo qual descobrir que alguém está bajulando você sem sinceridade leva a uma ação de contracontrole de sua parte não é que haja algo errado com a noção de reforço, mas sim que aquele reforçador específico foi desvalorizado.

ROGERS: Subjetivamente, você diria?

SKINNER: Não, na verdade eu não diria isso. O dinheiro, uma nota de um dólar, possui poder reforçador, valor, porque pode ser trocado por bens que funcionam como reforçadores imediatos, de um tipo ou de outro. Se o dinheiro se desvaloriza, se essa nota perde seu valor, ela deixa de funcionar como reforçador. Mas isso não invalida seus efeitos reforçadores enquanto possuía esse valor específico. O que a desvaloriza é o fato de ela já não poder ser trocada por nossos reforçadores primários. Não conheço nenhum caso em que o conhecimento do processo de reforçamento destrua seus efeitos. Se alguém é insincero em seus elogios, o efeito é destruído, assim como o efeito do dinheiro como reforçador é destruído por uma inflação excessiva. Eu mesmo trabalho para ganhar a vida, embora saiba perfeitamente que estou sendo reforçado com dinheiro. Vim até aqui porque estou sendo reforçado. Mesmo sabendo disso, ainda assim vim e, na verdade, estou muito satisfeito por estar aqui. Se você está tentando perder ou controlar o peso, sabe muito bem quais são os efeitos reforçadores de diversos alimentos. Embora possa

⁶⁹ Dale Carnegie (1888-1955) foi um escritor e palestrante norte-americano, amplamente conhecido pelo livro *How to Win Friends and Influence People* (de 1936), publicado em português como "Como fazer amigos e influenciar pessoas". A obra popularizou estratégias de influência interpessoal baseadas em demonstrações de interesse, aprovação, elogios e cordialidade. Ao mencionar "aquele sujeito adepto de Dale Carnegie", Skinner refere-se, de forma irônica, a alguém que utiliza esse tipo de comportamento social como estratégia deliberada para conquistar a simpatia e influenciar os outros. Seu argumento é que tais reforçadores sociais podem perder eficácia quando a intenção manipuladora é percebida (N. dos R.).



conseguir exercer contracontrole sobre eles, você não nega que sejam reforçadores. E, se não tomar cuidado, eles fortalecerão comportamentos de ingestão a ponto de prejudicá-lo. É um equívoco bastante comum pensar que, se você sabe que está sendo influenciado, isso deixa de funcionar. Se você sabe que o dinheiro usado para pagá-lo é um dinheiro sem valor, ele deixa de funcionar, mas isso ocorre porque houve uma extinção do processo de condicionamento que o tornou, em primeiro lugar, um reforçador condicionado.

ROGERS: Interessa-me sua afirmação de que, na medida em que o indivíduo percebe que o reforçador é oferecido de maneira insincera, seu valor se modifica para ele. Isso me leva a uma reação emocional muito real que eu gostaria de expressar. Tenho grande respeito por sua sinceridade. Você me parece uma pessoa genuinamente sincera. No entanto, quando ouço suas teorias descritas em termos práticos, tenho uma sensação muito diferente. Fiquei perplexo ontem à noite ao perceber como estava reagindo à leitura do trecho de *Walden Two*. Fazia bastante tempo que eu não lia *Walden Two*, de modo que aquilo chegou a mim como algo novo, e fiquei genuinamente surpreso com a repulsa que senti. Depois, tentei compreender por quê, pois o que estava sendo descrito eram exercícios de terapia de grupo e de caráter devocional que, em si mesmos, certamente pareciam bastante inofensivos.

Acho que a razão de eu ter reagido daquela maneira foi que me pareceu que, no mundo como você gostaria de vê-lo, nada é realmente genuíno. Tudo possui uma qualidade de “pseudo”. Em razão de sua desvalorização do subjetivo, tudo o que é real é algo diferente daquilo que parece ser. Por exemplo, para as pessoas que participavam dos exercícios de caráter devocional, as expressões de lealdade ao código seriam vivenciadas subjetivamente como verdadeira devoção. Mas Frazier [o planejador da sociedade] sabe, e já sabia, que elas haviam sido planejadas dessa maneira, que não eram reais, que não passavam de uma forma de engenharia humana destinada a manter as pessoas alinhadas ao código. Percebi que, se algum indivíduo em *Walden Two* viesse a saber disso, o mínimo que faria seria deixar de participar desses exercícios. Assim, tal como o compreendi, toda a sociedade se baseava na noção de controle dissimulado. Isso me fez perguntar quanto tempo um *Walden Two* real duraria. Essa não é uma pergunta ociosa, pois ouvi dizer que você está tentando obter recursos para estabelecer um *Walden Two* de fato. Portanto, apesar de sua sinceridade, na qual realmente confio, parece-me que os mundos hipotéticos que você constrói são fundamentalmente insinceros. Eles não são aquilo que parecem ser. Não são genuínos.

SKINNER: Fico contente que você tenha me dado a oportunidade de responder aos comentários de ontem à noite sobre *Walden Two*, embora eles não tenham sido propriamente feitos para aquecer o coração de um autor. (Rogers ri.) Mas, na verdade, eu planejei que fosse assim. (Rogers ri novamente.) Há duas coisas a respeito desse livro que precisam ser levadas em consideração ao discutir Frazier. Levantou-se a questão da dificuldade que um crítico enfrenta ao identificar o autor com um personagem específico. Uma coisa que se pode fazer é perguntar ao autor. Bem, estou aqui para dizer que, quando escrevi o livro, eu tinha sérias dúvidas a respeito de Frazier. Acho que o livro é, em grande parte, uma luta entre dois aspectos de minha própria personalidade, representados por Burris e Frazier. Mas, quando dei a Frazier, como personagem fictício, a oportunidade de dizer coisas que eu mesmo não ousava dizer, tudo aquilo começou a fazer sentido para mim, e agora sou um frazeriano convicto.

Isso, no entanto, não faz daquela passagem uma passagem particularmente convincente, por duas razões. Em primeiro lugar, o próprio Frazier levanta essa questão. Eu deliberadamente fiz dele uma pessoa desagradável, e há uma cena em que toda essa questão é discutida. O ponto central aqui é, como diz Frazier, que uma pessoa pode, por meio de uma análise científica, elaborar um modo de vida melhor e, ainda assim, não ser capaz, ela própria, de viver dessa maneira. Ela própria pode não ser o tipo de pessoa admirável que aquela cultura é agora capaz de produzir, porque não é um produto dela. Frazier dizia coisas em sentido contrário: é possível chegar a boas práticas culturais sem ser capaz de assimilá-las pessoalmente. Frazier tem o que se poderia chamar de carisma negativo. Todos os grandes líderes tiveram carisma. Jesus tinha carisma. São Paulo tinha carisma. Outros líderes tiveram um carisma menos admirável. Eram eficazes como pessoas, mas Frazier não é eficaz como pessoa. Ninguém sabe quem ele é, e ninguém conhece sua participação na fundação da comunidade. Ele tenta fazer com que dois arquitetos venham explicar alguma coisa a um pequeno grupo, mas eles vão nadar em vez disso, e assim por diante. Ele não é, de modo algum, um líder no sentido corrente, e isso foi deliberadamente colocado no livro.

Portanto, a descrição que Frazier faz dos serviços dominicais pretendia ser cínica, pretendia despertar no leitor uma atitude crítica. Além disso, escrevi o livro para alertar as pessoas para as possibilidades de uma utopia. O principal problema, como alguém já observou, está presente há muito tempo no pensamento crítico sobre as utopias. O problema hoje não é saber se elas são possíveis, mas como impedi-las. (Rogers ri.) Isso pode ser sério. Como disse o Dr. Rogers, sou sincero a esse respeito. Estou muito preocupado com o possível uso indevido de uma tecnologia do comportamento.

A outra razão pela qual essa passagem é fraca é que, tal como foi interpretada ontem à noite, ela introduziu os vários valores que Frazier enumera. Eu queria escrever um livro que descrevesse um experimento e tive de supor qual seria o resultado daqueles dez anos de experimento. O ponto central do livro é que todas as culturas são experimentais — ou deveriam ser. Elas são experimentais, quer tenham sido planejadas para isso ou não, porque, se não forem fortes, acabarão desaparecendo. Uma cultura adequadamente planejada deveria planejar a si mesma como um experimento, de modo que pudesse ser testada e pudesse mudar conforme as circunstâncias exigissem. Tive de supor quais valores teriam emergido ao final daqueles dez anos. E eles acabaram sendo valores de classe média. Tenho plena consciência disso. Tenho consciência de minha condição de classe média e de minha formação de clas-



se média e, naturalmente, tendo a preferir coisas como saúde, sabedoria, riqueza, conforto, produtividade, criatividade e assim por diante.

Mas a passagem em que essas questões são discutidas diretamente, penso eu, apresenta-as sob uma luz mais favorável. Para começar, é preciso definir algum plano para uma comunidade. Como disse Frazier: “Para começar, prefiro a saúde à doença. Prefiro a sabedoria à ignorância.” E assim por diante. Acho que todos poderíamos concordar com isso, sem deixar de reconhecer que pode haver momentos em que seja necessário decidir se devemos valorizar a saúde acima da sabedoria, e assim por diante. Começa-se um planejamento baseado em alguns desses princípios. Eles não são realmente valores no sentido filosófico. É preciso planejar para alguma coisa. Planeja-se visando alguma coisa e, para começar, escolheríamos aquilo que parece melhor em nosso modo de vida. Nas condições de uma comunidade experimental, porém, é bem possível que essas coisas venham a mudar. Minha preocupação é que sejamos bem-sucedidos demais, não em regimantar as pessoas, mas em torná-las irrequietas demais e difíceis de controlar.

Não tenho certeza de que algum dia chegarei a criar uma comunidade experimental, mas, se o fizer, um dos aspectos mais desafiadores seria o controle ecológico total da criança⁷⁰, desde o nascimento até os primeiros cinco ou seis anos de vida. Esses são os anos de maior desperdício em nossa cultura atual. Durante esse período, esses organismos sensíveis são capazes de realizações fantásticas e, ainda assim, todos chegam aos cinco ou seis anos bastante prejudicados. Isso pode, porém, ser feito de outra maneira. Pode ser feito, no início, com controle total por parte do ambiente, e isso produzirá técnicas de autogestão e autocontrole, de modo que, à medida que a criança cresça, o controle exercido pelo ambiente possa ser progressivamente relaxado e ela possa seguir por conta própria. Concordo plenamente com o Dr. Rogers que precisamos liberar a liberdade interior do indivíduo, entendendo por isso a liberdade em relação a controles externos explícitos e, particularmente, aversivos. Quero ensinar a pessoa a falar consigo mesma, repassar seus planos, examinar a si mesma como indivíduo e assim por diante.

Técnicas de autogestão podem e devem ser ensinadas desde muito cedo. Não há razão para que uma criança de seis anos não possa já ter desenvolvido um sistema bastante eficaz de autogestão ética. Não é cedo demais. Não sabemos o que seria cedo demais. Toda essa noção de prontidão⁷¹ é uma das coisas terríveis dessas forças internas que, estou certo, o Dr. Rogers condenaria tão prontamente quanto eu. “A criança não pode aprender a ler até que esteja pronta para ler” é uma das piores limitações inibidoras, experienciais internas, fictícias e hipotéticas do comportamento humano. Na Universidade Yale, há crianças de três anos e meio digitando frases completas em máquinas de escrever elétricas, com o posicionamento correto dos dedos. Não se trata, de modo algum, de padrões rotineiros aprendidos por repetição mecânica. São respostas verbais a frases projetadas na tela. Três anos e meio! São crianças de classe média de New Haven. Não são, de modo algum, gênios. Não fazemos a menor ideia do que esse organismo humano tão complexo é capaz de fazer.

Quero dar ao Dr. Rogers tempo para responder antes de encerrarmos, mas espero que, antes que esta manhã termine, eu também possa levantar a questão de como os pombos diferem das pessoas.

ROGERS: Certo. Uma das questões realmente fundamentais em que o Dr. Skinner e eu concordamos é nossa visão das vastas potencialidades ainda inexploradas do organismo humano, que nunca foram plenamente liberadas ou plenamente desenvolvidas. Embora possamos seguir caminhos um tanto diferentes para chegar a isso, penso que estamos realmente de acordo nesse ponto. Não tenho certeza de quanta influência — ele chamaria de controle, eu chamaria de influência — eu possa ter exercido sobre o Dr. Skinner. Fiquei intrigado com sua afirmação de que, se vamos planejar uma cultura ou uma sociedade, temos de escolher determinados valores como ponto de partida. Não sei o que significa, em sua terminologia, dizer que temos de escolher determinados valores, porque, pelo que eu havia compreendido, era precisamente nesse ponto que ele considerava que isso não era possível. Concordo plenamente, no entanto, com sua afirmação de que temos, sim, de escolher determinados valores e de que essas escolhas precedem nossa tentativa de redesenhar uma cultura. Espero também que escolhamos valores que incorporem todo o processo de mudança. Nunca me agradou muito o tipo bastante estático de valores, sejam eles de classe média ou não, incorporados em *Walden Two* ou em outros escritos do Dr. Skinner.

Agora, gostaria de mudar um pouco de assunto para introduzir outra questão que ainda não abordamos. Trata-se da preocupação de que possamos acabar nos contentando com uma visão excessivamente estreita das ciências do comportamento. Penso que essa é uma das verdadeiras diferenças entre nós. Gostaria de ler rapidamente duas afirmações, uma de um psiquiatra e outra de um psicólogo. O psiquiatra diz: “Infelizmente, aqueles que fazem do método científico um fetiche, tendem a excluir a subjetividade de seus dados por considerá-la não ‘científica’.” De minha parte, não posso acreditar que qualquer estudo do ser humano que exclua o subjetivo possa sequer ser uma ciência. Na melhor das hipóteses, é apenas uma ciência parcial. Penso que uma ciência deve incluir todos os dados da experiência. E, quando os problemas da vida constituem seu objeto de estudo, os dados da subjetividade devem

⁷⁰ A expressão “controle ecológico” (*ecological control*) refere-se aqui ao controle exercido pelo conjunto das condições ambientais que circundam a criança e participam da formação de seu comportamento, e não ao sentido contemporâneo de “ecológico” relacionado ao meio ambiente natural. No contexto da argumentação de Skinner, trata-se da organização ampla das condições de vida e das contingências ambientais desde os primeiros anos, que, segundo o autor, poderiam progressivamente dar lugar ao desenvolvimento de repertórios de autogestão e autocontrole (N. dos R.).

⁷¹ *Readiness* (“prontidão”) refere-se, no contexto educacional, à ideia de que determinadas aprendizagens dependeriam de a criança alcançar previamente um nível de maturação ou um estado de preparação considerado necessário para realizá-las. Skinner questiona aqui o uso dessa condição interna como explicação para os limites da aprendizagem (N. dos R.).



ter um peso extraordinariamente grande. Um psicólogo da Califórnia coloca a questão em termos um pouco drásticos demais para o meu gosto, mas, ainda assim, significativos. Ele diz: “Os behavioristas nos mostraram a verdadeira natureza da neurose, não naquilo que ensinaram, mas na maneira como redefiniram o ser humano para evitar o verdadeiro perigo de adotarmos uma perspectiva excessivamente estreita quando voltamos os instrumentos de nossa ciência para o estudo do ser humano.” Espero que, ao tentarmos planejar culturas, ao nos empenharmos em melhorar a educação e em liberar essas potencialidades no indivíduo, possamos contar com uma ciência que considere todo o conjunto dos dados e o ser humano em sua totalidade.

SKINNER: Quero fazer apenas uma observação antes do intervalo. Não creio que eu exclua coisa alguma de minhas considerações. Pensei ter reconhecido várias vezes a existência de eventos no interior do indivíduo, com os quais esse indivíduo mantém um contato especialmente íntimo. Confessei que tenho sentimentos e assim por diante. Confessei a importância deles em minha vida. Como cientista, levanto a questão de saber se eles são algo que precede e determina minha ação ou se constituem uma observação de meu próprio comportamento depois do fato — ou, possivelmente, antes do fato, se aquilo que estou de fato observando são as condições que serão responsáveis por meu comportamento no futuro.

Penso que estamos chegando aqui a dois resultados bastante satisfatórios. Identificamos algumas diferenças fundamentais. Por outro lado, tirei grande proveito disso. Você perguntou a quem eu estava me dirigindo e disse sentir que, em minhas observações iniciais, eu não estava falando com você. Parece-me que você e eu deveríamos ser capazes de analisar o comportamento verbal melhor do que isso. Você tem se interessado, mais do que qualquer outra pessoa, penso eu, pela natureza do contato verbal. Eu escrevi um livro sobre isso e também tenho me interessado pelo tema. Não acredito, assim como você não acredita, nessa comunicação de ideias de um lado para o outro, na implantação de opiniões ou atitudes. Essas não são maneiras eficazes de falar sobre o comportamento verbal. Não vim até aqui para lhe dizer alguma coisa no sentido comum de comunicar, nem para que me dissessem alguma coisa nesse sentido. Vim para participar de uma certa quantidade de comportamento verbal, assim como poderia ter vindo até aqui para jogar futebol ou algo semelhante, mas espero sair daqui mudado por isso, e penso que já estou mudado, embora talvez não saiba em que medida. Há uma história sobre Gertrude Stein que é pertinente aqui. Certa noite, Gertrude Stein e sua companheira, Alice B. Toklas, estavam jantando com Robert Hutchins, quando ele era presidente da Universidade de Chicago. Mortimer Adler estava presente, assim como outros intelectuais, e houve uma discussão muito animada. Quando a noite chegou ao fim, Alice B. Toklas aproximou-se de Mortimer Adler e disse: “Gertrude Stein disse coisas aqui esta noite que levará meses para ela própria compreender.” Aguardo, portanto, um ótimo mês depois desta conferência.

ROGERS: Vamos fazer um intervalo.

MODERADOR: Durante esta próxima hora, esperamos ajudá-los a esclarecer algumas das questões que estão diante de vocês. Na primeira meia hora, trataremos de algumas perguntas escritas que nos foram entregues ontem à noite, como resultado das reuniões dos grupos. De centenas delas, fizemos uma síntese que resultou em cerca de vinte. Dessas vinte, procuramos selecionar dez. (*Rogers ri.*) Esperemos conseguir passar de cinco. Eu apresentarei a pergunta. O Dr. Skinner e o Dr. Rogers têm, cada um, uma cópia da lista. A pessoa a quem a pergunta foi dirigida será convidada a responder. Se o outro quiser responder, também poderá fazê-lo. A primeira pergunta é dirigida ao Dr. Rogers: Um sentimento subjetivo de liberdade constitui evidência suficiente de que essa liberdade é real e de que o ser humano não está sujeito ao controle de suas condições genéticas e ambientais?

ROGERS: Penso que essa pergunta indica algum mal-entendido em relação ao ponto de vista que apresentei porque, como já disse, estou em pleno acordo com o Dr. Skinner de que, quando considerado a partir de uma perspectiva externa, científica e objetiva, o ser humano é determinado por influências genéticas e culturais. Também afirmei que, em uma dimensão inteiramente diferente, coisas como liberdade e escolha são extremamente reais. Eu os lembraria do exemplo que dei de Viktor Frankl no campo de concentração. Teria sido interessante tentar dizer a ele que a liberdade de escolha, que sentia ainda lhe restar, era completamente irreal. Ele sabia que era real porque viu pessoas que não exerciam essa liberdade e que, sentindo-se de fato completamente controladas, morriam como moscas. Aqueles que tinham maiores chances de sobreviver eram os que preservavam a concepção de que: “Sou uma pessoa, eu escolho.” Portanto, para mim, trata-se de uma dimensão inteiramente diferente, que não é facilmente conciliável com o ponto de vista determinista. Vejo isso como algo semelhante à situação na física, em que se pode demonstrar que tanto a teoria ondulatória da luz quanto a teoria corpuscular são sustentadas por evidências, embora pareçam contraditórias entre si. No estado atual do conhecimento, elas não são conciliáveis, mas negar uma ou outra significaria restringir nossa percepção da física. É nesse mesmo sentido que considero ambas essas dimensões reais, embora existam em uma relação paradoxal.

MODERADOR: Dr. Skinner, gostaria de responder?

SKINNER: Sim. Há regiões do mundo em que as pessoas têm muito pouco dessa concepção de si mesmas ou de valor pessoal, e é difícil para nós, vindos de nossa cultura, lidar com elas e compreender o que está envolvido



nisso ou por que não agem mais em defesa de si mesmas. Não atribuo isso a uma diferença genética nem a algo relacionado à estrutura básica dos organismos, mas, antes, ao que chamamos de literatura da democracia. Quando se tenta derrubar o controle despótico de um governante, é provável que a única força disponível esteja no próprio povo. A literatura da democracia proporcionou ao indivíduo uma história na qual lhe foi assegurado que ele é a fonte última do poder e que ele próprio pode se insurgir contra alguém que pretenda controlá-lo; que pode, ao se organizar com outros que tenham inclinações semelhantes, tornar-se uma força poderosa e que, em certo sentido, pode governar a si mesmo. Ao menos, pode consentir em ser governado por alguém que governe de acordo com seus próprios interesses. Isso foi, a meu ver, uma descoberta. Foi a descoberta de uma teoria da democracia — e não me refiro à democracia grega ou romana, que era uma democracia de elite. Foi a descoberta da importância do homem comum. Ela lançou luz sobre o fato de que ele poderia ser transformado em uma pessoa capaz de empreender ações políticas e, por vezes, revolucionárias ou militares, e de derrubar outras formas de controle. Temos isso em nossa própria cultura. Ensinamos às nossas crianças que elas próprias são a medida final, que a vida é planejada para elas e que, se não estão conseguindo o que desejam, podem fazer algo a respeito.

Isso, ao que parece, transferiu-se apenas de maneira bastante limitada para os campos de concentração e para os campos de prisioneiros de guerra, por exemplo, na Coreia ou na China. Há evidências de que o modo de vida democrático está sofrendo. Ele não está sendo bem transmitido por nossa cultura, e a razão disso, penso eu, é que entra em conflito com certos fatos científicos sobre a liberdade e a iniciativa pessoais. Estou interessado em tentar elaborar uma filosofia que faça tanto pelo indivíduo quanto essa concepção fez, mas que não se expresse em termos de liberdade e de atividade iniciada internamente, que cumpriram seu propósito e que, penso eu, estão agora ultrapassadas.

MODERADOR: A segunda pergunta, dirigida principalmente ao Dr. Skinner: o senhor falou de sua preferência por estudar comportamentos observáveis em vez de aspectos menos observáveis, como traços de personalidade. Considera que o estudo e a mensuração desses comportamentos são suficientes para uma ciência do comportamento humano ou acredita que seria necessário, então, subir na escala de abstração e, de algum modo, relacionar os comportamentos observáveis a conceitos mais amplos, como o de personalidade?

SKINNER: Bem, estou ciente da simplificação excessiva da situação operante enquanto situação experimental. Toda ciência, em seus estágios iniciais, é excessivamente simplificada, porque não se pode fazer nada até que se desenvolvam técnicas que permitam lidar com relações simples. Uma vez que se dispõe dessas técnicas, pode-se lidar com relações mais complexas. Atualmente, no campo do condicionamento operante, lidamos com amostras ou segmentos complexos de comportamento e poderíamos, penso eu, estabelecer uma analogia razoável com alguns dos elementos que temos discutido nesta conferência. No entanto, deixarei para mais tarde minhas observações sobre a diferença entre pombos e pessoas.

A questão a respeito da personalidade não é se ela constitui uma área a ser estudada, mas se é um conceito útil. Trata-se de um desses termos internos, e tem sido um termo perigoso. Se você diz que um jovem em conflito com a lei sofre de uma personalidade desordenada e, então, procura explicar essa personalidade desordenada, precisa remontar à história anterior do indivíduo e, talvez, a fatores genéticos e, ainda mais provavelmente, ao seu condicionamento cultural. Uma vez que tenha retornado a esses fatores, pode utilizá-los para explicar o próprio comportamento delinquente, em vez de recorrer ao termo intermediário “personalidade”. A meu ver, personalidade é uma ficção explicativa que, por vezes, parece oferecer a possibilidade de falar sobre padrões mais amplos de comportamento — constelações comportamentais mais abrangentes do que aquelas que podem ser convenientemente tratadas em termos do comportamento em si — e, no estágio atual de nosso conhecimento, pode cumprir alguma função heurística. Entretanto, quem se interessa pela personalidade terá, em algum momento, de retornar àquilo por meio do qual uma personalidade se expressa e, uma vez que isso seja analisado de maneira eficaz, chegará a uma forma alternativa de lidar com esses problemas que será muito mais satisfatória. O comportamento problemático deveria ser relacionado às diversas condições que influenciam o comportamento, sem ser denominado expressão de uma personalidade problemática. Não vejo vantagem no termo, exceto uma vantagem temporária, na medida em que permite falar sobre questões importantes de maneira não excessivamente complicada. Penso, contudo, que evitar essa dificuldade tem um preço muito alto.

MODERADOR: Dr. Rogers, gostaria de responder a isso?

ROGERS: Gostaria de fazer um breve comentário. Toda vez que uma questão diz respeito ao procedimento científico, o Dr. Skinner e eu nos vemos de acordo. Do ponto de vista da ciência, é o comportamento observável que interessa a nós dois. Por exemplo, ao estudar o processo de mudança tal como ocorre na psicoterapia, temos dedicado muito tempo a tentar identificar os comportamentos observáveis que indicam mudança e a estudá-los. No que diz respeito à teoria, à medida que nossa ciência amadurecer, cada vez mais as teorias constituirão uma conciliação e integração de grandes conjuntos de dados observados, em vez de serem construções da fantasia.

MODERADOR: A próxima pergunta é dirigida a ambos: trata-se apenas de mais uma discussão filosófica



sobre livre-arbítrio versus determinismo? Se não, em que ela difere?

SKINNER: Não se trata apenas de mais uma discussão filosófica, porque ambos estamos preocupados com importantes consequências práticas. Minha preocupação é chegar a uma concepção do indivíduo que possamos aceitar, que consideremos útil, digna e valiosa e que, ao mesmo tempo, seja compatível com a abordagem de uma ciência natural ou social do comportamento humano. Chegou o momento de retirar essa questão do domínio da discussão filosófica e enfrentá-la deliberadamente. Se ainda tendemos (como ocorre na ciência política, na crítica literária e em muitas áreas que tratam do comportamento humano) a trabalhar com uma concepção de ser humano que deixa ampla margem para o capricho, para mudanças individuais espontâneas e assim por diante, teremos problemas. Precisamos tornar aceitável e valiosa uma imagem diferente do ser humano. E, embora a questão do determinismo certamente esteja colocada, espero que aquilo que dissemos aqui vá muito além do que costuma ser dito nas discussões sobre esse tema, tarde da noite, nos dormitórios universitários.

ROGERS: Certamente concordo que esta não parece ser uma discussão filosófica sobre livre-arbítrio versus determinismo. Em primeiro lugar, ambos concordamos que, quando considerado a partir de uma perspectiva científica, o comportamento humano de fato parece ser determinado, e que todo o campo das ciências do comportamento está interessado em estudar essas sequências de causa e efeito. Procurei indicar que nossa ciência deveria ser suficientemente ampla para incluir uma preocupação e um interesse pela subjetividade, assim como pelos comportamentos puramente externos. Também indiquei que precisamos reconhecer o fato de que uma perspectiva científica não constitui a totalidade da vida e não é uma base suficiente para uma filosofia abrangente da vida ou das pessoas. Para mim, é disso que esta discussão tem tratado.

MODERADOR: A próxima pergunta é mais prática e, suponho, dirigida principalmente ao Dr. Rogers: um orientador escolar de ensino médio pode utilizar tanto princípios de condicionamento quanto a psicoterapia rogeriana com igual eficácia?

ROGERS: Um orientador escolar de ensino médio, ou qualquer outro orientador⁷², tem a obrigação de buscar continuamente aquilo que é eficaz para produzir mudanças construtivas na personalidade. Felizmente, esta é uma questão que, a longo prazo, poderá ser respondida por meio da investigação empírica. Até o momento, foram realizadas poucas pesquisas nessa direção e, que eu saiba, nenhuma com estudantes do ensino médio. Um estudo remotamente relacionado foi realizado por dois pesquisadores que procuraram utilizar três tipos diferentes de terapia com pessoas com alcoolismo em uma instituição. Um deles era uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem (não uma abordagem de condicionamento operante, mas uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem); outro era uma abordagem analítica; e o terceiro, uma abordagem centrada no cliente. Os resultados foram estudados objetivamente por meio de testes, de dados sobre o retorno ao hospital em razão do alcoolismo e assim por diante. Essa pesquisa tem sido de grande interesse para mim porque os grupos que a conduziram partiram do viés pessoal — e é quase impossível, em uma situação como essa, escapar de algum viés pessoal — de que a abordagem baseada na teoria da aprendizagem seria a mais útil. No entanto, verificou-se que ela foi a menos útil. De fato, essa abordagem apresentou evidências objetivas de ter causado algum dano a esses indivíduos. A abordagem que se mostrou mais eficaz foi a centrada no cliente. Não tomo isso, contudo, como uma conclusão definitiva nem nada semelhante. Foi um único estudo. Precisamos de muitos estudos sobre o que é efetivamente capaz de produzir mudanças construtivas.

SKINNER: Não me surpreende nem um pouco que uma abordagem baseada na teoria da aprendizagem possa dar errado, porque já vi tantas delas tão mal planejadas que eu nem as reconheceria. (*Rogers ri.*) Eu precisaria conhecer os detalhes antes de admitir qualquer preocupação com esse caso específico.

ROGERS: Se isso o deixar menos preocupado, tratava-se da teoria da aprendizagem de Mowrer, e ele atuou como consultor no estudo; portanto, a abordagem foi conduzida em termos que ele próprio considerava adequados.

SKINNER: Sim, bem, isso ainda não me tranquiliza. A palavra “aconselhamento”⁷³ aqui me incomoda. Obviamente, não sou a autoridade nesta mesa nesse campo e não me sinto nada à vontade tentando imaginar alguma forma de aplicar princípios do condicionamento operante a uma situação em que há um estudante de um lado da mesa e um conselheiro do outro. Eu diria que ainda há muito a ser feito antes que um conselheiro possa trabalhar com segurança simplesmente no campo do reforçamento para ajudar as pessoas. Eu diria que o conselheiro interes-

⁷² No original, “counselor”. Essa palavra deriva de *counseling* que corresponderia ao prelúdio do trabalho clínico que, no Brasil dos anos 60-70 foi conhecido como “aconselhamento psicológico”. A palavra *counselor* foi traduzida por conselheiro ou aconselhador, com óbvias limitações de interpretação. Nos Estados Unidos, como se define um *professional counselor*? “Conselheiros profissionais ajudam as pessoas a obter insights pessoais, desenvolver estratégias e encontrar soluções práticas para os problemas e desafios que enfrentam em todas as áreas da vida. Como profissionais qualificados e credenciados, eles realizam esse trabalho conhecendo seus clientes, estabelecendo relacionamentos seguros e positivos e sugerindo ferramentas e técnicas que acreditam ser benéficas para eles” (definição disponível no próprio site da *American Counseling Association*: <https://www.counseling.org/mental-health-counseling/what-is-counseling#>). (N. do E.).

⁷³ No original, “counseling”.



sado na chamada saúde mental de seu sistema escolar talvez empregasse melhor seu tempo fora daquela mesa. Em vez disso, deveria examinar como se lida com as crianças na escola; como elas chegam à escola; como seus horários são organizados; o que obtêm da escola; que problemas surgem em razão dos professores com os quais são colocadas e assim por diante. Nesse caso, eu adotaria uma abordagem terapêutica mais preventiva, e tenho certeza de que o Dr. Rogers se interessa por isso tanto quanto eu. Não penso que esses problemas precisem esperar até que o estudante e o conselheiro estejam frente a frente a uma mesa de aconselhamento e, certamente, não em um divã de aconselhamento. A aplicação à educação dos princípios que considero produtivos e úteis estaria muito mais voltada para o problemático modo como o sistema educacional é planejado do que para lidar com seus efeitos específicos sobre estudantes individualmente.

MODERADOR: A pergunta seguinte é dirigida a ambos: qual é o papel de um “código de conduta” ou de uma “religião” em uma cultura, tal como os senhores a concebem?

ROGERS: Tenho refletido bastante sobre a questão de como as pessoas chegam a seus valores. Receio que “código de conduta” seja uma expressão que não teria muito significado para mim no tipo de cultura que procurei descrever esta manhã. Por outro lado, espero que o tipo de processo de valoração que parece caracterizar as pessoas psicologicamente maduras em nossa cultura também seja característico dos indivíduos no tipo de cultura que eu gostaria de ver estabelecida. Não tenho certeza de que consiga descrevê-lo brevemente, mas vou tentar. A pessoa psicologicamente madura tende a estar aberta aos diversos aspectos de sua experiência. Está aberta aos aspectos externos: às exigências da sociedade, à possibilidade de relações interpessoais harmoniosas ou turbulentas, às exigências legais, às exigências do ambiente físico e assim por diante. Também está aberta e sensível às reações afetivas e aos significados pessoais presentes em seu próprio experienciar e que se desenvolveram a partir de suas aprendizagens passadas. A partir disso, cada novo objeto, cada novo acontecimento, é avaliado por ela em seu próprio experienciar em termos de favorecer ou não seu próprio bem-estar. Isto é, acredito que o processo de valoração mais sensível que existe encontra-se na pessoa psicologicamente madura. Quando ela está envolvida nesse processo de valoração — na interação com seu ambiente e assim por diante —, não se trata de uma forma egoísta de valorar, embora, certamente, ela valore as coisas em função de favorecerem ou não sua própria atualização. Trata-se, contudo, essencialmente de um processo de valoração de natureza social, simplesmente porque a natureza do animal humano revela-se profundamente social. Portanto, eu não estaria inclinado a discutir um código de conduta, nem estaria inclinado a discutir uma religião nessa sociedade, nessa cultura que procurei descrever. Estaria, porém, muito preocupado em assegurar que os indivíduos fossem capazes de, com sensibilidade e abertura, ser seus próprios avaliadores das experiências e dos acontecimentos nos quais estivessem envolvidos.

SKINNER: Vejo essa pergunta como relacionada a toda a questão da evolução das práticas culturais. Quando um grupo de pessoas começa a viver junto, seus membros começam a afetar uns aos outros; cada um faz parte do ambiente dos demais. Um homem forte pode, por exemplo, espoliar todos os outros por causa de sua força física, mas os demais rapidamente — pelo menos, rapidamente em termos de tempo evolutivo — podem exercer contra-controle, organizando-se e passando a considerar errado usar a força. Mais tarde, talvez alguém se torne esperto, use sua astúcia e engane outras pessoas, chegando até mesmo a enganar o homem forte. É Br'er Rabbit enganando Br'er Wolf e Br'er Fox. Br'er Fox⁷⁴ também aparece aí do lado dos astutos. Mas então passa-se a considerar errado falsear, errado enganar. Não quero dizer que isso seja “decidido” no sentido de alguém se sentar e chegar a essa conclusão. As pessoas simplesmente começam a punir aqueles que usam a força ou enganam os outros. Tudo isso pode acontecer sem que essas práticas sejam formalizadas em um código. Tenho certeza de que os judeus já praticavam os princípios presentes nos Dez Mandamentos antes que eles fossem formulados como um código. O valor dessa formalização é tornar mais claras as práticas do grupo e permitir que o indivíduo se conforme a elas com maior facilidade. Ela tem uma função instrutiva.

Isso fica mais claro se passarmos da tecnologia cultural para a tecnologia física. As primeiras técnicas físicas, como aquelas que um artesão precisava ensinar a seu aprendiz, eram frequentemente transmitidas na forma de regras, máximas ou provérbios. Por exemplo, na Idade Média, um ferreiro, ao ensinar um menino a manejar o fole que mantinha acesa a forja, ensinava-lhe um pequeno verso, mais ou menos assim: “Bem para cima, bem para baixo; rápido para cima, devagar para baixo — é assim que se deve soprar.” O que está em questão aqui é simplesmente a maneira correta de manejar o fole. É preciso percorrer toda a extensão do movimento: bem para cima, bem para baixo. Na subida, o fole não está soprando ar sobre o fogo, por isso pode-se subir rapidamente; na descida, é preciso ir devagar, pois, do contrário, o sopro pode dispersar o fogo. Depois de aprender o pequeno verso, você se torna um verdadeiro especialista em manejar o fole. As primeiras leis científicas provavelmente eram desse tipo: formulações que descrevem comportamentos eficazes ou orientam a agir de maneira eficaz. Não há mistério no fato de que os grandes formuladores de códigos, os grandes

⁷⁴ Br'er Rabbit, Br'er Fox e Br'er Wolf são personagens de narrativas da tradição oral afro-americana, posteriormente popularizadas nas histórias de *Uncle Remus*, publicadas por Joel Chandler Harris a partir do final do século XIX. Br'er Rabbit (“Brother Rabbit”) é uma figura do tipo *trickster*, que frequentemente supera personagens fisicamente mais fortes, como Br'er Fox e Br'er Wolf, por meio da astúcia e do engano. Nos quadrinhos e traduções publicados no Brasil (como pela Editora Abril), o malandro Br'er Rabbit ficou conhecido como Compadre Coelho ou Coelho Quincas, enquanto seus eternos rivais ganharam nomes como Compadre Raposo e Compadre Urso. A referência de Skinner ilustra, nesse contexto, a passagem do uso da força física para o uso da esperteza como forma de controlar ou obter vantagem sobre os outros (N. dos R.).



legisladores, tenham sido sempre tão respeitados. Os romanos desempenharam um papel importante na civilização ao formalizar em códigos leis que, sem dúvida, já eram praticadas anteriormente. E há algo a ganhar com essa formalização: pode-se ensinar por preceitos, em vez de pela prática. Perdemos muito quando decidimos que princípios éticos e morais deveriam ser ensinados apenas pela prática, e não por preceitos. Se ensinamos ciência por meio de preceitos, não vejo por que não poderíamos ensinar ética da mesma forma. E podemos fazê-lo se conseguirmos controlar a motivação do estudante. De modo geral, essa preferência pela prática em vez do preceito tem sido uma busca por motivar o estudante, mais do que por uma instrução eficaz.

A diferença entre um código moral desse tipo e uma religião está simplesmente nas sanções implícitas ou expressas envolvidas. Se você diz que, ao se comportar dessa maneira, as pessoas gostarão de você e isso será melhor para todos, isso constitui uma religião naturalista⁷⁵. Trata-se de apontar para as consequências que conferem valor a uma prática cultural. Por outro lado, se você diz que o código foi revelado por um profeta e é a palavra de Deus — se as sanções se encontram em outro mundo e, caso você siga o código, será recompensado com a expressão máxima de todas as recompensas, o céu, mas, caso não o siga, será punido com a expressão máxima de todo reforçamento negativo⁷⁶, o inferno —, então você está no campo da religião. Não há dúvida de que essas sanções têm sido eficazes e podem continuar a sê-lo. A abordagem naturalista sustenta que o ser humano não necessita desse tipo de sanção sobrenatural e que é possível haver uma ética puramente humanista. Penso que isso é algo que ainda precisa ser demonstrado. Toda essa questão da formalização em códigos me parece uma invenção cultural — um planejamento cultural — que torna mais claras as forças de controle que o grupo exerce sobre o comportamento do indivíduo.

ROGERS: Gostaria de comentar que talvez o problema com encontros desse tipo, e com qualquer tentativa de resolver questões entre indivíduos ou grupos, seja o fato de não seguirmos aquele verso do fole. Deveríamos subir devagar, para aos poucos assimilar e realmente compreender o que está sendo dito, mas geralmente subimos rápido. Deveríamos descer devagar, para nos expressarmos de maneira refletida, mas o que geralmente acontece é que descemos rápido e sai uma grande rajada de ar.

SKINNER: Permita-me observar, porém, que o que vai para o fogo é ar frio.

ROGERS: Boa observação.

(A gravação é retomada ao final da fala de Skinner, em resposta a uma pergunta sobre criação dos filhos.)

SKINNER: ... concordava com a afirmação de Frazier de que o lar não é o lugar para criar crianças.

ROGERS: O tipo de clima psicológico que promove crescimento e desenvolvimento é o mesmo, quer estejamos falando de terapia, da escola ou do lar. Estamos fazendo progressos científicos sólidos na compreensão dos elementos e das atitudes que compõem um clima psicológico capaz de favorecer o desenvolvimento individual e pessoal mais construtivo. As evidências indicam que pessoas que são genuínas, que não têm medo de se mostrar a partir dos sentimentos que estão de fato experienciando, são mais construtivas nas relações humanas do que aquelas que mantêm uma fachada. Um clima no qual o indivíduo é valorizado, quer estejamos falando de uma criança pequena ou de um cliente em terapia, tem grande probabilidade de promover crescimento. Quando uma pessoa percebe que sua vida interior de significados é compreendida por outra e reconhece que não vive em isolamento existencial, isso também contribui para seu crescimento e desenvolvimento. Quando se trata dos tipos de limites que seriam mais úteis na criação de uma criança, muitas vezes pensamos em termos daquilo que a criança deveria ou não deveria ter permissão para fazer. Eu gostaria que, tanto quanto possível, os limites necessários ao comportamento surgissem do encontro entre os sentimentos de ambos. A mãe que está completamente exausta e diz ao filho à noite: “Bem, acho que você não tem dormido o suficiente ultimamente. Acho que seria melhor você ir para a cama uma hora mais cedo hoje” está procurando problemas. Ela não está sendo genuína e encontra resistência. Se fosse honesta em relação ao que está sentindo e dissesse: “Estou simplesmente cansada demais esta noite para aguentar você por mais um minuto. Você vai para a cama; não aguento mais!”, essa seria uma relação muito mais saudável. A criança ainda ficará descontente por ter de ir para a cama, mas será pela razão real, e isso poderá existir como um aspecto real da relação entre os dois. Além disso, isso produz um efeito recíproco sobre a mãe. Tendo expressado abertamente seu sentimento de “Cheguei ao meu limite”, ela então percebe que também tem outros sentimentos e provavelmente colocará a criança na cama com mais ternura do que teria feito de outro modo. Assim, minha concepção dos melhores limites para o comportamento infantil é aquela em que os sentimentos da criança estão em contato real com os sentimentos dos pais e, desse contato, podem surgir limites realistas para o comportamento que, a longo prazo, sejam mutuamente aceitáveis. Em algumas situações, esses limites podem ser mais aceitáveis

⁷⁵ Skinner emprega aqui a expressão “religião naturalista” (naturalistic religion) para se referir a uma orientação moral cujas sanções ou consequências se situam no âmbito das relações humanas e da vida social, em contraste com sistemas religiosos que fundamentam suas sanções em uma ordem sobrenatural. Nessa perspectiva, a questão não é estabelecer quais valores seriam verdadeiros em si mesmos, mas compreender as contingências que fazem com que determinadas práticas sejam valorizadas, mantidas e transmitidas por uma cultura (N. dos R.).

⁷⁶ Skinner emprega aqui a expressão *negative reinforcement* (“reforçamento negativo”) ao caracterizar o inferno como consequência punitiva. Na terminologia comportamental contemporânea, reforçamento negativo não é sinônimo de punição: refere-se ao aumento da probabilidade de um comportamento pela retirada ou prevenção de uma condição aversiva. Mantém-se na tradução a expressão utilizada no original (N. dos R.).



para um do que para o outro, mas, a longo prazo, ambos chegam a uma relação realista entre seus sentimentos, mutuamente aceitável, que os ajuda a viver em um mundo humano de sentimentos.

MODERADOR: Neste ponto, chegamos à segunda parte do nosso período de perguntas. Não conseguimos responder a algumas das questões que nos foram encaminhadas por escrito. Talvez alguns de vocês queiram apresentá-las pessoalmente. Alguma pergunta? Sim, senhora... A pergunta, pelo que entendi, é a seguinte: em uma comunidade ideal, na qual reduzíssemos todas as tensões, reduziríamos também a probabilidade do surgimento da genialidade?

SKINNER: Suponho que essa pergunta seja dirigida a mim. Freud se deparou com a mesma questão. Depois de mostrar que grandes obras de genialidade eram essencialmente neuróticas, propôs então curar as neuroses, o que parece indicar que tinha alguma coisa contra a genialidade, ou contra as obras de genialidade. Mas sua resposta, e penso que é uma resposta perfeitamente válida, é que as pessoas podem ser gênias, sejam quais forem as condições em que estejam vivendo. Em um mundo no qual existem muitas neuroses, algumas delas serão neuroses realmente notáveis, e nós as chamaremos de obras de arte ou obras de genialidade. Mas, em um mundo no qual as pessoas levem uma vida mais organizada ou mais bem-sucedida, também haverá obras de genialidade, em razão da capacidade humana de realizar grandes coisas. Elas serão, contudo, um pouco diferentes. Não será uma arte baseada em tendências neuróticas, e não poderá ser uma literatura que trate de conflitos pessoais se não houver conflitos pessoais. Um exemplo disso aparece nas histórias infantis em que o bombeiro é retratado como uma figura heroica. Se existem edifícios sujeitos a incêndios, é muito importante contar com bombeiros corajosos. Mas, se forem inventados edifícios à prova de fogo e eliminados todos aqueles que não o são, já não haverá necessidade de bombeiros corajosos. Isso significa que, no mundo do futuro, todas aquelas coisas sobre as quais adorávamos ler quando crianças deixariam de existir, e algo estaria faltando.

O mesmo se aplica, de maneira muito mais importante, à guerra. No passado, a guerra tem sido inevitável; espero que isso não seja verdade no futuro. Mas aprendemos a apreciá-la transformando guerreiros em heróis, e grande parte da literatura mundial tem tratado de guerreiros heroicos. Se algum dia alcançarmos um mundo em paz, e essa paz for tão completa que sequer consigamos imaginar um mundo em guerra, já não haverá interesse por uma literatura sobre heróis que matam outras pessoas em batalha. E as obras de, digamos, Dostoiévski se tornariam relativamente sem sentido em um mundo no qual ninguém tivesse necessidade de confessar um pecado imaginário ou algo semelhante. Pessoalmente, eu me daria por satisfeito com isso. Sacrificaria as obras de Dostoiévski para alcançar um mundo assim. Não imagino, nem por um momento, que as pessoas se tornariam menos criativas, menos imaginativas ou demonstrariam menos genialidade simplesmente porque a natureza dos temas tivesse mudado. Há casos de pessoas que foram artisticamente muito produtivas sem que se tratasse de dar vazão a neuroses. Johann Sebastian Bach teve dezenove filhos, e podemos concluir alguma coisa disso quanto ao fato de estar livre de neuroses e, ainda assim, ele simplesmente não conseguia deixar de compor. Continuava compondo música em seu leito de morte. Essa é uma resposta freudiana, e eu mesmo a utilizaria. Tenho certeza de que existem atividades nas quais a genialidade humana continuará a se manifestar e, se ela não tiver de lidar com temas neuróticos, tanto melhor.

ROGERS: Concorro com essa última afirmação, mas, de modo geral, adoto uma abordagem um pouco diferente em relação a essa questão. No tipo de cultura sobre a qual tentei falar brevemente esta manhã, espero não ter dado a impressão de que não haveria tensões. Acabei de dar um exemplo bastante pontual do tipo de tensão que existiria, ao falar sobre a mãe e a criança. Há sempre tensões nas relações interpessoais. Há tensões em todos nós quando nos deparamos com tarefas novas e mais exigentes na vida. E dessas tensões, que não são incapacitantes nem destrutivas por natureza, dessas tensões construtivas podem surgir enorme criatividade e genialidade.

MODERADOR: Alguma pergunta nesta parte da plateia?... Pelo que entendi, a pergunta é: talvez não tenhamos dado a devida atenção ao poder do reforçamento positivo, e o conceito de autorrealização de Rogers estaria relacionado a isso? Dr. Skinner?

SKINNER: Não penso, nem por um momento, que o reforçamento positivo seja o único processo que possa ser utilizado no planejamento de uma cultura. Acredito, porém, que seja um processo muito importante. Mas uma análise completa das diferentes forças que impulsionam a ação humana me parece relevante para qualquer aspecto do comportamento humano. E não diria que eu melhoraria as práticas do Dr. Rogers ao reinterpretar o que ele faz em meus próprios termos, mas penso que poderia fazer isso. Tenho certeza de que o Dr. Rogers e eu estamos ambos lidando com o organismo humano tal como constituído pelo processo genético da espécie humana e, na medida em que somos bem-sucedidos, descobrimos características importantes desse organismo. Eu gostaria de ver o ser humano se autorrealizar, alcançar plenamente suas potencialidades, e acredito que, quando tivermos um vislumbre disso, será algo bastante surpreendente.

ROGERS: Não sei se compreendi essa pergunta com clareza suficiente para comentá-la de maneira útil, mas diria que o reforçamento é, sem dúvida, um recurso positivo. No desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, entretanto, muitas vezes pensamos apenas em reforçamentos externos. A natureza do organis-



mo humano é tal que muitas coisas se revelam internamente gratificantes. Por exemplo, não precisamos recompensar a criança por seu comportamento curioso e exploratório. Isso é algo que lhe é organicamente satisfatório. O mesmo se aplicaria a várias das atividades da vida do indivíduo que avança em direção ao desenvolvimento de suas potencialidades.

MODERADOR: Pelo que entendi, a pergunta é a seguinte: talvez os dois conjuntos de valores, o de Rogers e o de Skinner, sejam aproximadamente os mesmos e, em particular, para o Dr. Skinner, a maneira como ele forma seus próprios estudantes difere da maneira como se poderia trabalhar em psicoterapia?

SKINNER: Bem, não sei se estou mais satisfeito com a maneira como formo meus estudantes do que com a maneira como crio meus próprios filhos, já que não tenho muito controle sobre o ambiente educacional, embora esteja tentando fazer mais a esse respeito. Acredito que exista algo que se possa chamar de comportamento racional, geralmente exemplificado pela ciência, e suponho que o objetivo, para um paciente em terapia, seja ver o mundo ao seu redor e seus próprios problemas em termos racionais, e não irracionais. Talvez o Dr. Rogers sustentasse que há aqui elementos emocionais ou experienciais bastante diferentes do processo científico, mas, na medida em que é útil responder ao mundo de maneira racional, a educação é uma espécie de terapia preventiva e não poderia também ser utilizada como terapia depois que os problemas já tivessem surgido⁷⁷. Dediquei bastante tempo à análise do comportamento supersticioso e de outras formas de comportamento irracional. As técnicas da ciência são concebidas para nos proteger de algumas dessas formas de comportamento e, nessa medida, constituem práticas culturais úteis. Acredito que o terapeuta faça algo semelhante ao esclarecer as influências que tiveram um efeito prejudicial e colocar o indivíduo mais estritamente sob o controle do ambiente tal como ele realmente é.

ROGERS: Fico contente por ter sido lembrado daquele artigo muito inspirador do Dr. Skinner, publicado no *American Psychologist*, sobre os processos da ciência tal como ele os experienciou em sua própria carreira. Pelo que me lembro desse artigo, o Dr. Skinner apresenta uma imagem muito vívida da vida científica como processo. Isso é exatamente o tipo de coisa que tenho tentado descrever como a “Vida Plena”. Longe de saber onde chegaria, ele teve de viver em processo e permitir que os aprendizados emergissem à medida que surgiam, modelando seu novo comportamento. Isso desperta em mim muitos sentimentos em relação ao Dr. Skinner, ao perceber que, em sua própria vida... (*Skinner ri*) ...em sua própria vida, ele valoriza esse processo emergente e imprevisível. O que tenho tentado dizer sobre o tipo de cultura que eu gostaria de planejar, e sobre os tipos de resultados que observo na terapia quando ela é bem-sucedida, é que isso conduz exatamente a esse tipo de coisa. O indivíduo torna-se um processo contínuo de viver, no qual o resultado não está definido. Não há objetivos estáticos. Você nem sequer sabe se, ao final, será feliz. Você vive isso dia após dia, procurando estar aberto a toda a sua experiência. Esse era outro aspecto daquele artigo: procurar estar aberto a todos os aspectos do que havia ocorrido, de modo a aprender com eles. Esse é um ótimo exemplo de uma vida pessoal que consiste, essencialmente, em viver uma abordagem científica. Nesse ponto, poderíamos realmente nos encontrar, porque essa compreensão da vida como processo, que só pode ser vivida existencialmente para que tenha significado, faz todo o sentido. Faz muito mais sentido do que dizer: “É aqui que devemos chegar, e precisamos planejar as coisas para que seja assim.”

SKINNER: Este pode ser um momento histórico. Acho que fui modificado por esse argumento. Na verdade, o objetivo do meu artigo era criticar a codificação da ciência por metodólogos, estatísticos e especialistas em delineamento experimental que, tendo muito pouca experiência com a ciência tal como ela é praticada, tentam dizer como o cientista trabalha. É um grande erro ensinarmos ciência aos jovens psicólogos sob a forma de estatística, porque isso tem muito pouco a ver com a prática científica real. No entanto, não vou conceder tudo, porque estou interessado em ensinar a prática científica e, com um planejamento habilidoso, seria possível fazer com que mais pessoas fossem produto de histórias afortunadas desse tipo do que ocorre atualmente. Tenho certeza de que tive muita sorte, que não apenas me conduziu em direções proveitosas, mas também me manteve seguindo em frente por meio do esquema de reforçamento particularmente afortunado que experienciei. Isso deveria ser considerado um fator muito importante na construção da dedicação científica, e parte dessas condições pode ser planejada. Concordo, porém, que não se podem prever todos os caminhos que esse processo irá tomar. Agora começo a compreender o que você quer dizer com “tornar-se”.

ROGERS: Isso é muito significativo para mim, porque compartilho bastante desse seu sentimento. Eu também gostaria de ensinar uma abordagem científica. Quero enfatizar novamente que o tipo de vida profissional, e a experiência de viver uma vida profissional científica que você descreveu naquele artigo, aproxima-se muito do que estou falando quando me refiro a uma pessoa em processo de tornar-se. É muito gratificante constatar que encontramos uma profunda semelhança nesse aspecto.

⁷⁷ A construção desta frase no original apresenta uma ambiguidade, pois “*could not*” pode ser lido, no contexto, como parte de uma formulação interrogativa cuja pontuação não está explicitada no texto. Considerando o encadeamento do argumento, adotou-se a leitura: “e não poderia também ser utilizada como terapia depois que os problemas já tivessem surgido?”. Essa interpretação mantém a continuidade entre a caracterização da educação como “terapia preventiva” e a possibilidade de aplicação de princípios semelhantes após o surgimento de problemas (N. dos R.).



MODERADOR: Acho que temos tempo para uma última pergunta nesta parte... Pelo que entendi, a pergunta é a seguinte: quanto a esses fatores ou variáveis internas, o Dr. Skinner indicou que sempre se podem identificar causas externas. O que nos impediria, então, de concluir que poderíamos partir desses fatores internos como possíveis causas originárias?

SKINNER: Acho que a pergunta diz respeito principalmente à prática da ciência. Concordo que toda a cadeia causal remonta indefinidamente ao passado, que deve haver alguma razão para que o ambiente seja como é no momento em que influencia um indivíduo, e assim por diante. Questiono essas coisas principalmente por suas conotações históricas de mentalismo, de mediadores ou agentes não físicos de eventos físicos, o que não constitui, de modo algum, uma abordagem útil. Se considerarmos que esses eventos internos podem ser descobertos como tais, então não nego que, se algo acontece comigo quando criança e minha incapacidade de lidar abertamente com um colega hoje reflete uma ansiedade resultante de eu ter sido punido por brigar com meu irmão, ou algo assim, alguma coisa permaneceu em mim. Alguma coisa sobreviveu em mim, desde a punição pela rivalidade entre irmãos, cinquenta anos atrás, até minha incapacidade de lidar abertamente com um irmão figurativo no grupo de hoje. Minha objeção a esses eventos experienciais internos – quando não mentalistas –, é que eles não descrevem adequadamente que mudança ocorreu em mim cinquenta anos atrás, nem oferecem muita ajuda para prever o que está acontecendo comigo agora como resultado daquele acontecimento de cinquenta anos atrás.

Suponha que você diga: “Fui punido por bater repetidamente em meu irmão, até chegar ao ponto em que deixei de bater nele, mas sempre me sentia ansioso porque estava prestes a bater nele. Essa é uma ansiedade que persistiu até o presente e que torna impossível para mim ser aberto com meus amigos hoje”, ou algo assim. O que a palavra “ansiedade” faz aqui? Se fui punido por bater em alguém e, quando agora estou inclinado a bater, isso produz em mim alterações fisiológicas que descrevo como ansiedade, tudo bem. Mas a palavra “ansiedade” não representa com muita precisão, a história daquela punição, e certamente não fornece detalhes que permitam prever o que posso ou não posso fazer no momento presente. Não questiono que algo tenha acontecido no indivíduo e que esteja dentro dele, e não questiono o fato de que algum dia, e penso que isso ocorrerá em um futuro distante, neurologistas e fisiologistas nos dirão o que é esse algo. O que critico, no momento, é o uso puramente verbal desses conceitos, porque penso que eles prejudicam nossa análise ao nos fazer acreditar que sabemos mais do que realmente sabemos e descrevem de maneira equivocada variáveis que muitas vezes são importantes.

ROGERS: Nesse aspecto, eu me encontro, de modo geral, de acordo com o Dr. Skinner. Tem-se feito uso excessivo de eventos internos como se os conhecêssemos descritivamente e, então, nós os utilizamos como explicações causais de outros eventos. Inferências de longo alcance, em que se vai longe demais para chegar a uma conclusão, nunca me atraíram, e não acredito que constituam uma parte justificável da ciência. Um pesquisador de pós-doutorado que trabalhou conosco há um ou dois anos escreveu alguns artigos sob o título geral “Rumo a uma Ciência da Experiência Subjetiva”, apontando os avanços que vêm sendo feitos na identificação de indicadores objetivos de eventos subjetivos internos. Isso nos aproximará da possibilidade de estudar objetivamente alguns dos significados internos e das experiências subjetivas que operam em nosso comportamento. A questão é: até que ponto podemos nos aproximar deles ao estudá-los? Esse interesse em buscar indicadores mais objetivos dos aspectos subjetivos da experiência está relacionado, mas de modo algum é a mesma coisa, à ênfase na importância da subjetividade na vida, que destaquei anteriormente.

MODERADOR: ... E agora, começamos pelo Dr. Skinner, com suas considerações finais.

SKINNER: Quero retomar essa questão do planejamento e de saber se ele prejudica aquilo que é planejado. É muito importante ter em mente que uma cultura – qualquer cultura, em qualquer época – é uma espécie de experimento comportamental. Toda criança que nasce hoje na sociedade americana estará submetida a determinadas práticas culturais muito poderosas. [Ainda precisamos] ter uma educação que aproveite ao máximo as capacidades da constituição genética da população americana. Se temos práticas éticas, religiosas e morais que mantêm as pessoas se comportando de maneiras que reduzam sua necessidade de se defender de ataques, preocupações e coisas desse tipo, então os Estados Unidos são fortes. Continuaremos a desenvolver práticas melhores e daremos uma contribuição muito importante para as práticas do futuro.

Essas coisas funcionam de maneira semelhante à evolução biológica, embora não inteiramente. Na evolução cultural, alguém chega a uma prática cultural: uma nova maneira de lidar com as crianças no jardim de infância; uma nova maneira de pagar salários. Existem milhares desses pequenos planejamentos culturais, dessas invenções. Alguns sobrevivem porque contribuem para a força do grupo. Outros desaparecem porque produzem problemas. Desse modo, avançamos, por meio da codificação ou de outras formas. Construímos um conjunto de práticas culturais que será testado, queiramos ou não, no crivo da sobrevivência. Se a Rússia, a China ou alguma outra cultura avançar mais rapidamente, quer gostemos ou não, teremos então de ficar em segundo plano. Não acredito nisso nem por um momento. Estive na Rússia há um ano e não fiquei nem um pouco impressionado com a maneira como mobilizam o comportamento de sua população. Não me impressionaram seus padrões de uma vida boa, nem nada desse tipo. Mas ainda assim não acho que possamos descansar sobre os louros.

Cabe-nos examinar a cultura. Mesmo que se chegue acidentalmente a uma invenção cultural, ela pode se re-



velar uma prática muito boa. O fato de ser boa ou não tem pouco a ver com suas origens. Uma pessoa pouco inteligente poderia chegar a uma maneira melhor de criar seus filhos, que poderia ser copiada por outros e tornar-se uma prática estabelecida por muito tempo. As origens não são importantes. Os efeitos sobre a sobrevivência, sim. Mas, em algum ponto da história desse processo evolutivo, surge algo novo: o desenvolvimento da ciência como uma maneira de lidar com a natureza e, posteriormente, a aplicação da ciência ao comportamento humano. Quando as técnicas da ciência estiverem bem desenvolvidas e forem aplicadas ao problema do comportamento humano, estaremos em melhores condições de compreender a relação entre as práticas culturais e o comportamento forte ou fraco resultante no indivíduo que foi exposto a elas. Poderemos então planejar práticas com base em efeitos previstos que sejam importantes para nós, e elas serão importantes para nós da mesma maneira que as práticas surgidas acidentalmente. Elas também sobreviverão ou desaparecerão da mesma maneira. Assim, em determinado momento, com o desenvolvimento de uma ciência do comportamento, o ser humano torna-se capaz de acelerar a evolução das culturas planejando práticas, em vez de permitir que elas surjam ao acaso.

Isso também é verdadeiro no caso da evolução genética. Hoje somos capazes, até certo ponto, de modificar o plasma germinativo. Há algum tempo somos capazes de modificar estruturas genéticas por meio da seleção dos progenitores. Podemos produzir mutações e não estamos longe de realizar modificações bastante específicas nos cromossomos, e assim por diante. Nesse ponto, algo novo terá ocorrido na evolução do organismo como entidade biológica. Algo novo já ocorreu na evolução das culturas. Assim, podemos, utilizando a inteligência e o método científico, aprimorar nossa cultura.

Isso pode, entretanto, ser interpretado como intromissão, como fazer alguma coisa em relação a outras pessoas, como uma tentativa de controlar outras pessoas. E, evidentemente, a palavra “controle” é uma palavra carregada de valor. Todos nós já fomos controlados com propósitos de exploração. Fomos controlados por meio de técnicas que são, elas próprias, aversivas. Por isso, desenvolvemos uma filosofia que se opõe ao controle e até mesmo ao planejamento. Acho isso absurdo. Se insistirmos que as culturas humanas não sejam planejadas, fecharemos a porta para uma oportunidade extraordinária que talvez nunca mais se apresente. Joseph Wood Krutch atacou *Walden Two* de maneira contundente porque a obra descreve um mundo que é “planejado”.

Permitam-me propor a seguinte situação. O Sr. Krutch prefere o Sudoeste e costuma perambular por aquela região como naturalista amador. Suponhamos que, em uma de suas andanças, ele chegue a uma mesa, suba até seu topo e descubra uma comunidade indígena vivendo ali em condições exatamente comparáveis às de *Walden Two*. Seu sistema educacional as prepara para a vida que irão encontrar. As crianças são bem cuidadas, felizes e produtivas. Possuem práticas econômicas que proporcionam a todos uma vida simples, mas boa. Têm o que precisam para se alimentar e se vestir; desenvolvem atividades artísticas, a música floresce, e assim por diante. Não desceria Krutch daquela montanha anunciando ao mundo: “Como somos tolos! É isto! Aqui está um modo de vida que considero aceitável porque está maximizando todas as potencialidades das pessoas que nele vivem?”

Mas suponhamos então que um indígena, seguindo-o na descida da mesa, toque em seu ombro e diga: “Há apenas uma coisa que esqueci de lhe contar. Um velho indígena chamado Skinner planejou tudo dessa maneira”. Isso destruiria tudo. Saber que alguém havia pensado e planejado aquilo, em vez de ter sido o produto de uma evolução acidental das culturas, faria com que tudo perdesse completamente seu valor. Aquele velho indígena teria tido todo tipo de motivos despóticos e tirânicos. Mesmo que agora já estivesse morto, talvez, teria estado controlando as pessoas. Essas pessoas estariam vivendo uma vida que ele planejou. Ora, se formos tolos a ponto de permitir que nossas reações às formas de controle do passado interfiram no livre exercício da ciência no planejamento da cultura, então teremos exatamente aquilo que viemos a ter. Mas outros não serão tão tolos, e serão eles que contribuirão para o mundo do futuro.

ROGERS: O Dr. Skinner comentou anteriormente que continuaríamos descobrindo o que aprendemos neste encontro durante semanas e meses depois dele. Sinto que isso é muito verdadeiro. Acho difícil chegar a quaisquer considerações realmente conclusivas. Gostaria de dizer que adquiri um respeito cada vez maior pelo Dr. Skinner como pessoa, por sua sinceridade, sua gentileza, seu humor, seus amplos interesses acadêmicos e pela honestidade com que procura enfrentar as implicações dos rumos para os quais as ciências do comportamento estão nos conduzindo. Aprendi profundamente com ele, tanto no passado quanto durante estes encontros. Muitas vezes pensei, e gostaria de dizer, que considero que ele é a pessoa, dentro da vertente comportamental da Psicologia, que exerceu um impacto altamente significativo sobre nossa sociedade e nossa cultura, e respeito seu trabalho.

Permanecem algumas diferenças profundas entre nós, embora eu pense que sejam definitivamente menores do que quando estas discussões começaram, e suspeito que as diferenças mais profundas não serão reconciliadas por nós. Elas serão reconciliadas por vocês e por outras pessoas. Não sei se o Dr. Skinner sabe disso, mas um ex-aluno dele e um ex-aluno meu estão trabalhando juntos no desenvolvimento de uma forma de instrução programada para a melhoria das relações interpessoais. Você sabia disso? (*Skinner ri.*) Assim, em uma espécie de segunda geração, é possível que haja um trabalho significativo em direção a uma reconciliação.

Vejo grandes áreas de concordância entre nós, embora não tente especificar todas elas. Uma delas está no fato de que muitas das observações feitas pelo Dr. Skinner apontam para uma ciência do comportamento que, no futuro, terá um papel significativo no planejamento de nossa cultura. A questão profunda permanece: que tipo de papel ela desempenhará? Certamente estamos de acordo quanto às regras da ciência e quanto ao ser humano quando considerado de uma perspectiva científica. A partir dessa perspectiva, ambos vemos o comportamento como determina-



do e ambos reconhecemos a possibilidade de estabelecer condições prévias que levem aos efeitos desejados e que, em essência, constituam a base para o planejamento de uma cultura.

Mas há uma diferença na maneira como concebemos a ciência. Pelo que entendo, Skinner vê a si mesmo e o mundo, assim como o indivíduo de seu *Walden Two*, como figuras automatizadas movendo-se inexoravelmente por caminhos predeterminados. Considero essa perspectiva fecunda em meu trabalho como cientista, mas não como uma visão de mundo total, e a considero inadequada como uma perspectiva sobre o ser humano em sua totalidade.

Ficou evidente ao longo de nossas discussões que uma de nossas diferenças mais marcantes diz respeito ao lugar da subjetividade. Para mim, palavras como “liberdade” possuem profundo significado experiencial, realidade e importância. Espero ter ajudado a mostrar que, quando acreditamos na liberdade e na escolha individuais como uma realidade paradoxal em um mundo determinado, seguimos direções diferentes e temos uma consideração diferente pelo indivíduo humano daquela que teríamos se não sustentássemos essa perspectiva. Acredito que esse seja um ponto em que divergimos, embora eu tenha me surpreendido com várias coisas que ouvi o Dr. Skinner dizer e agora esteja um pouco menos certo sobre qual é, exatamente, sua posição. Em determinado momento, ontem, ele disse com verdadeira convicção: “Eu acredito...”. Fiquei tão abalado com isso que esqueci exatamente no que ele acreditava. Ele também mencionou que, se fôssemos planejar uma cultura, seria necessário escolher os valores que desejássemos estabelecer. Depois, nesta manhã, falou em elaborar uma filosofia que fosse apropriada. Para mim, uma filosofia é o significado da experiência. Isso me parece contradizer algumas das outras coisas que ele disse. Portanto, não tenho certeza. De qualquer modo, ficou claro que ele possui e vive uma vida subjetiva na qual a crença e a liberdade operam. Parece-me, contudo, que ele atribui importância secundária, ou pouca importância, à vida subjetiva dos outros e não a considera muito seriamente em seu planejamento de uma cultura. Nesse aspecto, de fato, divergimos profundamente.

Outra diferença é que acredito que o Dr. Skinner não distingue entre controle e influência. Para mim, são coisas bastante distintas. É importante saber se a pessoa com quem estamos lidando tem a possibilidade de participar da escolha. Se compreendo corretamente o Dr. Skinner, isso é secundário e não tem importância especial. O que valorizo neste encontro é que vocês, da plateia, são livres para escolher subjetivamente aquilo que desejam aceitar ou rejeitar. Uma das coisas que eu valorizaria, não apenas neste encontro, mas em qualquer tipo de cultura de cujo planejamento eu participasse, é que ela fosse repleta de experiências como esta. As pessoas seriam confrontadas com a dificuldade e a realidade da escolha, expostas a diferentes fatos, pontos de vista, opiniões e assim por diante, e teriam de escolher a posição a assumir diante dessas questões. Uma das bases essenciais para maximizar o potencial humano é tornar continuamente disponíveis a oportunidade e a necessidade de escolha.

Outro ponto em que talvez discordemos, e aqui novamente estou um pouco intrigado, diz respeito ao valor da genuinidade. Passei a considerar, particularmente em meu trabalho em psicoterapia, que uma das qualidades mais importantes nas relações humanas é a genuinidade, o fato de uma pessoa estar em contato real e genuíno com outra: um indivíduo sendo, tão plenamente quanto lhe é possível, os sentimentos que está experienciando naquele momento. Em uma cultura que eu pudesse planejar, esperaria ter líderes capazes de ser transparentes: não ocultariam aquilo que são; seriam pessoas dispostas a expor seus pontos de vista, atitudes e sentimentos aos indivíduos com quem estivessem trabalhando, de modo que os encontros entre as pessoas fossem reais e se baseassem nas realidades internas existentes. Não tenho qualquer dúvida quanto à genuinidade pessoal do Dr. Skinner. Fico intrigado, entretanto, quando ele fala em planejar culturas, porque, nesse caso, parece que, para simplificar excessivamente e talvez ser um pouco extremo, nada é realmente “para valer”. Isto é, os comportamentos que são produzidos servem a outros propósitos, e não a si mesmos. Acredito que ele considere que, uma vez que todas as relações humanas são simplesmente formas de manipulação, tenhamos ou não consciência disso, a qualidade da genuinidade não possui importância. Posso compreender essa posição, mas ela não corresponde à minha experiência.

Outra diferença que reconheço diz respeito à nossa disposição para controlar. Aqui, novamente, aparece a diferença entre controle e influência. Eu esperaria ser capaz, tanto ao lidar com indivíduos quanto com grupos, de estabelecer condições que libertem, favoreçam a liberação e promovam a espontaneidade, de estabelecer condições prévias que produzam determinadas consequências. Minhas experiências ao fazer isso me deram grande confiança nas características básicas do indivíduo humano quando ele é livre. Assim, meu objetivo principal seria proporcionar condições para uma liberação e um crescimento ótimos, em vez de estar voltado primordialmente para o controle.

Há nisso algo de útil, esperançoso e irônico: para um homem que acredita que as palavras “valor”, “escolha” e “propósito” conservam muito pouco de seu significado habitual em um mundo científico, não há dúvida de que o trabalho do Dr. Skinner provocou, e continuará provocando, enorme controvérsia em torno da escolha de valores, dos propósitos e das direções que escolhemos seguir. Nesse sentido, sinto que estamos realmente do mesmo lado, porque é exatamente isso que eu também gostaria de fazer. É assim que vejo o propósito deste encontro. Procuramos apresentar diferentes pontos de vista, diferentes propósitos possíveis, diferentes valores em relação à educação e ao planejamento de uma cultura futura; e a escolha desses valores é algo sobre o qual todos nós continuaremos trabalhando nos próximos anos.



Bibliografia⁷⁸

- Gladstein, G. A. (1983). Understanding empathy: Integrating counseling, developmental, and social psychology perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 30(4), 467-482. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.30.4.467>
- Hoauiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kirschenbaum, H. & Henderson, V. L. (1989) (Eds). *Carl Rogers – Dialogues: Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May, and others*. Houghton Mifflin Company: Boston, Massachusetts.
- Lopes, E. J.; Rossini, J. C.; Lopes, R. F.; Gomes, W. B. & Carone, I. (2018). Revolução cognitiva e processamento de informação sessenta anos depois: retrospectiva e tendências. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 35, 40-64. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6887>
- Martin, J. (2017). Carl Rogers' and B. F. Skinner's approaches to personal and societal improvement: A study in the psychological humanities. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 37(4), 214-229. <https://doi.org/10.1037/teo0000072>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2017-49603-001>
- Rogers, C. R. & Buber, M. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14 (2), 233-243 (Tradução de Andréa de Alvarenga Lima e Revisão Técnica de Adriano Holanda). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Rogers, C. R. & Tillich, P. (2008). Carl Rogers Dialogues – Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127 (Tradução de Marcos Ricardo Janzen; e revisão técnica de Gustavo Vieira da Silva e Adriano Holanda). Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100017
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21(2), 95-103. <https://doi.org/10.1037/h0045357>
- Rogers, C. R. (1963a). The concept of the fully functioning person. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 1(1), 17-26. <https://doi.org/10.1037/h0088567>
- Rogers, C. R. (1963b). Toward a Science of the Person. *Journal of Humanistic Psychology*, 3(2), 72-92. <https://doi.org/10.1177/002216786300300208>
- Rowley, R. (1995). Joseph Wood Krutch: The Forgotten Voice of the Desert. *The American Scholar*, 64(3), 438-443. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41212355>
- Skinner, B. F. (1973). *O Mito da Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- Stewart, J. L. (1992). Wendell Johnson: A memoir. *ETC: A Review of General Semantics*, 49(4), 424-432. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42577384>
- Zahavi, D. (2014). Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, 3 (2), 151-170. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/15182/12116>

⁷⁸ Obras citadas ao longo do texto, por tradutoras e revisores. O texto original não traz citações (N. do E.).